





Universidade do Minho

Instituto de Educação

Mariana Gonçalves Fonseca Silva

**A Mediação e a Prática Pedagógica na
Prevenção de Conflitos em Contextos
Educativos com Crianças de 2 a 5 Anos**

Relatório de Estágio Mestrado em Educação Área de Especialização
em
Mediação Educacional

Trabalho efetuado sob à orientação da
**Doutora Maria Assunção Flores (UMINHO) e Doutora Maria Inês
Marcondes (PUC-RIO)**

Julho de 2021

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Desde o primeiro momento desta jornada, com a mudança de país para estudar e conhecer uma nova cultura e assim estar mais próxima das raízes do meu avô, a dúvida e o medo de chegar até esse trabalho final era constante.

Agradeço à Universidade pelas oportunidades de crescimento pessoal e profissional, que através das Professoras, conseguiram parceria com uma Universidade no Brasil, para que fosse possível o desenvolvimento desse trabalho no meu país de origem.

Um grande e especial agradecimento à Instituição de ensino em que o estágio foi realizado, que mais uma vez esteve de portas abertas para que eu pudesse desenvolver as atividades que foram possíveis, no meio da crise mundial de saúde.

À minha família Silva, que me acolheu e abriram as portas do restaurante da família para que eu pudesse trabalhar para pagar a universidade e me deram todo o suporte necessário. Obrigada, Vô. Por essa herança que me deixou, três meses depois que já estava em Portugal. Acredito o quanto de orgulho dei ao Senhor por ter voltado às suas raízes e ter ido estudar.

Aos meus pais, que desde o surgimento da ideia de ir para Portugal me apoiaram e me incentivaram a ir atrás dos meus sonhos e vontades. Me compreenderam desde sempre, mesmo tendo que aguentar as saudades todos os dias.

Ao decorrer do desenvolvimento do projeto, tive pessoas fundamentais para a realização deste. Obrigada especial para aqueles que estiveram comigo nos momentos mais complicados, e fizeram com que eu acreditasse que a vitória seria possível e que eu alcançaria a minha meta.

Deus e Nossa Senhora do Rosário de Fátima, obrigada por sempre me proporcionarem forças de onde eu não sabia que ainda eu teria. Venho conquistando tudo que pensei e é graças a Deus e Nossa Senhora, que abriram meus caminhos, colocaram pessoas que foram essenciais para que pudessem me apoiar quando a situação apertasse.

Obrigada a mim, que nunca desisti mesmo tendo todos os motivos, que consegui lutar contra a depressão e o transtorno de ansiedade, no meio de uma pandemia mundial.

Às minhas orientadoras, obrigada por todos os conhecimentos repassados, pela paciência e por compreender cada situação em que eu me encontrava, não desacreditaram do meu potencial e me motivaram a continuar escrevendo e desenvolvendo o presente trabalho.

Enfim, a todos aqueles que manifestaram de alguma forma, me incentivando, por palavras, gestos de carinhos e por pensamentos, o meu muito obrigada!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mas declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A MEDIAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA PREVENÇÃO DE CONFLITOS EM CONTEXTOS EDUCATIVOS COM CRIANÇAS DE 2 A 5 ANOS

RESUMO

Este resumo aborda a temática “A Mediação e a Prática Pedagógica na Prevenção de Conflitos em Contextos Educativos com Crianças de 2 a 5 Anos”, que corresponde ao segundo ano do Mestrado em Educação, na área de especialização de Mediação Educacional.

O âmbito do estágio foi em uma instituição particular, visando a prevenção de conflitos, tendo objetivos que se situam no contexto da mediação socioeducativa, entre eles estimular o desenvolvimento intrapessoal e interpessoal, através da promoção da comunicação aberta e melhoria de relacionamentos, promovendo a boa convivência, autonomia, participação, a escuta-ativa, entre outros.

Com o intuito da investigação ocorrer da melhor forma e transformar a mediação escolar em um instrumento para resolução de conflitos, harmonizando o trabalho em rede, para uma educação de valores, foi necessário utilizarmos instrumentos como: questionários, análise de dados, entrevistas informais e formais, diário de bordo e observação direta e indireta. A recolha dos dados através do diário de bordo foi possível e útil para a programação de atividades que estavam sendo planejadas.

Por questões internacionais, relacionadas com a pandemia da COVID-19, não foi possível a aplicabilidade das atividades planejadas, porém vale ressaltar a importância da prática no contexto educacional.

Apesar de tudo, no tempo que foi possível, inovamos, aprendemos e ensinamos, sobre como mediar em contexto educacional debilitado, dando-lhe mais atenção, voz ativa e escuta ativa, respeitando as hierarquias e as diferenças, dando ao outro espaço para o diálogo, com o propósito de ter menos conflitos pela falta na comunicação entre as partes.

Palavras-Chave: Mediação, Prática, Pedagógica, COVID-19, Conflito, Resolução Mediação Socioeducativa.

MEDIATION AND PEDAGOGICAL PRATICE IN CONFLICT PREVENTION IN EDUCATIONAL CONTEXTS WITH CHILDREN AGED 2 TO 5 YEARS OLD

ABSTRACT

This abstract addresses the subject “Mediation and Pedagogical Practice in Conflict Prevention in Educational Contexts with Children Aged 2 to 5 Years Old”, within the second year of the Master in Education, in the area of Educational Mediation specialization.

The internship was conducted in a private institution, focusing on conflict prevention. The objectives related to socio-educational mediation, intrapersonal and interpersonal development, through open communication and relationships improvement, promoting the good coexistence, autonomy, participation, active listening and others.

The investigation purpose was to transform school mediation into an instrument for conflict resolution, through networking, for an education based on values.

In this matter, it was necessary to use instruments such as: questionnaires, data analysis, informal and formal interviews, logbook and direct and indirect observation. The data compilation through the logbook was possible and useful to the programming of activities that were being planned.

Due to international issues, related to the spread of the COVID-19 pandemic, it was not possible to apply the planned activities, but it is worth emphasizing the importance of the mentioned practice in the educational context.

However, in the limited time in which this research was developed, we innovated, learned and taught about how to mediate in an educational context marked by weaknesses, giving it more attention, active voice and active listening, respecting hierarchies and differences, creating space for dialogue, with the purpose of having less conflicts due to the lack of communication between the parties.

Keywords: Mediation, Practice, Pedagogical, COVID-19, Conflict, Resolution, Socio-educational Mediation.

ÍNDICE GERAL

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	ii
LICENÇA CONCEDIDA AOS UTILIZADORES DESTE TRABALHO	ii
AGRADECIMENTOS	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT	vii
ÍNDICE DE FIGURAS	x
ÍNDICE DE QUADROS	xi
ABREVIATURAS	xii
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO.....	5
2.1. Caracterização da Instituição	5
2.2. Caracterização do Público-alvo	9
2.2.1. Integração no contexto do estágio: Motivações, Expectativas e Desafios	12
2.3. Diagnóstico de necessidades	18
2.4. Objetivos para a proposta de intervenção.....	21
3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO.....	24
3.1. Educação para a Cidadania e a Escola	24
3.2. A Mediação de Conflitos: histórico e perspectivas atuais	26
3.3. Modelos de Mediação de Conflitos	29
3.4. Mediação de Conflitos e Práticas no Contexto Escolar	33
3.4.1. Metodologia de resolução colaborativa de conflitos.....	36
3.4.2. Metodologia de desenvolvimento pessoal e social.....	37
3.4.3. Metodologia integrada de prevenção	37
4. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO	39
4.1. Fundamentação das opções metodológicas	39
4.2. Os pressupostos da Investigação-ação, suas modalidades e modelos.....	41
4.2.1. Modalidades de Investigação-Ação	44
4.2.2. Modelos de Investigação-Ação.....	46
4.3. Instrumentos e técnicas de Avaliação	53
4.4. Condicionantes e limitações do Projeto.....	57

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO/PESQUISA	60
5.1 Apresentação das propostas no ambiente do estágio	60
5.2 Análise crítica e discussão dos resultados esperados	76
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	82
Anexo I - Questionário Introdutório	84
Anexo II - Resumo de observação de Estágio: Período do dia 26 de Agosto a 12 de setembro de 2019.	85
Anexo III - Resumo de observação de Estágio: Período do dia 26 de setembro a 11 de outubro de 2019	87
Anexo IV - Resumo de observação de Estágio: Período do dia 16 de outubro a 16 de dezembro de 2019	90
Anexo V - Questões a conversar e refletir com a Coordenadora	93
Anexo VI - Resumo de observação de Estágio: Período do dia 06 de fevereiro a 13 de março de 2020	94
Anexo VII – Questionário Reflexivo.....	96

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Mulher.....	14
Figura 2: Senhora.....	15
Figura 3: A projeção das duas imagens juntas.....	15
Figura 4: Modelo de comunicação	30
Figura 5: Modelos de Mediação	32
Figura 6: Linha de Lewin.	42
Figura 7: Espiral de ciclos da IA.....	46
Figura 8: Modelo de Investigação-Ação de Lewin.....	47
Figura 9: Os movimentos da IA.....	48
Figura 10: Ciclo da investigação-ação	49
Figura 11: Ciclo de Investigação.	50
Figura 12: Um ciclo de Ação-Reflexão.	51
Figura 13: Fases da investigação-ação apresentada por Kuhne & Quigle.....	53
Figura 14: Técnicas e instrumentos de Investigação-Ação.....	55

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Modalidades de IA.....	45
Quadro 2: Descrição e calendarização das atividades de investigação-ação.	62

ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CNV - Comunicação Não Violenta

ECA - Estatuto Da Criança E Do Adolescente

IA - Investigação-ação

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea caracterizada pela diversidade, vivenciam-se situações problemáticas e conflituosas entre os sujeitos e os países entre si, provocando um cenário social e econômico de instabilidade, em que por vezes não é possível a resolução dessas situações, de forma harmoniosa e definitiva.

Nesse sentido, percebe-se a necessidade de se discutir sobre o tema visando que a escola é um ambiente de preparação para a vida em sociedade e que uma educação preventiva desta forma viria a educar para uma futura sociedade de paz.

Portanto, o tema desse projeto “A Mediação e a prática pedagógica na prevenção de conflitos nos contextos educativos com crianças de 2 a 5 anos” vai ao encontro das expectativas de sociedade mais igualitária, uma e justa. O trabalho foi elaborado junto à comunidade escolar, buscando estratégias para a prevenção e solução de possíveis conflitos.

Ainda hoje no Brasil, a Mediação Educacional é interpretada como Mediação de Inclusão de crianças com necessidades especiais, que precisam de um olhar singular para o desenvolvimento pedagógico nos espaços escolares. Essa interpretação ocorre porque a Mediação de Conflitos é na maioria das vezes conhecida apenas na área jurídica.

Segundo Flores et al. (2018), “a partir dos anos 60 do século XX a mediação surge de forma mais sistemática nas sociedades ocidentais”, na procura de solucionar questões jurídicas de uma forma mais democrática e amigável. Nota-se que a expansão dessa área se deve principalmente por causa das mudanças sociais que decorreram através dos anos, necessitando de uma proposta mais acessível para as pessoas envolvidas.

Ao longo dos anos, a mediação nascida nos bancos do Direito vai apresentando resultados positivos e vai sendo expandida para outras áreas do conhecimento. Assim, acaba chegando até os espaços educativos, onde podemos aplicá-la na busca de sanar os conflitos que se desencadeiam, trazendo melhorias tanto no ambiente como nas pessoas.

Na mediação novas formas de comunicação precisam ser desenvolvidas, é um processo em que os envolvidos devem estar dispostos a resolver para que ocorra a intercompreensão. Nesse processo, o mediador coordena as relações dos atores e pode auxiliar a desenvolver um trabalho de ordem preventiva.

Ao conhecer a prática do Mediador de conflitos no contexto educacional, podemos compreender que muitas situações poderiam ser evitadas, através de trabalhos preventivos, durante os trabalhos

pedagógicos, usando como recursos os Contos de Fadas e atividades psicomotoras que desenvolveriam o respeito ao próximo, a integração do grupo, o autoconhecimento e a autoestima, com o objetivo de desenvolver aspectos afetivos, sociais e individuais.

O projeto de intervenção e investigação integra-se no âmbito do estágio acadêmico do 2º ano do Mestrado em Educação, na área de especialização Mediação Educacional, da Universidade do Minho – Campus Gualtar.

O presente estágio foi realizado em uma instituição de ensino de rede particular, numa escola de Ensino Básico, com alunos da Educação Infantil, na faixa etária entre 2 e 5 anos.

Esse trabalho pode ser de auxílio significativo tendo em vista, em primeiro lugar, a criança, sempre o nosso objetivo maior, dando a ela condições de melhoria de vida e condições de desenvolvimento sadio. Faz-se útil também para os docentes, já que muitos não têm o conhecimento do trabalho do mediador educacional e como o trabalho em rede pode ajudá-los na disciplina da sala de aula, na solução e prevenção de conflitos.

No desenvolvimento desse projeto de estágio, a observação, os questionários e as anotações no diário de bordo foram os instrumentos utilizados para averiguar as necessidades do público-alvo, compreender quais seriam as estratégias usadas para alcançar os objetivos pretendidos e replanejar os caminhos que seriam trilhados.

O relatório está dividido em quatro partes: enquadramento contextual, enquadramento teórico da problemática do estágio, enquadramento metodológico e apresentação e discussão do processo de intervenção. No primeiro capítulo apresentamos essa introdução. No segundo capítulo faremos a caracterização da Instituição em seus aspectos físicos e pedagógicos. Também caracterizaremos o público-alvo da pesquisa, que são crianças na faixa etária de 2 a 5 anos, sabendo que na primeira infância temos chances de influenciar positivamente os comportamentos e relações sociais, planejando uma ação preventiva.

Ainda nesse capítulo falaremos sobre a integração do estágio no contexto educativo, relatando as motivações e expectativas em relação ao encaminhamento do projeto. Apresentaremos os diagnósticos das necessidades, onde analisamos as necessidades e dificuldades que encontramos na instituição e durante o período de observação.

O último tópico desse capítulo delimita os objetivos principais que nortearam o projeto e a pesquisa, entre eles a promoção da comunicação aberta e a melhoria de relacionamentos, a boa convivência e o desenvolvimento interpessoal e intrapessoal. Esses objetivos são eixos relevantes para a promoção da mediação e da prática de resolução de conflitos.

No terceiro, trazemos uma discussão sobre a Educação e a cidadania, focando nos aspectos sociais, nos desafios que se apresentam para essa instituição, pois está inserida numa sociedade complexa e heterogênea, havendo a necessidade de se adequar e promover as competências e habilidades dos seus discentes.

Um dos tópicos desse capítulo é a identificação da mediação, como uma proposta de intervenção, uma metodologia, que promove a solução dos conflitos, através do uso da mediação e do estímulo da qualidade da comunicação. Nesse mesmo capítulo trazemos à tona os modelos e as estratégias que serão utilizados nesse trabalho, caracterizando os protagonistas, discutindo sobre o processo de comunicação, mostrando o mediador, num papel neutro e imparcial, como peça fundamental para auxiliar na resolução dos conflitos e os modelos de mediação que poderão ser utilizados na busca do sucesso desse processo.

Já no capítulo quatro, fundamentamos a metodologia de investigação-ação, fio condutor da pesquisa, caracterizado como um processo sistemático e flexível, que reflete a problemática e suscita debate acerca dos problemas apresentados e edificando as ideias inovadoras. Identificamos o trabalho a ser realizado como uma pesquisa qualitativa, alicerçada no contexto educativo.

Analisamos a avaliação como um processo de recolha de dados, que pode ser realizada através de diferenciadas técnicas e modelos, tendo como intuito a melhor forma de se chegar ao conhecimento e aos dados pertinentes que se tornarão válidos para a tomada de decisões presentes e futuras. Segundo Coutinho (2004, p. 437), “é fundamental que o avaliador tome decisões metodológicas fundamentadas”, quer dizer, precisa estar atento às características humanas e culturais que afetam e interagem com os dados que vão sendo apreciados.

Explicamos algumas técnicas e instrumentos que costumam permear as pesquisas científicas e relatamos que nesse trabalho foi usada observações, conversas informais e estruturadas, questionários e diário de bordo. Ao relatarmos sobre as limitações do projeto, destacamos as dificuldades encontradas tanto no ambiente do estágio, como no cenário internacional com a chegada de uma pandemia, bem como nos assuntos pessoais que precisaram ser superados para o desenvolvimento desse projeto.

Para finalizar apresentamos o capítulo cinco que apresenta e discute as propostas que foram elaboradas e aplicadas no ambiente do estágio, além de analisar criticamente os resultados esperados e efetivados da pesquisa.

Nas considerações finais, fazemos um apanhado geral do que ocorreu no projeto de pesquisa, refletindo sobre variados aspectos de ordem pedagógica e pessoal.

Terminamos essa introdução com a certeza de que para elaborar e realizar essa pesquisa

percorremos um caminho pautado no compromisso, na oportunidade, na partilha, no crescimento e na aprendizagem, sabendo que a mediação nos levou a lindas descobertas, ao conhecimento de novas pessoas, às experiências diferenciadas e diversas, nos apresentou novas perspectivas e paradigmas, nos dando uma nova maneira de ver e ser no mundo.

2. ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO

2.1. Caracterização da Instituição

O estágio foi realizado no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em uma instituição de rede particular, fundada em 22 de maio de 1893, por iniciativa das Irmãs de uma Congregação da França, que vieram ao Rio de Janeiro para dar continuidade ao projeto de vida iniciado, na França, em 1831. Desde a fundação, a obra principal da Congregação é de formar Jesus Cristo no coração dos alunos, fazendo progredir, simultaneamente, o ensino das grandes verdades e a prática das virtudes cristãs. Um dos mais belos conselhos da fundadora aos educadores é que “a Educação não se ministra somente pela difusão da verdade, mas também dos bons sentimentos”.

Seguindo com convicção os ensinamentos da fundadora ainda hoje, o Colégio se esmera em desenvolver práticas pedagógicas que encaminham os Educandos para a construção e a participação em uma sociedade mais justa e humana. Possui um ambiente aconchegante, familiar e vasta área verde ao seu redor. Conta com um trabalho pedagógico interligado, em que conhecimentos adquiridos na Educação infantil e no Ensino Fundamental são aprofundados e se consolidam no Ensino Médio. O objetivo é preparar o jovem para o mercado de trabalho, ingresso nas Universidades Públicas e Privadas e o exercício da cidadania, aprimorando-o como pessoa humana, pela formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

O espaço físico do colégio é bem amplo. Atendendo às recomendações legais no que tange às leis, a saber:

Os Padrões Mínimos de Funcionamento das Escolas objetivam “reverter o quadro de ineficiência e iniquidade, visando garantir um mínimo de educação de qualidade a todos (...) Estes podem ser entendidos como o conjunto de condições de acesso, permanência e desempenho que permitem garantir um serviço educacional de qualidade”.

Nesses padrões mínimos estão incluídos:

- (a) espaços e equipamentos adequados nas salas de aula;
- (b) material escolar indispensável para professores e alunos;
- (c) instalações elétricas, hidráulicas e sanitárias adequadas;
- (d) diversos espaços complementares, devidamente equipados, de acordo com o porte da escola;
- (e) biblioteca ou canto de leitura; e
- (f) número suficiente de professores, com a formação mínima requerida por lei, para atender às

necessidades curriculares.

Para se definirem os requisitos mínimos (ambientes e equipamentos básicos), é considerada a capacidade de atendimento da escola, indicada pelo número de salas de aula. Esse indicador, por sua vez, permite contar com uma proxy do número de alunos atendidos por turno e também das séries que a escola oferece (1a a 4a ou 1a a 8a) (Waiselfisz, 2000, p. 19).

Podemos ver que Waiselfisz utiliza ainda a nomenclatura antiga, ocorrendo uma mudança em 2006 no Brasil, Baruel e Machado (2007) explicam em seu artigo:

em resumo o que ocorreu foi que o Pré da Educação Infantil passou a fazer parte do Ensino Fundamental, sendo agora o 1º ano desse ciclo. O Ensino Fundamental será organizado com cinco anos iniciais para crianças de 6 a 10 anos e, com quatro anos finais, para adolescentes de 11 a 14 anos. O 1º ano do Ensino Fundamental deverá manter sua identidade pedagógica e de instalações, observando, ainda, as orientações do Ministério da Educação de que a entrada no novo fundamental não pode representar uma ruptura com o processo anterior, vivido pelas crianças em casa ou na instituição de Educação Infantil, mas sim uma forma de dar continuidade as suas experiências para que elas gradativamente, sistematizem os conhecimentos.

Portanto a questão física da instituição não foi alterada, logo na entrada encontra-se o prédio da Educação Infantil e mais acima o prédio do Ensino Fundamental e Médio. Na área externa da parte de baixo do colégio encontram-se o parque da Educação infantil, um parque para crianças do Ensino Fundamental, um ginásio Poliesportivo coberto e uma quadra coberta.

Dentro do prédio da Educação Infantil encontram-se dois parques de areia e um espaço para a entrada e saída dos alunos. Um parque é para ser utilizado pelo berçário II e maternal I e outro para ser utilizado pelo maternal II. Ambos contêm brinquedos como casinhas, cavalinhos, balanços, baldinhos e pás. Porém, o parquinho de areia do maternal II não é coberto, ou seja, quando chove e até uns dois dias depois da chuva ele fica impossibilitado de ser usado.

Ainda no prédio da Educação infantil, o prédio é dividido em três andares, as salas são divididas em dois andares, sendo no primeiro andar o espaço que é para a entrada e saída dos alunos, onde se encontram banheiros de meninos e meninas e um espaço com TV para sessão de cinema. No segundo andar, também há entrada para os alunos na lateral, já que o colégio fica em uma subida, é composto por salas para berçário II, maternal I e II, Pré I, sala de jogos, biblioteca, sala de corpo e movimento, sala do integral I, enfermaria, coordenação, recepção, banheiros, cantina, cozinha e sala dos professores. Já o terceiro andar é composto pelas salas do Pré II, primeiro ano, sala de psicomotricidade, sala do integral II, mecanografia, banheiros, sala de informática, sala de ensino religioso e sala de reunião.

As opções para chegar ao segundo e terceiro andar são através de uma escada, equipada com corrimão e uma grade em sua lateral, o que facilita as crianças pequenas a segurarem nas mesmas ou

pela rampa feita para suprir a necessidade de uma aluna cadeirante, que hoje também é utilizada pelos demais, para facilitar a subida e descida dos pequenos para irem a sala de religião e de psicomotricidade.

Somente no berçário II e maternal I o banheiro é misto, a partir do maternal II até o primeiro ano são separados em meninos e meninas. As torneiras são baixas, adequadas ao tamanho das crianças e os vasos sanitários são de tamanho normal, possuindo o redutor para a criança sentar-se. Se a criança for muito pequena, por exemplo, do berçário ou maternal, ela não consegue sentar-se no vaso sozinha, precisando de ajuda.

Podemos observar que a instituição organiza sua estrutura de acordo com a LDB, Lei 9.394/1996, Capítulo II, seção I, Das Disposições Gerais, Artigos 22 e 23:

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Art. 23. A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

§ 1º A escola poderá reclassificar os alunos, inclusive quando se tratar de transferências entre estabelecimentos situados no País e no exterior, tendo como base as normas curriculares gerais (Brasil, 1996).

A distribuição de carga horária e dias letivos do colégio é organizada conforme o artigo 24, sendo a carga horária mínima anual de oitocentas horas, distribuídas por no mínimo duzentos dias letivos, não podendo contar com os dias reservados para as provas finais. O controle de frequência dos alunos é flexível e fica na incumbência da instituição, de acordo com o seu regime e as normas do seu próprio sistema de ensino.

Conforme o artigo 27, a Educação Infantil deverá observar seus conteúdos curriculares das seguintes diretrizes:

- I. A difusão de valores fundamentais, o interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;
- II. Consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;
- III. Orientação para o trabalho;
- IV. Promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais (Brasil, 1996).

Na instituição em que o estágio foi realizado, há desportos que são apoiados pelo colégio, para desenvolverem campeonatos intercolégiais, em que os alunos viajam pela instituição para jogar por um campeonato, sendo ele contra os colégios da mesma rede ou colégios diversificados, por questão

mundial da pandemia os jogos foram suspensos.

Atualmente, com muitas leis, os direitos e deveres da instituição e do aluno ficam assegurados, como por exemplo o direito à inclusão. Na instituição há crianças de inclusão, algumas delas precisam de uma acompanhante para a melhoria do seu desenvolvimento social e cognitivo. A necessidade desses profissionais de inclusão se dá, pois percebe-se que os profissionais desta instituição ainda não estão habilitados e preparados para desenvolverem adequadamente esses educandos e, conseqüentemente os pais são solicitados que seus filhos de inclusão tenham um acompanhamento específico, por alguém terceirizado pelos responsáveis.

O público-alvo da escola são crianças oriundas da classe média do Rio de Janeiro, mas a escola oferece bolsas para crianças de classe social mais desfavorecida. Essa análise é feita pela assistente social através de uma entrevista com os responsáveis pela criança, verificando qual a renda, qual localidade que se encontra e normalmente são de comunidades próxima ao colégio.

Posto isso, acredita-se que, com essas atitudes, a escola alcance seu objetivo, desenvolvendo o educando para uma sociedade mais igualitária, visando respeitar o desenvolvimento social e cognitivo de cada aluno, garantindo seu sucesso educativo, orientando os alunos menos desenvolvidos e com maiores déficits e abrilhantando ainda mais o sucesso dos alunos que conseguem desenvolver plenamente as suas capacidades.

A instituição visa a promoção do sucesso educativo através de palestras e cursos, todos os semestres, aos funcionários para ampliar e agregar melhor os seus conhecimentos. Nessas ocasiões, os envolvidos podem aprimorar as suas práticas educacionais, amenizando a exclusão escolar e melhorando os resultados educativos, visando a inclusão, a aprendizagem e o melhor convívio entre professores - professores, professores - alunos, professores - família e escola - professores e escola-família.

De acordo com o organograma dessa instituição, verifica-se que o colégio dá o suporte de apoio às famílias, contando com duas profissionais de Orientação Educacional, uma para a Educação Infantil e outra para o Ensino Fundamental e Médio e uma Assistente social. A organização da gestão do colégio é composta por uma Diretora Pedagógica, uma Vice-Diretora Pedagógica, três coordenadoras, sendo elas divididas uma para Educação Infantil, uma para Ensino Fundamental e a última para o Ensino Médio.

O prédio da Educação Infantil conta com quatorze professoras, quatro auxiliares de turma, sendo elas uma para o Berçário II, uma para o Maternal I da manhã e outra para o turno da tarde, uma para o Maternal II que trabalha nos dois turnos. O número total de alunos não foi revelado, porém estima-se uma média de cento e cinquenta alunos na Educação Infantil. Desses cento e cinquenta alunos pelo

menos um aluno em cada turma apresenta deficiência, tendo assim, necessidades educativas diferenciadas necessitando de um mediador de inclusão.

2.2. Caracterização do Público-alvo

O projeto de intervenção tem como público-alvo as crianças na faixa etária de dois anos até aos cinco anos, trabalhando com as turmas de maternal I, maternal II, pré I e pré II, sendo cada turma composta por:

- maternal I – matutino, 9 crianças;
- maternal I – vespertino, 12 crianças;
- maternal II – matutino, 10 crianças;
- maternal II – vespertino, 13 crianças;
- pré I – matutino, 12 crianças;
- pré I – vespertino, 14 crianças;
- pré II – matutino, 10 crianças
- pré II – vespertino, dividido em duas turmas, contendo em uma turma 13 crianças e na outra turma 12 crianças.

Inclui um total de 115 crianças, divididas em cada tempo-aula para desenvolver o plano de atividades de acordo com a faixa etária. Visando o trabalho de prevenção de conflitos, as atividades seriam trabalhadas de forma coletiva e individual, nos tempos disponibilizados pela escola para o desenvolvimento desta prática.

Entendemos que é nessa faixa etária que conseguimos trabalhar de forma preventiva, através da convivência escolar e social. Na primeira infância percebe-se a influência das primeiras orientações sociais, como por exemplo, a confiança, a segurança e a autonomia. A partir das observações das crianças, em relação às atitudes do adulto, elas, por fim, configuram o seu modelo social.

O educador brasileiro Celso Antunes, mestre em ciências humanas e especialista em inteligência e cognição, no livro “Educação infantil: prioridade imprescindível”, confirma que um colégio com boa estrutura e bem equipado estimula mais as crianças por conta de suas variadas formas de estimulação.

A escola bem equipada é importante pelos diversificados estímulos que propõe, mas sobretudo pela sociabilidade que provoca ao colocar a criança em contato com outras e, através dessa interação, fazer nascer regras de convívio e permitir-lhe construir habilidades sociais. No lar, essa possibilidade, sempre que possível, deve ser estimulada levando a criança a brincar com outras, mesmo um pouco

mais velhas, participar de festinhas e deixá-las sempre se relacionar, supervisionando essas relações e somente intervindo para evitar brigas ou brincadeiras que possam trazer algum risco (Antunes, 2012, p. 137).

Nota-se que, algum tempo atrás, as crianças brincavam mais livremente, tendo a estimulação mais frequente, de forma mais natural e ativa, como as brincadeiras de rua: pique pega, pique esconde, pique bandeira, onde elas pulavam, giravam, se escondiam, brigavam e faziam as pazes com mais facilidade. Hoje em dia, por motivos como falta de segurança pública e social, há restrições para que as atividades sejam feitas em locais mais abertos e públicos.

Porém, não podemos utilizar a falta de segurança pública e social como justificativa para a falta de estímulos. Pode-se procurar outras maneiras de se divertir e estimular a criança, ensinando-a a produzir e dividir o brinquedo, criando a própria autonomia em como lidar com seus amiguinhos, compreendendo o seu espaço e o do outro.

Algumas práticas que podem ser usadas como forma de estímulos e que haja uma segurança são as atividades feitas em casa e escolas, sendo proporcionadas através de jogos educativos, que podem ser facilmente produzidos pelas próprias famílias e professores, utilizando materiais recicláveis, por exemplo. Esses tipos de jogos além de desenvolver a autonomia e a autoconfiança, sensibiliza o lado de proteger o nosso meio ambiente e conscientiza que materiais velhos e já usados podem ser reutilizáveis.

Desta forma, acaba sendo necessário que a escola se torne um ambiente onde essas atividades e relações sejam profundamente estimuladas. A realidade de algumas famílias em que os pais necessitam trabalhar por longos períodos, não sobrando tempo hábil para proporcionar aos seus filhos essas experiências sociais ou mesmo as questões das separações conjugais que trazem, por vezes, dificuldades emocionais que acarretam comportamentos inadequados nas crianças. Esse conjunto de fatores interfere no cotidiano das crianças, deixando-as mais sensíveis e irritadiças, sendo dessa forma mais propensas a se envolverem num conflito.

Entre os alunos desta instituição, percebe-se a diversidade nas formas de ser conviver, trazendo um campo fértil para o desenvolvimento da pesquisa onde as situações de conflitos e as atividades que seriam desenvolvidas agregariam um grande valor para a instituição e para a vida dos envolvidos. Constitui uma excelente oportunidade para ampliar as discussões sobre a temática do conflito nessa escola e aprofundando o desenvolvimento da capacidade interpessoal e intrapessoal dos educandos.

Na perspectiva cultural, Pierucci (1999), citado por Candau (2012, p. 240), afirma que:

A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a ver-nos envolvidos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se, em ritmo acelerado e

perturbado, a consciência de que nós, os humanos, somos diferentes de facto (...), mas somos também diferentes de direito. É o chamado “direito à diferença”, o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente. The right to be different! como se diz em inglês, o direito à diferença. Não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos, motiva-nos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes um dos outros.

Pensando nesta perspectiva, a educação e a cidadania devem estar associadas e fazerem parte constante das atividades escolares, tendo como objetivo priorizar as diferentes metodologias de ensino que visem desenvolver o gosto pela escola, motivando para uma vida social mais harmônica, e num futuro mercado de trabalho, onde possam ajudar o próximo e queiram o bem do mesmo, desenvolvendo suas capacidades cognitivas e afetivas, procurando resolver seus problemas sem conflitos e de forma mais efetiva.

Para a pertinência do trabalho no ciclo de Educação Infantil, é necessário conhecer algumas peculiaridades, como a linguagem corporal, para desvendar cada sinal novo de que uma criança nos dá. No início da infância as crianças não utilizam em determinadas ocasiões a linguagem falada, por vezes se expressam através de choros e birras.

Ao nos aprofundarmos mais no conceito da linguagem corporal, podemos confirmar que pelas emoções e gestos entenderemos melhor seus anseios e desejos, como nos dizem Pease e Pease (2005, p. 19), no livro “Desvendando os segredos da linguagem corporal”: “A linguagem do corpo é o reflexo externo do estado emocional da pessoa. Cada gesto ou movimento pode ser uma valiosa fonte de informação sobre a emoção que ela está sentindo num dado momento”.

A análise da linguagem corporal nos proporciona num momento de resolução de conflitos avaliarmos melhor a situação naquele determinado momento, nos ajudando a escolher estratégias mais adequadas para a solução deles.

A partir da primeira infância, nota-se a aquisição da linguagem como forma de representar o mundo a sua volta, porém a criança ainda não tem maturidade suficiente para entender a função social dessa linguagem. Portanto, acaba utilizando-a baseada em si mesma.

Segundo Jares (2002, p. 7), “conviver significa vivermos uns com outros, na base de determinadas relações sociais e determinados códigos de valores, necessariamente subjetivas, no âmbito de um determinado contexto social”. Nessa convivência nos deparamos com pessoas que podem vir a pensar de formas diferentes da nossa, influenciadas por suas relações culturais, desta forma, podem ocorrer divergências de ideias, que conduzam a situações de embaraço que culminem num conflito.

O respeito, a boa comunicação e a comunicação não violenta, são bases para um bom convívio, portanto quando há um conflito Rosenberg (2021, p. 193) diz que para solução desses "o mais

importante é criar um vínculo entre os envolvidos. Isso faz funcionar todas as outras etapas da CNV, porque só depois de chegar a tal ligação é que cada lado tentará saber exatamente o que o outro sente e necessita".

Podemos utilizar a comunicação não violenta com os pequenos, prevenindo esses conflitos que ocorrem por excesso de trabalho dos pais. Já vimos que a linguagem é um fator principal na primeira infância, e vemos a necessidade de a CNV ser implementada na escola e nas famílias.

2.2.1. Integração no contexto do estágio: Motivações, Expectativas e Desafios

No término do primeiro ano do mestrado por questões de ordem pessoal e emocional precisei voltar para meu país natal, o Brasil. Conversei com a coordenadora do curso que me propôs realizar o restante do curso no Brasil, contando com o apoio da Universidade de Portugal e a parceria com a Universidade do Brasil.

Ao pensar no projeto logo tive a certeza de que seria interessante desenvolvê-lo num ambiente em que eu já havia trabalhado, pois conhecia algumas características dessa instituição e das carências que encontraria. Sendo assim, sabia que teria um terreno fértil para o desenvolvimento da pesquisa /intervenção e por guardar ainda em meu coração a vontade de colaborar para a melhoria do ambiente escolar.

Segundo Morgado e Oliveira (2009 p. 47), com a natureza organizativa da escola e as suas especificidades, encontramos a inevitável conflituosidade social; sendo assim, esse ambiente torna-se um campo propício à emergência de conflitos, depreendendo a necessidade de se educar as futuras gerações na busca da resolução criativa e nos benefícios da gestão construtiva dos conflitos.

Tendo em vista esse contexto, criei várias expectativas em como desenvolveria esse trabalho e de como seria a recepção daqueles profissionais frente a um tema ainda não conhecido por eles. Eu deduzia que a relação seria agradável e que teria um campo bem amplo para desenvolver as práticas necessárias e para fundamentar mais as aprendizagens que adquiri no percurso do mestrado.

Efetuei contato com a minha orientadora educacional na busca da oportunidade de desenvolver essa pesquisa na instituição e fui prontamente atendida nesta solicitação. A orientadora apresentou algumas dúvidas de como seria encaminhado esse trabalho, fui explicando-a ponto a ponto sobre as minhas expectativas e as ideias que tinha sobre as atividades que seriam propostas e o tempo de duração da pesquisa.

A orientadora educacional requereu a autorização à direção da escola para a efetuação de uma

reunião virtual onde esteve presente a Coordenadora Pedagógica e Orientadora Educacional da instituição e a Coordenadora do Mestrado e a orientadora do projeto e a estagiária. Nesta reunião, foi possível explicar como seria a prática do estágio, o desenvolvimento das atividades e do respectivo relatório e explicando sobre a temática do Mestrado.

Após essa reunião, foi possível pensarmos no trabalho em equipe que se iniciaria no mês de setembro de 2019, tornando-se oficial precisamente, no dia 1 de outubro do mesmo ano, conforme o regulamento dos mestrados e paralisado no mês de março de 2020, infelizmente, por causa da situação mundial em relação ao Coronavírus.

Quando ocorreu o início da integração percebi um retorno negativo por parte das professoras, não mostravam interesse nem disposição para participar das atividades e ainda senti que tinham receio de que eu estivesse ali avaliando-as ou mesmo pretendendo uma futura colocação na escola. As professoras mais antigas tiveram mais resistência em aceitar o trabalho proposto.

Portanto, senti dificuldade de desenvolver as atividades planejadas, já que o grupo pedagógico não estava colaborando na investigação e na aplicabilidade do projeto. Uma das vezes em que constatei essa dificuldade na aceitação foi quando fui convidada a participar de uma reunião pedagógica, onde poderia iniciar o meu trabalho, aplicando um questionário para que fosse possível verificar os conhecimentos prévios relacionados ao assunto do meu projeto.

Porém, no dia seguinte ao referido convite, fui “desconvidada” a participar, tendo como alegação que não haveria tempo hábil para apresentar a temática e aplicar o questionário. Foi sugerido que a orientadora educacional executasse o planejamento desenvolvido pela estagiária.

Nessa ocasião foi como receber um balde de água fria, essa situação me desanimou bastante, pois parecia que estavam escondendo algo de mim. Tive dúvidas se conseguiria desenvolver a contento o que pretendia e se estaria contribuindo positivamente para a instituição. Desta forma, o que para mim parecia fácil tornou-se complexo pelos obstáculos colocados com frequência no decorrer do projeto.

Jares (2001, p. 82) nos deixa explícito que temos que encarar os conflitos de forma positiva e de carácter democrático no meio escolar, e que todos os protagonistas do ambiente educacional permitam a troca de perspectivas diferentes para uma excelência no exercício corporativo.

Estudando para desenvolver melhor este trabalho e a prática na instituição, percebi que poderia vir dar um exemplo que foi estudado no livro "Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes", de Stephen R. Covey (1989). Onde ele expõe um estudo sobre duas imagens, que tem o objetivo de mudanças de paradigma, que pode vir a ser aplicado em soluções de conflitos externos e internos.

Nesse estudo, Covey (1989) informou que teve acesso a essas imagens através de um professor

na Faculdade de Administração de Harvard, com o intuito de demonstrar que duas pessoas podem ver coisas diferentes ao observar a mesma imagem, "discordar e ter razão, simultaneamente. Isso não é lógico, é psicológico".

A ideia deste professor foi dividir a turma, criar um conflito e junto eles tentarem mostrar seus respectivos pontos de vista diferentes, até que todos pudessem entrar num diálogo para solucionarem o conflito de forma amigável, respeitosa e harmônica.

Para prosseguirmos sobre minhas expectativas, motivações e desafios, preciso mostrar-vos como foi possível enfrentar toda a questão da quebra da minha expectativa sob a instituição e funcionários. Para isso, treinei algumas vezes a quebra de paradigma. Portanto venho explicar a dinâmica referente sobre os desenhos. Observe-as e análise:



Desenho 1

Figura 1: Mulher (Covey, 2021, p. 52).

Ao observarmos o desenho, podemos ver que é uma mulher, jovem, provavelmente com uns 25 anos de idade. Uma parte da turma viu essa imagem, a outra parte viu a desenho abaixo:



Desenho 3

Figura 2: Senhora (Covey, 2021, p. 73).

Agora, ao observarem a figura 2, conseguiram ver o outro ponto de vista do grupo? Pois é, agora temos uma senhora de aproximadamente de 60-70 anos. Os dois grupos começaram a debater e a se xingarem, porque não viam a mesma coisa, então o professor mostrou-os a figura 3:



Desenho 2

Figura 3: A projeção das duas imagens juntas (Covey, 2021, p. 53).

Ao serem perguntados o que viam, na segunda cartela que foi apresentada, cada um respondeu aquilo que tinha visto na primeira, o grupo da idosa viu a idosa, e quem viu a jovem continuava vendo a jovem, assim o professor interveio e pediu para que um representante de cada grupo pudesse mostrar onde viam seus respectivos pontos de vistas. E até que todos entenderam que só resolvemos com o diálogo mostrando nossos paradigmas, e ao quebrarmos ele, nos permitirmos ver de outra forma.

Então, o meu processo de aceitação ao quebrar minhas expectativas foi bastante complicado por ter que quebrar meus paradigmas e crenças referente aquilo que eu esperava. Ao compreender o ponto de vista das professoras e instituição pude proceder no desenvolvimento do trabalho.

Com isso, a orientadora educacional retornou que os profissionais presentes na reunião tinham várias dúvidas em relação ao assunto. Orientou-me que haveria a necessidade de sanar essas questões para a continuação do projeto. Ao me deparar com as respostas obtidas nos questionários introdutórios da pesquisa, compreendi as dificuldades de conhecimento sobre a temática.

Estava diante de um grande desafio, precisei me recompor e tomar para mim a rédea da situação, fui aos poucos tentando quebrar as barreiras que se precipitavam e mostrando-me receptiva, estando sempre à disposição e com horários flexibilizados. Assim, a escola foi abrindo espaço para que eu pudesse estar presente nas salas de aula, com o meu público-alvo, observando como poderia efetuar o trabalho que havia pensado.

Aos poucos fui voltando a ficar motivada, estava focada em realmente gerar na escola um ambiente fértil de diálogo e bem-estar. Os conflitos que observava já me rendiam expectativas de como seria mediá-los, de que forma poderia contribuir para que aquele ambiente se tornasse agradável e saudável e como ajudaria aquelas crianças a perceberem a importância do respeito mútuo.

Houve a oportunidade de participar de uma outra reunião de final de ciclo, onde seriam debatidos os pontos negativos e positivos do ano que se encerrava, ideias para o próximo ano e como seriam as turmas e o desenvolvimento pedagógico, além de ocorrer um momento de dinâmica entre os funcionários, um ambiente propício para mais observação e verificar como era o convívio entre os professores e coordenação sem ser em sala de aula. E pude observar que eles se entrosam, não percebi que eles tentam competir, porém tem sempre uma ou outra que fala mais, porém observo isso como algo normal, por quererem expor seus pontos de vista e ideia.

Nesta reunião, houve três momentos:

No primeiro, a coordenadora pedagógica explicou como foi o ano pedagogicamente, o que pretendia para o ano seguinte de 2020 e lembrou os sucessos que tiveram durante o ano letivo, reforçando que não vivemos só de fracassos e que precisamos valorizar nosso processo de

desenvolvimento de melhora e comemorar nosso sucesso frente ao trabalho que foi feito.

O segundo momento, foi com a orientadora educacional, lembrando como é importante trabalharmos em equipe e desenvolvermos um trabalho contínuo no colégio. Ela aplicou uma dinâmica onde deveriam levar o girassol disponibilizado por ela para a pessoa sorteada. O objetivo dessa dinâmica era incentivar o companheirismo, lembrar que cada um tem o seu brilho e que não precisamos atrapalhar o processo do outro para termos o nosso sucesso e que podemos sim nos disponibilizar para o outro caso seja necessário ajuda.

Lembrando que há profissionais que não fazem essa troca por achar que o outro não vai recebê-lo bem, e que pode vir ter uma competitividade desnecessária e atrapalhar no desenvolvimento organizacional e por fim, atrapalhar no desenvolvimento de ensino-aprendizagem.

No terceiro e último momento, tive a oportunidade de entrar em contato com os profissionais, aproveitei para esclarecer as dúvidas que ainda rondavam a equipe perante a minha intervenção na instituição. Eu os pedi, como um trabalho preventivo, para pensarem em uma palavra que os lembrariam do seu objetivo principal para o ano de 2020. E que eles deveriam posicionar essa palavra em um lugar de fácil acesso e visível para lembrá-los sempre do quanto é possível resolver os conflitos escolares tendo em vista um ambiente mais saudável e solidário. E solicitei que refletissem sobre o ano de 2019, dos pontos positivos e negativos, para que assim não repetissem no ano seguinte e que pudessem evoluir para a eficácia de um trabalho colaborativo e harmônico.

Ao retornarmos das férias escolares, pude observar que as professoras e a coordenação estavam mais dispostas, abertas para o diálogo e inovar com o meu projeto. Aguardamos o período de adaptação de retorno das aulas e, em seguida, o retorno pós carnaval. Essas adaptações influenciavam o desenvolvimento, porque como estávamos trabalhando com a educação infantil, eles precisavam deste momento para conhecer a nova professora e voltar à rotina escolar.

Segundo o artigo de Dias, Oliveira, Sirino & Ferraz (2018, p.3), “o professor deve exercer o papel de um facilitador e auxiliar esse aluno que ingressa a escola pela primeira vez, ou está mudando de série, de forma mais aprazível possível com jogos, brincadeiras e atividades lúdicas, tornando a situação e o espaço o mais acolhedor possível para a criança.”

Pensei nisso e tive a escolha de aguardar passar o período de adaptação e aproveitar para observar como os professores exerciam o papel de mediador e facilitador no período de adaptação e como lidavam com as famílias que ali aguardavam as notícias de seus filhos

Para Dias, Oliveira, Sirino e Ferraz (2018, p.3), “dessa forma, o diálogo dos professores com a família ganha destaque no desenvolvimento emocional da criança, podendo esta ser encorajada a torna-

se parcialmente autônoma em relação à dependência dos adultos, a aprender a resolver conflitos, a ser curiosa, a confiar em si mesma e a exprimir suas ideias, medos e angústias. Tudo isso sem perder o controle e o cuidado com as mesmas.”

Iniciei o ano letivo na instituição refletindo sobre as expectativas que tinha em relação ao desenvolvimento da minha intervenção. Pretendia colaborar na criação de um ambiente de aprendizagem seguro e construtivo, onde fosse possível o treino de aptidões emocionais, buscando a redução das orientações e situações agressivas e utilizando estratégias construtivas promovendo o bem-estar geral.

Quando tudo estava se encaixando, inclusive sendo disponibilizados horários para que eu pudesse desenvolver as atividades programadas do projeto, ocorreu a paralisação da pandemia, que até então seriam apenas de 15 dias, e que acabou estendendo-se até o final do meu projeto, fazendo com que minha pesquisa ficasse apenas no papel, mas não perdendo a importância de desenvolvê-la assim que fosse possível.

Mantive contato com a instituição para que pudéssemos tentar resolver se haveria condições de aplicabilidade das atividades planejadas, debatemos e chegamos a conclusão de que não seria proveitoso para os alunos, pois estariam em ambiente virtual e perderíamos a essência das atividades que visavam principalmente a integração, a ajuda ao próximo, a promoção do desenvolvimento interpessoal e intrapessoal.

Meu principal objetivo era que os alunos fossem capazes de participar ativamente, percebendo as necessidades do próximo e que conseguissem agir de forma preventiva na resolução dos conflitos. Tendo em vista, a pouca idade, a dificuldade de mantê-los concentrados por um tempo útil nesse ambiente virtual e ainda a falta da relação presencial que seria fundamental para o desenvolvimento das atividades, decidimos que não seria viável realizar o projeto.

Silva (2016, p. 11), nos confirma que "a comunicação oral é um instrumento central desta relação - mediação formadora - sendo por isso indispensável uma interação oraç face a face, d emodo a produzir-se a co-contrução cognitiva e afectiva necessária à aprendizagem e à autonomização do sujeito aprendente". Por isso, compreendi que o meu objetivo não seria alcançado na prática, por conta da pandemia, e que pode a vir ser útil para um próximo trabalho e colaborar com outros profissionais de educação.

2.3. Diagnóstico de necessidades

Com a intenção de diagnosticar no estágio as necessidades no ambiente escolar, considerei

utilizar como técnicas de recolha de dados o diário de bordo, análise documental, a observação direta/não participativa e, em algumas ocasiões específicas, senti a necessidade de observação direta/participativa, através de conversas informais, narrativas informais e entrevistas estruturadas aos professores e auxiliares, à orientadora educacional e à coordenadora pedagógica.

A partir dessa técnica foi possível ter flexibilidade para observar e participar quando fosse solicitada ou por conta própria, colaborando para a recolha de dados. Outra técnica usada foi o diário de bordo, onde era possível realizar as anotações relevantes, os relatos ouvidos, sentimentos, perspectivas e ideias para o desenvolvimento do projeto. Desse modo foi possível utilizar a reflexão e criar estratégias para desenvolver com eficiência o trabalho proposto.

No período de observação tive acesso a alguns documentos, um deles chama-se Pauta de Reuniões, onde a Orientadora Educacional anotava todas as reuniões que eram realizadas, tanto com a equipe pedagógica como com os responsáveis. Através desse documento foi possível perceber a necessidade e importância do trabalho desta profissional.

Nota-se que a escola prioriza um trabalho em equipe; assim, torna-se viável implementar o trabalho de pesquisa, planejando e executando junto à Mediadora Educacional as atividades que seriam realizadas, na busca de reverter os casos de indisciplina e conflitos, contando com a parceria família-escola, com a orientação da coordenadora, orientadora e diretora da escola.

É importante ressaltar que, desde o primeiro momento quando estive na instituição, optei por apenas fazer a observação. Conforme ia presenciando as situações, senti a necessidade de aplicar alguns conhecimentos em prol da melhoria e valorização do projeto que ali vinha sendo realizado. Assim, solicitei a efetivação das propostas apresentadas no estágio junto da orientadora educacional e da coordenadora pedagógica.

No primeiro mês de estágio, procurei criar com os profissionais da instituição um vínculo de confiança, respeito e integração para que fosse possível realizar com tranquilidade o estágio proposto. Como já me conheciam ficou mais fácil esse primeiro contato.

No início do segundo mês, optei pela observação/participativa, sendo até convidada a participar da reunião pedagógica, porém, infelizmente, na semana da reunião fui “desconvidada”. A explicação dada foi que não teria tempo para dar aos profissionais uma breve explicação sobre a Mediação dos Conflitos e aplicar o questionário de introdução, que já havia preparado. Entretanto, a Orientadora Educacional se disponibilizou para conversar sobre o assunto na reunião e distribuir o questionário de introdução (Anexo I).

Imaginei que a explicação não surtiria tanto efeito, afinal não era a própria estagiária a

desenvolver o trabalho programado, porém como era uma introdução e o objetivo era compreender o que os profissionais conheciam sobre a Medição Educacional, foi realizado desta forma.

Tendo o resultado deste primeiro questionário, repensei qual seria a real necessidade da instituição e do seu público-alvo para o projeto de investigação/intervenção. Decidi ter um olhar mais atento aos educandos, embora tenha percebido que também seria proveitoso um trabalho junto aos profissionais de educação desta escola.

Tendo em vista que, em uma sala de aula, o professor é quem conduz, quem medeia e quem estimula tanto o social quanto o emocional/afetivo e o cognitivo, decidi que durante as minhas intervenções estaria atenta para auxiliar e orientar da melhor forma possível o educador. Devemos respeitar e valorizar o trabalho destes profissionais e ajudá-los no cotidiano escolar em busca da melhoria do ambiente institucional.

Em algumas ocasiões como: falta de professor, professor atrasado ou em reunião com responsáveis é que pude ter acesso às salas de aulas e ao meu público-alvo; tive a oportunidade de interagir através de conversas informais e das atividades extracurriculares, assim sendo, exigindo uma postura minha mais participativa e direta.

No segmento do Pré I, foi possível ter uma conversa informal mais estruturada, culminando na construção de uma história criada por eles através do brinquedo trazido de casa. Nos segmentos do Maternal I e II, compreendendo o fato que eles se expressam melhor através dos brinquedos, dos desenhos e da massinha, disponibilizei esses materiais para que, no decorrer da brincadeira, pudesse analisar as necessidades educativas dos alunos bem como as suas expectativas em relação à socialização e à forma como veem a escola.

Os diálogos com a orientadora educacional e a coordenadora pedagógica foram ficando mais frequentes, porém eram constantemente interrompidos pelas auxiliares educativas que vinham a pedido das professoras chamá-las para que auxiliassem e interferissem nas situações de indisciplina e conflitos ocorridos nas salas de aula.

No entanto, através de uma conversa formal, realizando uma entrevista estruturada à coordenadora pedagógica, tive acesso a algumas informações sobre a organização pedagógica dos alunos desta instituição. Através dela, foi possível compreender os comportamentos de alguns alunos que já vinha observando melhor.

Ao pensar e repensar nas necessidades e dificuldades encontradas nesta instituição, pude constatar que os problemas mais evidentes vinham da forma como eram abordados e como os conflitos e indisciplinas eram resolvidos.

Esses tipos de comportamentos entre indivíduos no ambiente educacional, ao ver de Torremorell (2021, p.59) "é totalmente compreensível que surjam conflitos entre alunos, porque as crianças, em pleno processo de mudança e crescimento, passam muitas horas por dia juntas e privadas de liberdade, num espaço reduzido onde convivem durante anos."

Entendemos que administrando os conflitos teremos uma compreensão emocional das crianças em período pré-escolar. Estudos mostram que crianças na fase pré-escolar apresentam dificuldade e pouca maturidade para identificar os conflitos internos e os conflitos que estão a sua volta, porém, conseguem reconhecer as emoções que estão vivendo de acordo com a idade. Podemos citar as emoções de alegria, raiva, tristeza, e o medo depende da experiência de cada criança. É por causa da

despreocupação com o investimento em convivência torna-se cara, porque, quando o clima das relações é negativo, os conflitos resultam mais facilmente em algum tipo de violência contra o trabalho docente e as tarefas de aprendizagem, o material escolar ou, pior ainda, as outras pessoas (Torremorell, 2021, p. 59).

E para Simões e Caetano (2009, p. 155), "à medida que vão crescendo o foco passa a ser ambiente social, os outros; por haver um recurso a estratégias maioritariamente do tipo competitivo - devido ao seu nível de desenvolvimento- e por terminarem com a não resolução do conflito".

Visto isso, foi possível concluir que as mediações na instituição seriam necessárias para o melhor desenvolvimento educacional e perante os pais, já que os conflitos e desentendimento ocorriam muitas vezes por falta de comunicação e falta de empatia, em se colocar no lugar do outro. A abordagem dos conflitos intervém diretamente ao comportamento entre os indivíduos que participam do conflito, e não o resolvendo cria-se um outro.

2.4. Objetivos para a proposta de intervenção

Nas escolas, a mediação precisa ser aplicada em todos os setores da comunidade escolar e estimular os atores a serem voluntários na solução dos conflitos, nas diversas ocorrências que poderão surgir no dia a dia.

Para Chrispino (2007, p. 20), "os conflitos educacionais, para efeito de estudo, são aqueles provenientes de ações próprias dos sistemas escolares ou oriundos das relações que envolvem os atores da comunidade educacional mais ampla".

No ambiente escolar compreende-se os pontos de vistas diferentes, mas não a forma de expor esses pensamentos, que por muitas vezes são as causas dos conflitos, mal-estar organizacional e de

convívio.

Segundo Jares (2002, p. 7), “conviver significa vivermos uns com os outros na base de determinadas relações sociais e determinados códigos de valores, necessariamente subjectivos, no âmbito de um determinado contexto social”. Isso quer dizer que necessitamos refletir sobre esse tema e ter em mente que a busca do bem-estar de cada sujeito perpassa pelos valores e aprendizagens que eles vão adquirindo ao longo da vida.

Se aprende a conviver, convivendo, a dialogar, dialogando, enfim, é na experiência e na prática que se aprende. Aprender a conviver com os demais se torna condição essencial para conseguir viver em sociedade:

La experiencia escolar cotidiana, entendida como un intercambio de significados, establece criterios sobre lo correcto y lo deseable en las interacciones sociales. Las prácticas discursivas en el aula y en la escuela, producen dispositivos regulatorios y posiciones normativas que definen lo que puede decirse y hacerse en ese contexto. Formulan un conjunto de soluciones y argumentos sobre como proceder en determinadas situaciones sociales (Paladino, 2006 apud Brandoni, 2017, p. 55).

Deve-se pensar que nesse contexto encontramos diferenciados problemas que geram conflitos, porém um dos que mais verificamos são os de indisciplina, que por vezes acabam em situações de violência e ou intolerância. Então em relação a essa realidade podemos questionar como solucionar essas questões e para tanto necessitamos traçar objetivos e estratégias.

Em minhas reuniões com a orientadora educacional sempre questionei como essa instituição enxergava as questões conflituosas e como agiam para evitá-las. Pude perceber que os conflitos eram resolvidos de acordo com o seu aparecimento e que havia poucas estratégias e propostas novas para efetivar uma abordagem mais preventiva.

Se agirmos com a mediação de prevenção do conflito, podemos transformar e desenvolver ainda mais nas crianças capacidades de relação social, da escuta ativa, culminando em mudanças no seu comportamento.

Pensando nessas questões delimitei os objetivos que pretendia alcançar durante a realização dessa pesquisa.

Assim sendo, os objetivos principais da minha proposta de intervenção foram:

- Desenvolver capacidades de evitar um conflito;
- Desenvolver a autonomia, participação e escuta-ativa;
- Desenvolver sentimentos e expressões para a gestão de conflitos;
- Promover a comunicação aberta para melhorar o relacionamento;

- Desenvolver a boa convivência;
- Desenvolver a capacidade de participação;
- Desenvolver a capacidade de empatia entre as crianças;
- Desenvolver a capacidade de ajudar ao próximo mesmo sem ser solicitado;
- Promover o desenvolvimento intrapessoal e interpessoal;
- Desenvolver o reconhecimento de sua identidade dentro da sociedade.

Esses objetivos estão de acordo com propostas de intervenções em mediação, onde podemos identificar eixos relevantes para a resolução de conflitos como: promoção da melhoria da comunicação, o desenvolvimento e os estímulos à participação ativa dos envolvidos.

Defini esses objetivos no início do meu planejamento da pesquisa, embasada em alguns autores que já estava estudando, mas compreendi que a escola é um organismo vivo e que, ao longo do percurso, poderia haver adaptações e mudanças. Tornou-se necessário refletir sobre a importância de tal pesquisa nesse contexto e do quão proveitoso seria para todos os agentes envolvidos.

Com a pretensão de desenvolver o projeto pensei em atividades que auxiliariam na chegada das metas traçadas, que proporcionariam um ambiente acolhedor, de troca de experiências, incentivando a busca pela prevenção de conflitos futuros e pela harmonia e desenvolvimento da paz. Já que o âmbito escolar é para que possamos aprender e desenvolver parcerias como escola-família.

De Oliveira & Cruz (2018, p.12), nos confirma que “a união entre família e a escola é necessária para contribuir com a criação de relações intergrupais embasadas no diálogo e no respeito, e que ofereçam aos dois grupos alternativas para evitar situações problemáticas no cotidiano.”

Para isso, precisamos trabalhar preventivamente desde pequenos para desenvolver nas crianças a criatividade, boa convivência, capacidade de solucionar conflitos, respeitando o próximo e a si mesmo, entre outros objetivos já foi apresentado acima.

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO

3.1. Educação para a Cidadania e a Escola

Para Flores et al. (2018, p. 7), “um dos grandes desafios desse século é a educação para a convivência e para a paz. É um desafio já assumido nas agendas políticas e sócio-organizacionais a nível mundial”. Desta forma, incorpora-se na educação a preocupação em desenvolver valores essenciais como: cooperação, responsabilidade social e cidadania.

Torremorell (2021, p. 64) diz que "o desejo de conviver em paz é uma inquietação social e uma preocupação mundial. Nesse sentido, a escola não faz mais que somar-se a um desafio de toda a humanidade de um ponto de vista educacional".

Hoje, pode-se caracterizar a escola com alto nível de complexidade e de grandes desafios, porém esse nível traz para a mesma a necessidade de criar estruturas pedagógicas e psicológicas mais elaboradas, sendo interessante trazer para aquele ambiente uma pessoa facilitadora que consiga trabalhar a relação entre a gestão, grupo docente e cada indivíduo. Como sugerem Oliveira e Cruz, no artigo Mediação de Conflitos Escolares: Educação para a cidadania e direitos humanos (2018, p.11)

É no contexto heterogêneo da escola, onde os direitos e deveres de cada ser humano na sociedade encontram-se inseridos, que os Mediadores se revestem de especial importância para mobilizar a capacidade de comunicação e conhecimento que cada um dispõe para gerir as situações de conflitos instituídas na sociedade contemporânea. A mediação possui caráter preventivo e educativo.

Cabe tanto à família, quanto à escola unir esforços para desenvolver aprendizagens referentes às atitudes, destrezas, normas e comportamentos que visem uma convivência mais harmoniosa. Vale ressaltar a importância da conversação e instituição das normas do dia a dia no contexto escolar, sendo negociadas entre todos os membros de determinado grupo.

Uma criança que no âmbito familiar tem a vivência e a inteligência emocional tem um suporte para sua vida existente. Dessa forma a criança consegue administrar seus conflitos baseada no suporte recebido dentro do primeiro contato social que é a família. O mediador educacional consegue perceber a habilidade dessa criança através do seu comportamento na sala de aula.

Na pré-escola essas normas devem ser exploradas através das interações e das brincadeiras que fazem parte dos eixos estruturais da Educação Infantil, assegurando os direitos a aprendizagem, acolhendo as situações do cotidiano e buscando experiências concretas entrelaçando com os conhecimentos do seu patrimônio cultural (Brasil, 2018).

A Base Nacional Curricular do Brasil estabelece cinco campos de experiências que indicam quais vivências devem ser incentivadas no ambiente escolar, buscando a garantia da aprendizagem. Esses campos valorizam a evolução das habilidades, valores, afetos e atitudes que devem ser desenvolvidas nas crianças na faixa pré-escolar.

Um desses campos se chama “O EU, O OUTRO E O NÓS”, nele destaca-se a construção da identidade e da subjetividade ampliando as experiências de conhecimento próprio e a construção de relações, que devem ser, na medida do possível, permeadas por interações positivas. Incentiva, a construção de vínculos profundos e estáveis com os membros envolvidos. Também salienta o sentimento de pertencimento e respeito para com aquele grupo.

O outro campo importante para se destacar é o “ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO”, através dele pode-se ampliar as diversas formas sociais de comunicação, utilizando os jogos, músicas e cantigas, atividades corporais, teatro e brincadeiras pertinentes a determinada faixa etária. Convida a criança a explorar a sua imaginação através das práticas cotidianas e do faz de conta. Dá destaque às atividades de leitura e escrita espontâneas ajudando os educandos a organizarem melhor o seu pensamento.

Da mesma forma, o campo “ESPAÇO, TEMPO, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES”, ressalta o conhecimento das relações e transformações que ocorreram ao longo do tempo e sobre as diferentes formas de viver das pessoas em diversas culturas. Através dos campos de experiências os alunos compreendem a importância da escuta e da fala nas diversas situações da sociedade, sabendo identificar a hora adequada de se expressar e a necessidade de ouvir e entender o outro, trabalhando assim o respeito ao próximo.

De acordo com Jares (2002, p. 9), “a aprendizagem da convivência respeitosa e solidária é uma responsabilidade de todos os cidadãos, e não apenas dos professores”. Atualmente, percebemos que os grupos familiares vêm renunciando à parte de sua função no desenvolvimento da educação dos seus filhos, deixando a cargo da escola e de seus componentes a missão de educar e ensinar. Ainda ocorre a situação em que os pais entram em conflito pela guarda da criança, conseqüentemente esquecem de sua missão que é cuidar, ensinar e educar os seus filhos, ocasionando traumas para as crianças.

Nesse contexto há grandes expectativas da família em relação ao processo educativo realizado na escola. Elas acabam esquecendo o quão é fundamental sua importância na participação e na parceria no desenvolvimento da criança. Isso também acaba por atrapalhar o desenvolvimento da autonomia e, por consequência, gera um conflito interno na criança, atrapalhando assim o seu autoconhecimento.

Convém referir que a falta de estímulos tanto por parte da família quanto da escola, costumam

trazer à tona comportamentos inadequados em ambos os contextos: familiar e escolar, onde a criança, por não saber ouvir, dividir e respeitar o próximo, acaba se envolvendo em conflitos interpessoais e intrapessoais.

Precisamos ter em vista que, de acordo com Jares (2002, p. 34), “a chave não está na eliminação do conflito, mas na sua regulação e solução justa e não violenta”. Já Lederach (1985, apud Jares, 2002, p. 34) sugere que “temos de procurar, aprender e praticar métodos, não de eliminar o conflito, mas de o regular e caminhar para resultados positivos”.

Entende-se que esses autores trazem a ideia de que o conflito se constitui de uma ocasião favorável para a troca de experiências e para o exercício da cidadania em relação à aceitação da diversidade cultural e social, sendo um fenômeno motivador para o processo natural de toda sociedade.

3.2. A Mediação de Conflitos: histórico e perspectivas atuais

De acordo com Silva (2018, p. 19), “é a partir dos anos 60 que a mediação surge de forma mais sistemática nas sociedades ocidentais, sustentada numa concepção democrática e relacional de regulação jurídica”. Essa nova necessidade vem ao encontro da pós-modernidade onde percebe-se a emergência de se apresentar uma proposta mais justa, garantidora dos direitos individuais e sociais.

Podemos encontrar inicialmente a mediação nos Métodos de Resolução de Conflitos, na vertente jurídica, onde, através de metodologia cooperativa, alguns pequenos problemas de ordem pessoal, familiar, laboral e civil são resolvidos com custos mais baixos e num tempo mais breve.

Nesse contexto de resolução dos conflitos entra um sujeito imparcial, independente e que passa a mediar esse diálogo na busca de concluir de forma mais justa possível para ambos os lados aquele conflito existente. Para Marlow (*apud* Torremorell, 2021, p. 15), “A mediação é um processo imperfeito que utiliza uma terceira pessoa imperfeita para ajudar duas pessoas imperfeitas a chegar a um acordo imperfeito em um mundo imperfeito”.

Um dos principais objetivos da mediação reside no estabelecimento ou restabelecimento da comunicação entre as partes que se encontram frente a frente, possibilitando o diálogo entre eles (Almeida, 2018). Mesmo que cada uma das partes se torne mais radical durante a negociação, sabe-se que o processo de comunicação já foi instaurado e deve produzir nos envolvidos uma reflexão e levá-los a se desprenderem de conceitos mais pessoais e se abrirem para novas propostas.

Com o passar do tempo, observa-se que esse modelo de mediação vem contribuindo de forma positiva na sociedade e que pode e deve ser ampliado para outros ambientes e instituições. Encontramos

então nos bairros e nas escolas essa nova perspectiva de solucionar as questões contraditórias e conflituosas que passaram a se apresentar. Almeida (2018, p. 3) refere-se a essas ampliações do seguinte modo,

Na Europa, por exemplo, na Inglaterra existem dois tipos de mediação (do setor público e do setor voluntário), na Itália há uma ênfase particular na escola, familiar e mediação penal, na França mediação é essencialmente desenvolvida no domínio da família (penal e civil), nos países escandinavos (Dinamarca, Finlândia, Suécia e Noruega) a mais referenciada é a mediação de consumo.

Assim, é conveniente referenciar a mediação nos países como Portugal e Brasil, onde foram absorvidos os aprendizados teóricos e práticos para o desenvolvimento dessa presente tese.

Em Portugal, a mediação encontra-se definida através da Lei da Mediação: “a Lei nº29/2013 de 19 de abril define a mediação como uma “forma de resolução alternativa de litígios, realizada por entidades públicas ou privadas, através da qual duas ou mais partes em litígio procuram voluntariamente alcançar um acordo com assistência de um mediador de conflitos” (Pinto Da Costa, 2017, p. 79).

No Brasil, a ideia ao trazer para o jurídico um cenário com mais soluções eficazes para os conflitos, foi instituído pela “Resolução 125/2010 do conselho nacional de justiça e, posteriormente, surgiu a lei nº 13.140 de junho de 2015, denominada de Lei de Mediação, que dispõe a mediação de conflitos como meio consensual de solução de conflitos, sendo, portanto, um instrumento para obter pacificação social, preservando e solucionando litígios” (Cambraia & Pedroso, 2018, p. 5)

Segundo Silva (2018, p. 21), “a mediação é, pois, uma metodologia de intervenção social que recorre a métodos, técnicas e instrumentos específicos, cuja implementação e desenvolvimento tem sido validado em diversos contextos: sociais, organizacionais, interpessoais e internacionais”.

Para Morgado e Oliveira (2009, p. 43), “a mediação é um processo flexível, de caráter voluntário e confidencial, conduzido por um terceiro imparcial – o mediador – que promove a aproximação entre as partes em litígio e que as apoia na tentativa de encontrar um acordo que permita pôr termo ao conflito”.

Já para Torremorell (2021, p. 21), "a mediação como um método alternativo de resolução de conflitos em que uma terceira pessoa neutra ajuda duas partes opostas a negociar um acordo de ganho mútuo".

Neste sentido, entendemos que a mediação de conflitos é uma metodologia para amenizar, solucionar e prevenir os conflitos. Segundo Cambraia & Pedroso (2018), “é um método não adverso, cooperativo, consensual, de maneira voluntária que visa à promoção do diálogo entre as partes, num ambiente de respeito e cooperação, em nenhum momento se estabelecerá papel de ganhador-perdedor,

inocente ou culpado dentro do conflito” (Cambraia & Pedroso, 2018, p. 5).

Percebemos que os autores têm a mediação de conflitos como método de solucionar os conflitos sendo eles diários, judiciais, institucionais, relações intrapessoais ou interpessoais, de forma que através do diálogo e respeito possam encontrar o melhor caminho da solução. Lascoux (2009, p. 25) afirma que “o conceito de mediação é unificador para promover a qualidade da comunicação e do conjunto do saber-fazer e saber-ser”, podendo encontrar esse conceito em diversas áreas de estudo.

A comunicação em forma de solucionar os conflitos tem em vista compreender e entender o espaço do outro e esclarecer as situações diversas. Entendemos que a mediação não vem trazer uma situação de ganhador ou perdedor e sim ambos os lados saírem com crescimento social e individual.

A mediação está incluída em um processo de desenvolvimento das necessidades humanas e nas mudanças do conflito, diminuindo as disputas pessoais e institucionais e os sofrimentos por elas causados. Trata-se de um processo flexível, adaptativo e informal, que há cada ano se expande ainda mais para outras áreas da sociedade.

O mediador de conflitos baseia-se nos princípios da mediação, em que todo o processo necessita da confiabilidade e confidencialidade, que seja voluntário de ambas as partes a procura pela mediação, que o mediador tenha imparcialidade no caso e escuta ativa, tendo por isso, a visão de que todos sairão ganhando. (Morgado & Oliveira, 2009). Compreendemos que a mediação como cultura social tem o objetivo de um progresso de competências culturais, em desenvolver atitudes que promovam uma cultura da paz, o reconhecimento de identidade, integração social e o incentivo ao diálogo.

Segundo Torremorell (2021, p. 49),

o papel do mediador é colocar-se a serviço daqueles que vivem um conflito, estando disponível para ajudá-los a organizar suas ideias, esclarecer seus sentimentos e explorar conjuntamente suas opções no momento de tirar proveito da situação. Para isso, o mediador deve evitar deixar-se levar ou influenciar pelo que cada parte diz ou faz e concentrar a atenção no que realmente está em jogo.

A mediação “tem por base a convicção de que todos somos capazes de adquirir competências e desenvolver capacidades para a resolução de problemas, de uma forma positiva e criativa, através do diálogo” (Morgado & Oliveira, 2009, p. 53). Para Jares (2002, apud Morgado & Oliveira 2009, p. 49), “o processo de mediação deverá... ajudar na análise das causas do conflito, fazendo com que as partes separem os interesses dos sentimentos... reparar as feridas emocionais que possam existir entre as partes”. Foi possível compreender que a mediação tem um grande significado para amadurecimento e revalorização dos indivíduos, sabendo que os mesmos são responsáveis pelas suas próprias atitudes e

o mediador tem o papel de ser um facilitador de diálogos entre os envolvidos de maneira que o conflito seja resolvido, respeitando os seus princípios e valores.

3.3. Modelos de Mediação de Conflitos

Para um processo de mediação de conflitos são necessários três eixos de intervenção: o conflito, os participantes e um processo de comunicação em busca da solução. Podemos pensar que para haver um conflito algumas situações aparecem com frequência como: disputa de poderes, opções ideológicas diferentes, tipos de culturas diferenciadas, tomada de decisões individuais entre outras situações em que acabam prevalecendo um ponto de vista somente.

Percebemos que qualquer conflito acaba envolvendo pelo menos dois protagonistas. Jares (2002, p. 49) cita “protagonistas directos, os que têm relação directa com as causas que desencadearam o conflito”, os quais estariam diretamente envolvidos no problema e “protagonistas indirectos, que não estão na origem do conflito”, que estariam ligados de forma indireta, mas podendo influenciar positivamente e/ou negativamente tanto na causa como na solução do problema.

Pensando no processo de comunicação, tão essencial para a resolução do conflito, podemos salientar a importância de uma comunicação aberta e de uma escuta ativa. Na busca de soluções construtivas, é necessário um investimento na melhoria da escuta, da observação e nas formas de cada um se expressar. Em relação a escuta ativa, Jares (2002, p. 132) sublinha que “é uma condição imprescindível, sempre presente em qualquer processo de solução”.

Quando uma pessoa transmite uma mensagem, ela codifica de acordo com as suas percepções e conhecimentos, como interpreta o que se passa a sua volta. Já quem recebe essa mesma mensagem é o receptor, que decodifica através dos seus sentidos, suas ideias e embasamentos. Desta forma, para haver uma comunicação efetiva e a ausência de conflito, essas percepções e ideias precisam estar semelhantes ou iguais.

Uma abordagem eficaz de mediação implicaria em integrar os aspectos comunicacionais do emissor e do receptor e as suas formas de interação (Lascoux, 2009, p. 27).

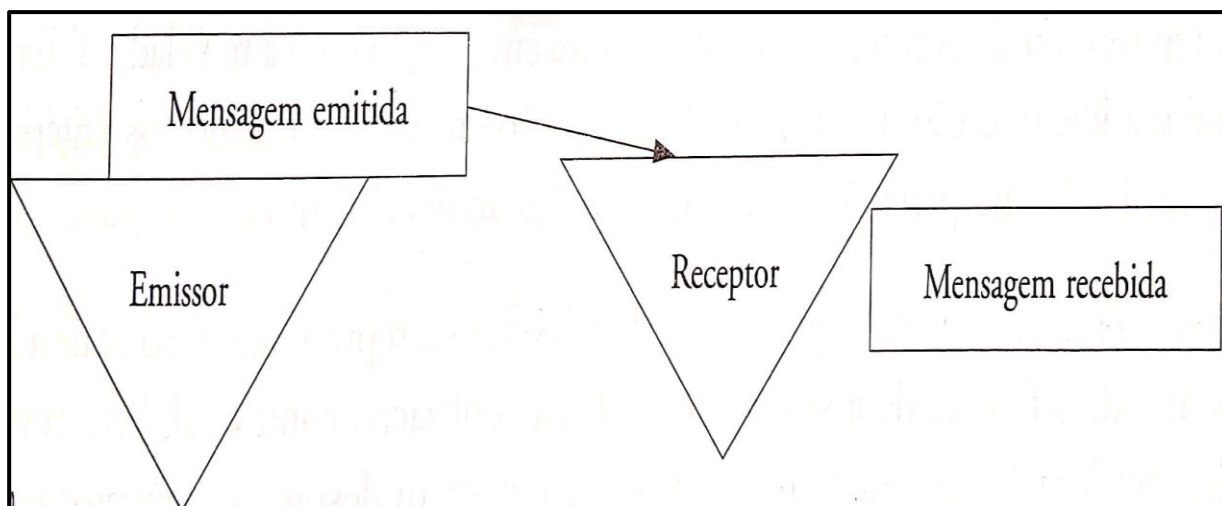


Figura 4: Modelo de comunicação (Lascoux, 2009, p. 25).

No contexto da mediação de conflitos, o mediador aparece como figura indispensável, que auxiliará ambas as partes (emissor e receptor) a chegarem a um consenso. Ele será o facilitador dessa comunicação, por vezes restabelecendo a qualidade da mesma. Para tal intento, o mediador poderá utilizar alguns modelos de mediação que o ajudarão a dar sentido e concluir de forma desejável e proveitosa o conflito. Os modelos de mediação são conhecidos como: solução de problemas, mediação transformativa e a mediação comunicacional. Esses três modelos são bases para outros modelos teóricos que irão surgir posteriormente.

Para Silva (2018, p. 25), “o modelo de solução de problemas defende as estratégias de negociação de acordos de forma colaborativa”. Torremorell (2008, p. 48) define-a “como um método de resolução de conflitos alternativo conduzido por um mediador neutro e imparcial que dirige as partes na negociação de um acordo mutuamente aceitável”. Torremorell (2008, p. 49) chama a atenção para o seguinte:

A crítica cultural considera que o modelo de solução de problemas representa uma tendência descontextualizada, porque preconiza uma mediação técnica que se esquece dos componentes artísticos que permitem particularizar e focar os processos de mediação enraizados em tradições socioculturais e espirituais diferentes.

Quanto ao modelo comunicacional, Silva (2018, p. 26) afirma que “é um modelo que reconhece particular significado às narrativas dos sujeitos sobre a realidade experienciada e à sua partilha como forma de conseguirem aceder a uma nova narrativa, co-construída e partilhada pelos participantes, objetivo principal desse modelo”. É também conhecido como circular narrativo desenvolvido por Sara Cobb e seus discípulos. Nele a comunicação é vista como elemento que abarca os conteúdos do conflito (componente verbais ou sistema de comunicação digital) e, por sua vez, as relações (componentes não verbais ou sistema de comunicação analógica). Possui uma postura mais eclética em relação aos outros

modelos.

Torremorell (2008) cita a própria autora que explica a regulação do processo da mediação que funciona independentemente da regulação do conteúdo, mas a perspectiva narrativa questiona essa distinção. Porém, Soares (1997, p.63 apud Torremorell,2008. p.51) reforça a ideia de Cobb: “o modelo circular narrativo tem a vantagem da sua grande aplicabilidade por estar centrado tanto nas relações como nos acordos”. Nesse modelo comunicacional, entendemos que os mediadores aproveitam os elementos comunicativos de ambas as partes e juntamente com eles reconstruem uma nova narrativa desestabilizando aquela primeira percepção conflituosa.

E, por fim, Silva (2018, p. 26) define que o modelo transformativo ou transformador, o qual “propõe uma abrangência maior na intervenção, que vai além dos problemas e conflitos. Concede às pessoas, às suas circunstâncias e interações o seu foco principal sendo que a mudança-transformação vai para além da situação ou problema específico”. Horowitz (1998, p. 39, *apud* Torremorell 2008, p. 49) indica que:

a mediação transformadora permite às partes capitalizar os conflitos como oportunidade de crescimento. As dimensões transformadoras da mediação estão relacionadas como uma visão emergente superior do eu e da sociedade, uma visão baseada mais no desenvolvimento moral e nas relações interpessoais do que na satisfação e na autonomia individual.

A partir dessa concepção percebemos uma mudança de paradigma, onde passamos de um sentido individual para um sentido relacional numa proposta moderna, holística e dialógica, havendo uma transformação dos efeitos produzidos através das situações de conflito, minimizando os efeitos de uma comunicação deficiente, trazendo esperança de uma sociedade mais empática.

Neste modelo, a atividade do mediador fica mais próxima da arte do que da técnica, ele preocupa-se mais com as pessoas e tantos pontos coincidentes como os divergentes ganham a mesma importância, pois o objetivo maior tem a ver com o desenvolvimento pessoal com base na revalorização e no reconhecimento (Torremorell, 2008, p. 50).

A autora destaca traços distintivos da prática transformativa a partir de Folger e Bush (2000, *apud* Torremorell, 2008, p.50) que nos trazem os itens abaixo a serem levados em consideração:

- Descrever o papel e os objetivos do mediador em termos de *empowerment* e de reconhecimento;
- Não se sentir responsável pelos resultados da mediação;
- Recusar-se, conscientemente, a emitir juízos sobre as opiniões das partes;
- Adotar uma visão otimista da capacidade e das motivações das partes;

- Na intervenção, focalizar o “aqui e o agora” em torno do conflito;
- Ser sensível às formulações das partes sobre os fatos do passado;
- Considerar a intervenção como um ponto numa sequência mais ampla da interação de conflitos;
- Experimentar uma sensação de êxito assim que se detectar um grau mínimo de recuperação de poder e reconhecimento.

Esse modelo também é criticado por Martinez de Murguía (1999, p. 40, *apud* Torremorell, 2008, p. 51), que destaca que “para a visão pragmática não é razoável acreditar que algumas sessões de mediação, por exemplo, possam modificar pautas de comportamentos que se têm vindo a produzir durante anos ou décadas e que, inclusivamente, são culturalmente avalizadas e consentidas”.

Isso quer dizer que a resolução de determinado conflito usando esse modelo como resolução não afasta a hipótese de criação de novos conflitos, pois alguns conceitos estão muito enraizados na mente das pessoas que acabam por voltar à pauta tempos depois. Porém, em outras situações pode ocorrer uma verdadeira aprendizagem na medida em que aquele indivíduo não voltará a repetir determinadas atitudes.

Observando a figura seguinte, vemos um resumo dos modelos de mediação propostos por Torremorell (2008, p. 48):

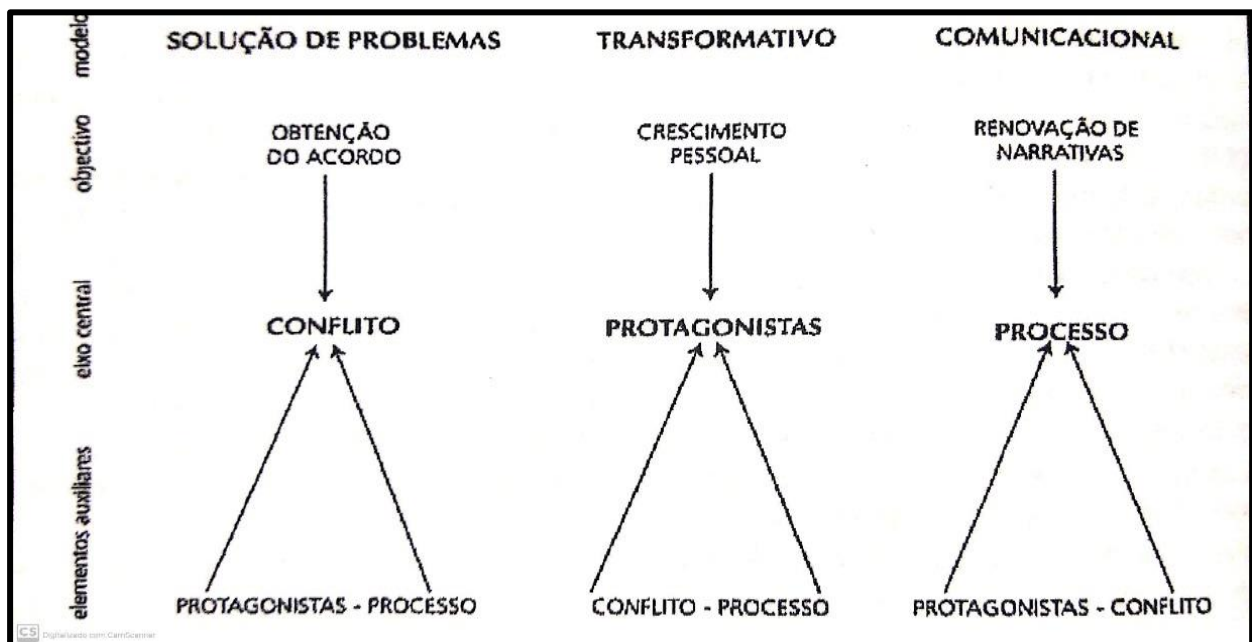


Figura 5: Modelos de Mediação. Torremorell (2008).

3.4. Mediação de Conflitos e Práticas no Contexto Escolar

Para Morgado e Oliveira (2009, p. 43), “a educação para a resolução de conflitos modela e ensina, de diferentes formas culturalmente significativas, uma variedade de processos, de práticas e de competências que ajudam a prevenir, a administrar de forma construtiva e a resolver pacificamente o conflito individual, interpessoal e institucional”.

No Brasil, a Lei de Mediação é recente, Lei nº 113.140, de 26 de junho de 2015, porém ainda não há uma lei específica para o contexto educacional. Essa lei foi criada depois de instituir a Resolução 125/2010 do Conselho Nacional de Justiça com a ideia de ser a solução e reduzir os conflitos no campo jurídico.

Cambraia e Pedroso (2018, p. 5) afirmam que “diante da violência e das transformações sociais e culturais no mundo contemporâneo, apesar de não ser um fenômeno recente, os temas de mediação de conflitos e as formas alternativas de resolução de conflitos estão em destaque na sociedade, que ainda demonstram necessidade de (re)criar mecanismos que possibilite uma interação social a fim de construir uma cultura de paz”.

Sabemos que os conflitos dentro dos contextos educacionais têm sido crescentes e, com a mediação educacional, acredita-se que pode vir a diminuir a indisciplina, a exclusão social, o *bullying* e o fracasso escolar, inclusive trabalhando a partir da prevenção.

Essa prevenção pode também ajudar as crianças a partir de eventos traumáticos, não desenvolver feridas emocionais que carregue consigo para toda sua vida educacional. Embora possam não entender tais eventos, ou o que aconteceu, situações vivenciadas na escola ou até mesmo dentro do âmbito familiar pode prejudicar todo o processo de aprendizagem.

A mediação educacional quando faz parte de uma equipe multidisciplinar, favorece um ambiente de equilíbrio para a criança que pode trazer de “casa” problemas emocionais que acaba afetando o seu conhecimento cognitivo.

Qualquer evento traumático pode ser recebido pela criança como uma dificuldade de evoluir no ambiente escolar. A criança que sofre uma queda séria ou um acidente grave que ameaça seu sentimento de segurança, pode se dizer que experimentou um trauma que acaba resvalando na sua rotina escolar.

O ambiente escolar é considerado para a criança seu segundo lar, dessa forma seja na escola, ou em casa na família, todos os eventos traumáticos podem surgir na infância na fase pré-escolar.

A intimidação constante e intensa se dá quando a criança se sente intimidada por uma ou mais

pessoas durante um período de tempo, seja por colegas de classe, ou por familiares e isso pode desencadear um trauma psicológico. Inclui-se ainda nesse mesmo pensamento o abuso psicológico que pode ser atribuído a uma série de ações não acidentais que criam medo na criança ou que pretende prejudicar sua dignidade e integridade psicológica. Nesses termos temos como exemplo ameaças de abandonar a criança, ameaças para prejudicar a criança ou coisas sobre as quais a criança se importa, repreensão, terror com a criança. O abuso psicológico também pode incluir ações como confinar a criança, humilhações físicas ou coação.

Se relacionar todos os conflitos que a criança pode desenvolver na infância, são muitos e de responsabilidade da família, porém a escola quando tem um suporte que pode favorecer o emocional da criança contando com uma equipe multidisciplinar, incluindo o mediador de conflitos, é esse que deve sinalizar para todo o corpo de profissionais a fim de acolher essa criança.

Podemos destacar o abuso físico, o abuso sexual, a negligência, abandono, isolamento dentro da família, esse pode ser bem comum dependendo do núcleo familiar, a criança não é reconhecida, ou não é importante e especial. A violência doméstica também entra nessa categoria.

A criança quando sofre algum tipo de trauma tende a mostrar sinais de medo e de vulnerabilidade, resvalando na aprendizagem do dia a dia como dificuldade de prestar atenção ou de se concentrar, aumento de agressividade, problemas para interagir com as outras crianças, angústia, ansiedade, choro sem motivo aparente, isolamento.

Atualmente vimos algumas orientações claras a fim de ajudar as crianças a se curar de trauma, e isso em todas as idades do seu desenvolvimento e a escola com o profissional de Mediação de conflitos identifica tal comportamento e pode ser o primeiro movimento para ajudar essa criança, juntamente com a equipe de profissionais multidisciplinares.

Acima, podemos ver a importância da mediação de conflitos em uma escola e não é porque ouvimos falar sempre da mediação de conflitos na área judicial que não existe no contexto educacional, onde torna-se uma medida socioeducativa, que tem como objetivo formar pessoas conscientes, participativas, solidárias e conhecedoras de sua própria identidade.

Para Lima (2011, p. 30), “Enquanto a educação busca a equidade, os professores passam a desejar uma escola igualitária, mas, às vezes, esquecem que ela abarca sujeitos distintos. O conflito entre a diferença e a igualdade aí se instala e serve ideologicamente a grupos distintos”. Por conta de muitos professores deixarem passar despercebido que cada aluno tem sua cultura e seus traços familiares, a prática pedagógica pode vir a atrapalhar e influenciar aquela criança de maneira negativa, sobrecarregando-a de conceitos e atitudes que não se adequam ao seu desenvolvimento.

A mediação em contexto escolar pode ser caracterizada em três dimensões: a socioeducativa, a sociocultural e a sociopedagógica. A dimensão socioeducativa envolve a família e a comunidade, seu principal objetivo é desenvolver da melhor forma possível os alunos nos aspectos cognitivos, auxiliando os que apresentam dificuldades na aprendizagem a buscar um conhecimento mais significativo. Segundo Torremorell (2021, p. 35):

a mediação escolar representa uma forma diferente de praticar a mediação. Já esclarecemos que o processo é exatamente o mesmo que nos âmbitos, mas o que muda é que quem conduz a mediação não é um profissional, dá-se grande ênfase ao aprimoramento de valores e competências para a vida, e a convivência entre aqueles que se defrontam não é interrompida, porque continuam a frequentar a instituição, às vezes por anos.

Entendemos que os mediadores são os alunos, e que os profissionais de educação plantam uma "semente para que as novas gerações possam optar na vida adulta por meios pacíficos e não antagônicos para solucionar conflitos" (Torremorell, 2021, p. 35).

A dimensão sociocultural propõe um trabalho com alunos menos favorecidos, ou que estejam em alguma situação de risco. Atua principalmente nas relações dos alunos com os seus familiares, seus colegas e professores. Seu objetivo é promover uma interação produtiva e verdadeira entre as diferenciadas culturas existentes no contexto escolar.

Já a sociopedagógica envolve uma prática educadora que atende diversos públicos. Ela busca uma maior equidade e inclusão, comprometendo-se com uma educação focada nas relações interpessoais, priorizando o restabelecimento de laços sociais, trazendo assim uma melhoria num convívio diário. Também busca um processo de construção de uma convivência cidadã pautado em lógicas educativas, preventivas e inclusivas.

Preocupa-se em criar espaços de socialização positivos onde novas formas e modelos sociais se configuram. Podemos observar que as dimensões têm o mesmo propósito, trazer melhorias ou trabalhar com a prevenção de conflitos, visando o desenvolvimento social e pessoal.

O ambiente escolar é um espaço que tem a confiança da sociedade para desenvolver os cidadãos, acreditando que é o meio onde ainda há transmissão de valores e que desenvolve o indivíduo de forma cognitiva, afetiva e social.

Podemos confirmar isso no trabalho de Cambraia & Pedrosa (2018, p.7), "o ambiente escolar apresenta-se como um espaço em que a sociedade deposita sua confiança, acreditando ser um meio de transmissão de valores primordiais ao desenvolvimento do indivíduo, como cidadão e em relação à vida."

A instituição escolar deve priorizar um ambiente favorável para todos os envolvidos. Assim,

pressupõe-se que os pais ao escolherem essa instituição estejam seguros e confiantes em relação ao trabalho que será desenvolvido nela. A família precisa se sentir acolhida, respeitada e ouvida quando houver necessidade. A parceria escola/família é de primordial importância para o pleno desenvolvimento educativo e social dos educandos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, artigo 4º, salienta que “é dever da família, da comunidade e da sociedade em geral e do poder público, assegurar, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária” (Brasil, 2019, p. 16).

Para Pinto da Costa (2018, p. 1), “cabe a la escuela encontrar nuevas y eficaces fórmulas de gestión de su espacio social, educativo y cultural em uma lógica de ciudadanía, de inclusión y de calidad socioeducativa.” Para tal intuito, pode ser elencar quatro principais planos de ação que contribuirão para a resolução dos conflitos no contexto educacional (Pinto da Costa, 2017, p. 41-52).

3.4.1. Metodologia de resolução colaborativa de conflitos

Nessa perspectiva assume-se um entendimento da resolução de conflitos de forma positiva, pacífica e colaborativa. Nela o mediador se encarrega de junto com os envolvidos refletir sobre as ações e as suas consequências, tanto no nível pessoal como no social. Desta forma, os alunos se sentem à vontade para procurar o mediador que facilitará e auxiliará de forma isenta a comunicação, alcançando soluções mais eficazes para ambos os envolvidos.

Para alcançaras soluções mais eficazes e prazerosa para ambos, precisamos pensar que todos saiam ganhando. Covey (2021, p. 257), nos faz refletir que "ganha/ganha é um estado de espírito que busca constantemente o benefício mútuo em todas as interações humanas. Ganha/Ganha significa entender que os acordos e as soluções são mutuamente benéficos, mutuamente satisfatórios". Nesse tipo de solução, todas as partes se sentem bem e entram de acordo com a decisão e se sentem comprometidas com o plano de ação.

Podemos ver que a maioria das pessoas pensam em ser forte ou fraco, mole ou duro, ganhar ou perder. Porém, com esse pensamento não chegamos em uma solução convincente para as partes. Ao pensarmos no tipo de solução ganha/ Ganha, vemos uma oportunidade de mudança, de crescimento pessoal e um desafio socioeducativo. A escola que opta por esse plano de ação inova, complementa e qualifica as relações interpessoais. Essa mediação possibilita olhar para o conflito focando nas pessoas e no contexto, o que acaba desconstruindo a postura de ganhador e perdedor, satisfazendo os interesses

e necessidades dos envolvidos.

Costa (2018, p. 42) destaca que, “os acordos construídos assim colaborativamente, traduzem-se num grau de cumprimento maior do que as decisões impostas por uma autoridade externa”. A autora concorda com as ideias de Six (2001), Freire (2010) e Silva (2011), segundo as quais esta dimensão de conflitos configura-se como uma estratégia resolutiva, reparadora e curativa.

3.4.2. Metodologia de desenvolvimento pessoal e social

Constituiu-se numa ferramenta pedagógica que auxilia as competências tanto sociais como relacionais. Traz no seu cerne o treino das habilidades e busca construir junto aos envolvidos atitudes construtivas desenvolvendo e estimulando relações interpessoais mais sadias concorrendo para uma convivência mais harmoniosa.

Há um incentivo à participação voluntária onde é proporcionado aos envolvidos uma experiência, que acarretará uma aprendizagem e uma vivência, na qual o aproveitamento de situações negativas se torna em grandes oportunidades de amadurecimento pessoal e comunitário (Costa et al., 2009, apud Costa 2018, p. 43), “numa perspectiva educativa, as ferramentas conceptuais, comunicacionais e procedimentais decorrentes dos princípios e das técnicas da mediação de conflitos imbricam na tríade do saber: os conhecimentos – saber-saber; as habilidades – saber-fazer; as atitudes – saber ser e estar”.

Devemos lembrar que na escola é de fundamental importância o desenvolvimento desses conhecimentos citados acima, que irão contribuir para a evolução dos alunos de forma a ampliar as suas competências e habilidades. Dando condições para que eles possam interagir participando ativamente dos ambientes tanto escolares como sociais.

Costa (2018, p. 43) concorda com Nascimento (2003) quando refere que “os alunos que assimilarem habilidades de mediação apresentam maior desenvolvimento psicossocial do que os que não têm a mesma oportunidade”. Nascimento (2003, apud Costa, 2018, p. 44) defende que “a mediação visa um efeito educativo e capacitador dos sujeitos e, concomitantemente, dos demais com quem estes interatuam mediante um efeito de pressão positiva”.

3.4.3. Metodologia integrada de prevenção

Ao pensarmos na prevenção e na mediação, não podemos nos limitar ao pensamento somente

de evitar o conflito ou uma erradicação completa de conflito. Nessa perspectiva podemos trabalhar com três níveis de prevenção. No primeiro nível de prevenção (primária) propõe-se uma intervenção antes das situações ocorrem. Coloca-se um conjunto de condições coordenadas e favoráveis, que possam antecipar e contribuir de forma positiva caso surja um conflito (Costa, 2018, p. 45).

Num segundo nível de prevenção (secundária), também conhecido como intervenção precoce, aplicam-se as medidas perante a ocorrência das situações e que pode vir até a interromper o andamento do conflito. Para isso, é necessário identificar e atuar de forma mais rápida possível perante qualquer situação em que se perceba algum início de conflitualidade (Costa, 2018 p. 45).

No terceiro nível (terciário), a ação se desenrola quando os casos ocorrem frequentemente (Costa, 2018 p.45). Esses três níveis podem e devem ocorrer conjuntamente de acordo com as situações que vão se desencadeando no cotidiano escolar. Também é primordial inserir essas práticas nos documentos oficiais da instituição, para que todos os envolvidos na comunidade escolar tenham acesso e possam se interessar e participar ativamente dessa ferramenta.

- Metodologia de melhoria orgânico-cultural

Nessa proposta mais do que focar na intervenção dos conflitos, nas interações e nas convivências, ela se presta a estar atenta a própria organização escolar. Bolivar (2000, apud Costa, 2018, p. 47) concorda que “a escola deve assumir-se como uma entidade capaz de aprender, capaz de desenvolver processos de autodesenvolvimento.” Assim sendo, entende-se que não cabe à escola somente inserir uma proposta de resolução de conflitos sem ela se incluir nesse processo de mudança de paradigma.

Ao se colocar a mediação de conflitos nos documentos oficiais da escola como no Projeto Político Pedagógico, onde se encontram as normas, estruturas e os princípios da instituição, deve-se levar em conta as ações que deverão ser tomadas para que sejam concretizadas no dia a dia. Então, a partir dessas ações que serão implementadas e articuladas com os componentes da escola é que surgirão os primeiros resultados positivos.

Esses resultados geralmente são: a diminuição dos casos de indisciplina, melhoria do ambiente corporativo, redução de insucesso e abandono escolar, espaços onde os alunos se sintam incluídos e seguros, melhoria do bem-estar coletivo, diminuição de casos de *bullying* e melhoria no desempenho dos educadores (Costa, 2018 p. 49). A autora também declara que aqui a mediação torna-se simultaneamente um referencial teórico e operativo que auxilia o processo de construção da escola.

4. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO

4.1. Fundamentação das opções metodológicas

Esse capítulo tem o propósito de discutir sobre investigação e ação e fundamentar a metodologia que seria aplicada durante a realização do estágio. Sabemos que o método de investigação usado no percurso de um projeto de pesquisa será como um fio condutor onde ele será orientado, visando um resultado produtivo e adequado.

Na investigação podemos aplicar um amplo conjunto de métodos, técnicas, teorias e instrumentos avaliativos que contribuirão para compreender melhor o caminho a ser seguido, problematizar as situações que irão se desenhar e analisar os dados que serão coletados ao longo do período analisado.

Segundo Coutinho (2014, p. 8), “a investigação é uma atividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objetivo de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenômenos sociais. É através da investigação que se reflete e problematizam os problemas nascidos na prática, que se suscita o debate e se edificam as ideias inovadoras”.

Outro autor que traz contribuições a essa temática é Brandão (2012, p. 48) que diz que a investigação “é uma atividade de procura intencional de factos e informações sobre a realidade no sentido de a conhecer e de a transformar através de uma intenção de averiguar, de indagar e procurar respostas às questões levantadas”.

Como vimos, esse processo investigativo começa deste a identificação de uma problemática, a formulação de um problema, as questões referentes à seleção do público-alvo, o ambiente em que será realizado o estudo, a recolha e análise dos dados coletados e a reflexão que deverá ser feita antes, durante e depois de todo o processo.

Esse conjunto de fatores torna-se de fundamental importância para o pesquisador, que irá debruçar-se a fim de desconstruir sentidos comuns e buscando para si e para os que estão à sua volta um potencial transformador e inovador que complementarará todos os estudos realizados até então por ele.

Para Martins (2004, p. 289), “a pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais, individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise”. Isso quer dizer que o pesquisador terá em mãos uma variedade de material de qualidade obtido através das suas observações e dos instrumentos analíticos que irá escolher e utilizar durante a pesquisa.

Podemos então concluir que essa observação qualitativa é de cunho naturalista, pois é alicerçada no contexto em que os atores participam naturalmente, agindo e interagindo, seguindo o processo normal do seu cotidiano (Adler & Adler, 1994, apud Aires, 2015, p. 25).

Aires (2015, p. 25) afirma que “a observação qualitativa não se realiza a partir de um projecto de pesquisa rígido; a sua maior virtualidade reside no seu carácter flexivo e aberto”. Isso nos permite ter uma visão mais completa da realidade, de como as situações de conflito se formam e como os indivíduos reagem a cada etapa até a resolução dele.

Colás (1992), mencionado por Aires (2015, p. 25), identifica algumas etapas básicas para uma boa observação:

- Seleção de cenários – o cenário ideal é aquele em que o investigador tem o acesso mais facilitado, estabelecendo uma boa relação com os sujeitos e podendo obter informações importantes que se relacionam com as questões primordiais da sua pesquisa.
- Recolha de informação – o investigador poderá utilizar variados mecanismos para a coleta de dados, usando notas de campos, registros textuais dos diálogos entre os indivíduos observados, entrevistas, reflexão teórica sobre suas análises, formulação de conexões entre diversas dimensões da realidade apresentada.
- Tipos de observações – podemos considerar três alternativas para o desenvolvimento de uma observação científica: 1ª refere-se ao grau de controlo, 2ª refere-se ao grau de estruturação e a 3ª refere-se ao grau de participação do observador no fenómeno em análise.

Colás (1992) ainda é citado por Aires (2015, p. 26) onde explica que se detecta a existência de quatro classes de observação: “panorâmica participante (etnográfica ou global); panorâmica não-participante (o investigador não participa na vida social do grupo que observa); selectiva-participante (a atenção do observar centra-se em aspectos concretos) e selectiva não-participante (o observador mantém a sua liberdade de movimentos e distância do fenómeno e das pessoas observadas”.

Nessa pesquisa a escolha do tipo de observação foi a panorâmica participante, onde a pesquisadora estaria além de observar, atuando ativamente durante as observações realizadas e registrando através de um diário de bordo as suas ideias, reflexões e conclusões perante o cenário observado.

Podemos perceber que existem diferentes métodos para obtenção de informação de acordo com Coutinho (2004, p. 441):

o avaliador quantitativo necessita de instrumentos estruturados (como questionários ou entrevistas estruturadas) com categorias standardizadas que permitam encaixar as respostas individuais. O avaliador qualitativo ausculta as opiniões individuais (entrevista não estruturada ou

livre, observação participante ou não participante) sem se preocupar em categorizar as respostas de antemão; pressupõe ser fundamental atender às características individuais dos intervenientes num programa/intervenção, porque é da forma como estes se empenham que tudo depende.

Com a intenção de desenvolver na instituição um trabalho de investigação/ação, de natureza qualitativa, a pesquisadora provavelmente levantará questões éticas, devido a proximidade em que agirá com os pesquisados. Por isso, precisa desenvolver na sua prática o cuidado e o respeito aos contextos e ambientes em que atuará. Lankshear e Knobel (2008, p. 93) afirma que a “ética refere-se a garantir que os interesses e o bem-estar das pessoas não venham a ser prejudicados, em razão da realização da pesquisa”.

Para Martins (2004, p. 292), “a variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva”. Desta forma, o pesquisador necessita também de leituras e estudos complementares que visem dar um arcabouço teórico que fundamentará o seu trabalho.

Através da recolha de dados e observação, é possível analisar o que foi observado conhecer a instituição, o público-alvo e se inteirar da forma como atua a instituição nos casos de conflitos. As entrevistas sendo elas estruturadas e/ou não-estruturadas e os questionários analisam o conhecimento tanto prévio do questionado como pode também contribuir para a verificação do que foi aprendido no desenvolvimento e ao longo do processo de trabalho. O diário de bordo, auxilia os pesquisadores a desenvolverem seus pensamentos e descrevê-los conforme os acontecimentos vão se desenrolando durante a investigação.

Sabidamente verifica-se que a Educação é um campo fértil para se realizar pesquisas, pois conhecemos que existem situações diversas e necessidades que carecem de maior estudo e investigação ocorrendo dentro desses espaços. Suas especificidades, o público que a compõem, como se relacionam e como resolvem essas questões, são materiais riquíssimos perante as indagações que venho fazendo ao longo da minha vida acadêmica.

4.2. Os pressupostos da Investigação-ação, suas modalidades e modelos

A partir dos anos 90, percebe-se uma maior necessidade e interesse na aplicação da metodologia da Investigação-Ação, inclusive sendo utilizada nas áreas das ciências humanas. Esse recurso foi ao longo do tempo sendo aprimorado e se torna difícil saber a exatidão da sua criação. Alguns autores citam frequentemente Lewin (1946), que desenvolveu um trabalho sobre a investigação-ação no domínio da Psicologia Social. Coutinho (2009, p. 2) descreve a IA:

como uma família de metodologias de investigação que incluem simultaneamente ação (mudança) e investigação (compreensão), com base em um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica, e em que nos ciclos posteriores são aperfeiçoados os métodos, os dados e a interpretação feita à luz da experiência (conhecimento) obtida no ciclo anterior.

Sendo assim, percebemos que durante o percurso é fato a necessidade da utilização da reflexão e da análise crítica dos dados que vão aparecendo, tornando-se visíveis, pois através dela o pesquisador será capaz de flexibilizar o seu planejamento e rever as suas estratégias ou até mesmo a necessidade de modificação de algum método para a continuidade e adequação do estágio.

Aplicada à educação a IA colabora analisando a realidade educativa, ajudando os membros daquela comunidade na tomada e retomada de decisões e contribuindo para o aprimoramento das consciências individuais e coletivas, na busca incessante pelo conhecimento e por significados mais éticos.

Nesse processo reflexivo provocado pela IA, apresentamos a contribuição de Latorre (2003 *apud* Coutinho, 2009), que nos apresenta uma tríade de dimensões que interligadas nos elucidam e representam como se dá o processo reflexivo.

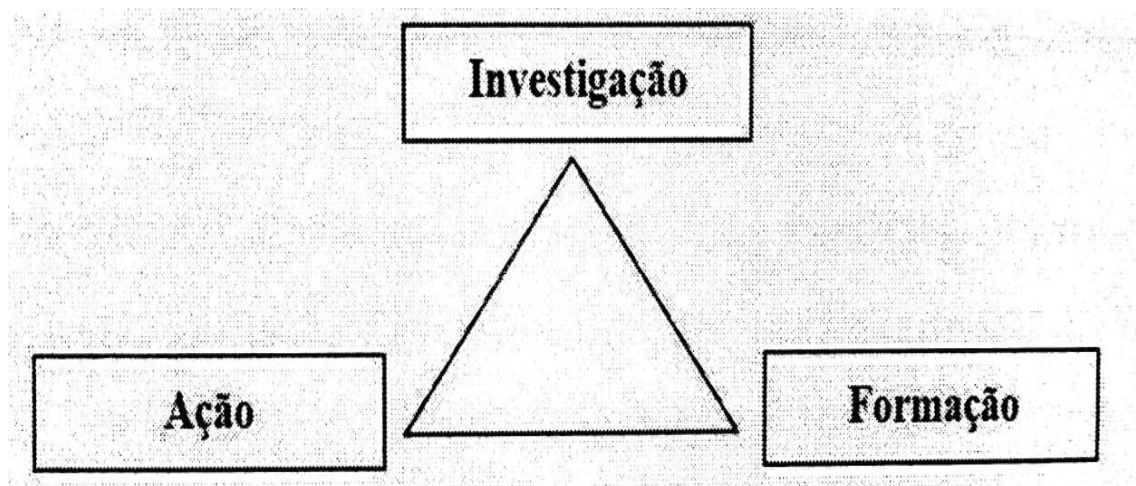


Figura 6: Linha de Lewin (1946, *apud* Latorre, 2003, p. 24).

A contribuição da prática da IA pode contribuir para uma mudança de paradigmas na instituição e colaborar para a construção de uma nova realidade, mais ajustada e melhorada que vise ampliar o repertório socioemocional dos envolvidos naquele ambiente.

Para Matos (2004, *apud* Castro, 2012, p. 6), “associar a IA à prática educativa significa tomar

consciência de questões críticas que se manifestam na aula, criar predisposição para a reflexão, assumir valores e atitudes e estabelecer congruência entre teoria e prática”.

Assim sendo, podemos pensar que trazer para a escola esse método, trará perspectivas novas e que serão efetuadas e perpetuadas a longo prazo também. As análises oriundas na ação-reflexão transformam os resultados em práxis inovadoras que auxiliarão no desenvolvimento das resoluções dos conflitos.

Segundo Alarcão (2002, *apud* Castro, 2012, p. 7), a IA assume, assim, particular relevância e concretiza propósitos, tais como:

Além de poder contribuir para a resolução de problemas concretos e para um aprofundamento do pensamento sobre a escola na variedade e interação das suas dimensões, sustentará a formação comunitária em grupo, contextualizada e ajudará a consolidar a consciência da identidade e da força do coletivo.

No ambiente escolar nos deparamos com uma infinidade de personalidades e culturas que devem se relacionar. Essa interação muitas vezes se torna dificultosa sendo necessário planejamento de ações que possam auxiliar os relacionamentos existentes na escola. Assim sendo, torna-se primordial entendermos os papéis sociais interpretados por todos os agentes participantes desse contexto, onde a IA será desenvolvida.

Para tal, veremos abaixo algumas características fundamentais dessa metodologia de pesquisa. Assim, Coutinho (2009, p. 7) refere que a IA:

é uma metodologia de pesquisa essencialmente prático e aplicado que se reage pela necessidade de resolver problemas reais, que se reveste de algumas características fundamentais, apontadas por autores como Cohen & Manion (1994) e Descombe (1999):

a) Participativa e colaborativa: No sentido em que implica todos os participantes no processo. Todos são coexecutores na pesquisa. O investigador não é um agente externo que realiza investigação com pessoas, é um Co investigador com e para os interessados nos problemas práticos e na melhoria da realidade.

b) Prática e interventiva, pois não se limita ao campo teórico, a descrever uma realidade. A ação tem de estar ligada à mudança e é sempre uma ação deliberada.

c) Cíclica, porque a investigação envolve uma espiral de ciclos, nos quais as descobertas iniciais geram possibilidades de mudança, que são então implementadas e avaliadas como introdução do ciclo seguinte. Temos assim um permanente entrelaçar entre teoria e prática.

d) Crítica, na medida em que a comunidade crítica de participantes não procura apenas melhores práticas no seu trabalho, dentro das restrições sociopolíticas dadas, mas também atuam como agentes de mudança, críticos e autocríticos das eventuais restrições. Mudam o seu ambiente e são transformadas no processo.

e) Autoavaliativa, porque as mudanças são continuamente avaliadas, numa perspectiva de adaptabilidade e de produção de novos conhecimentos.

Também destacamos alguns objetivos que devemos considerar na investigação-ação: melhorar e reformular práticas; intervir em pequena escala no funcionamento de entidades reais e apresentar uma análise dos resultados desta intervenção. Isso quer dizer que no cotidiano fazer investigação implica em observar, atuar, planejar e refletir, induzindo melhorias e mais conhecimento (Castro, 2012, p. 8).

Todo esse movimento perpassa também pelo questionamento das práticas sociais e dos valores que integram essa comunidade e de como podemos reconstruir essas práticas trazendo novas informações em como agir e viver nessa sociedade. Castro (2012, p. 8) nos traz a citação de Coutinho (2009) nos mostrando as metas de uma investigação-ação:

- a) melhorar e/ou transformar a prática social e/ou educativa, ao mesmo tempo que procuramos uma melhor compreensão sobre a respectiva prática;
- b) articular de modo permanente, a investigação, a ação e a formação;
- c) aproximar da mudança vinculando a mudança e o conhecimento; de fazer os educadores o protagonista da ação.”

Como benefício, essa nova forma de investigar traz maior destaque ao social, colocando o investigador/pesquisador e os participantes no mesmo plano de intervenção. Nessa perspectiva pode-se combinar métodos qualitativos e quantitativos, onde novas formas de recolher e analisar dados podem ser usadas.

A investigação-ação pode ser desenvolvida diferencialmente de acordo com os contextos, situações e condições que o pesquisador encontrará no seu caminho, conforme diferentes informações durante o processo investigativo.

4.2.1. Modalidades de Investigação-Ação

Vários autores nos trazem modalidades fundamentais. Essas modalidades são baseadas em vários critérios: os objetivos, o papel do investigador, o tipo de conhecimento que geram, as formas de ação e o nível de participação. Essas modalidades são: técnica, prática e crítica ou emancipatória (Coutinho, 2009, pp. 9-10).

Modalidades	Objetivos	Papel do investigador	Tipo de conhecimento que geram	Formas de ação	Nível de participação
Técnica	Melhorar as ações e a eficácia do sistema	Especialista externo	Técnico/ Explicativo	Sobre a ação	Cooptação
Prática	Compreender a realidade	Papel socrático (favorecer a participação e a autorreflexão)	Prático	Para a ação	Cooperação
Emancipatória (crítica)	Participar na transformação social	Moderador do processo	Emancipatório	Pela ação	Colaboração

Quadro 1: Modalidades de IA (Coutinho, 2009, p. 364).

A modalidade de investigação-ação técnica é quando o facilitador externo propõe a experimentação de resultados de investigações externas, isso quer dizer que os objetivos e o desenvolvimento metodológico são predefinidos pelo facilitador externo. E a obtenção dos resultados já se encontram pré-fixados.

Na investigação-ação prática há um protagonismo ativo e autônomo do pesquisador, que conduz todo o processo de investigação. Nesse caso, os facilitadores externos colaboram através de uma relação de cooperação com os envolvidos na pesquisa. Essa ajuda se dá na reflexão dos resultados, das mudanças que serão efetuadas. Podemos destacar nessa modalidade o desenvolvimento do raciocínio e do juízo prático que será desenvolvido. O facilitador assume um papel socrático, não intervindo no processo nem questionando o rumo dele, assim se destaca como consultor do processo.

A investigação-ação crítica ou emancipadora vai além da ação pedagógica, ela se alicerça na transformação do próprio sistema onde facilita e implementa soluções que promovem a melhoria das ações. Nessa modalidade o grupo coletivamente se torna responsável pelo desencadear dos acontecimentos e das transformações que resultarão daquela prática. Caso haja um facilitador externo, ele assumirá por tempo determinado um papel de moderador, onde ajudará a problematizar, modificar as práticas, identificar e desenvolver os autoentendimentos.

Para Coutinho (2009, p. 11). “esta última modalidade é aquela que mais se enquadra no verdadeiro espírito do paradigma do sociocrítico, na medida em que se desenvolve um ambiente de maior colaboração social e preconiza, de uma forma mais intencional, a mudança”.

4.2.2. Modelos de Investigação-Ação

Podemos observar um conjunto de fases que desenvolve de forma contínua, numa sequência de planificação, ação, observação (avaliação) e reflexão (teorização). Esses procedimentos apresentam num movimento circular dando início a um novo ciclo, desencadeando sempre novas espirais de experiências de ações reflexivas (Coutinho, 2009, p. 366).

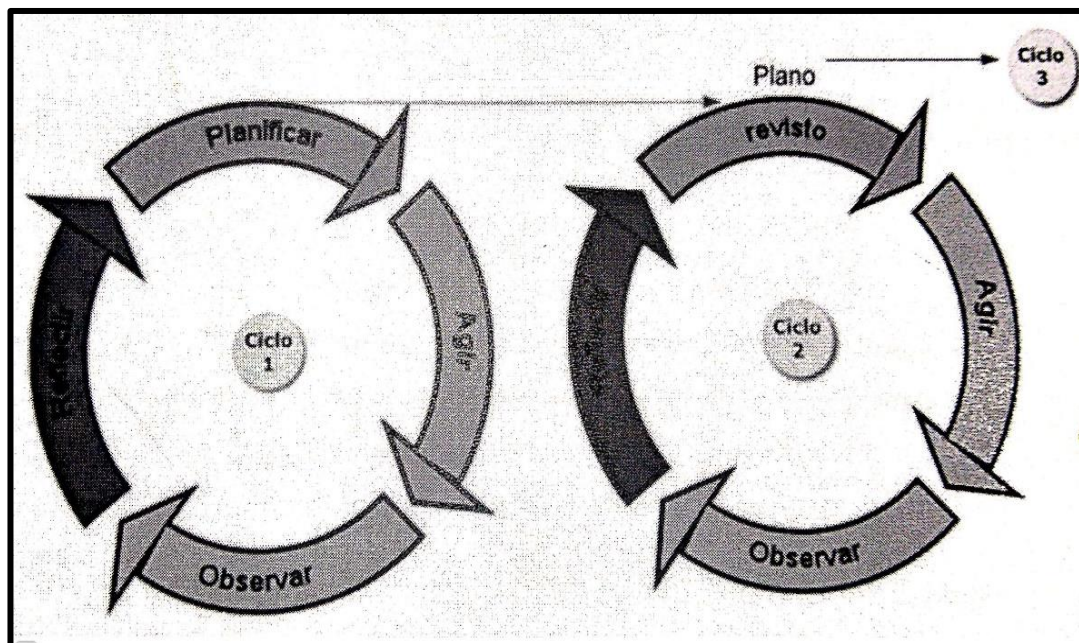


Figura 7: Espiral de ciclos da IA (Coutinho, 2009, p. 366).

Analisando a figura acima o processo de investigação-ação não se limita a um ciclo somente, acima de tudo ele opera mudanças nas práticas e alcança melhorias nos resultados. Necessita-se por parte do pesquisador a exploração e a análise das interações que vão acontecendo ao longo do processo, havendo a necessidade de reajustar ou replanejar a investigação do problema.

A partir deste processo metodológico, Coutinho (2009, p. 367) “apresenta quatro visões com base em quatro modelos diferentes, trazendo contribuições importantes para o desenvolvimento progressivo no processo”.

- Modelo de Kurt *Lewin*

Apresenta três fases nucleares: planificação, ação e avaliação da ação. É uma investigação que parte de uma ideia geral a partir de um tema ou de um problema relevante sobre o qual é pensado um plano de ação, procedendo-se a um reconhecimento e a avaliação do potencial e das limitações para só então iniciar uma ação. Depois dessa fase, o investigador revisa seus planos iniciais de acordo com os elementos informações que foram sendo recolhidos e replaneja planificando a próxima fase a partir daquela informação coletada.

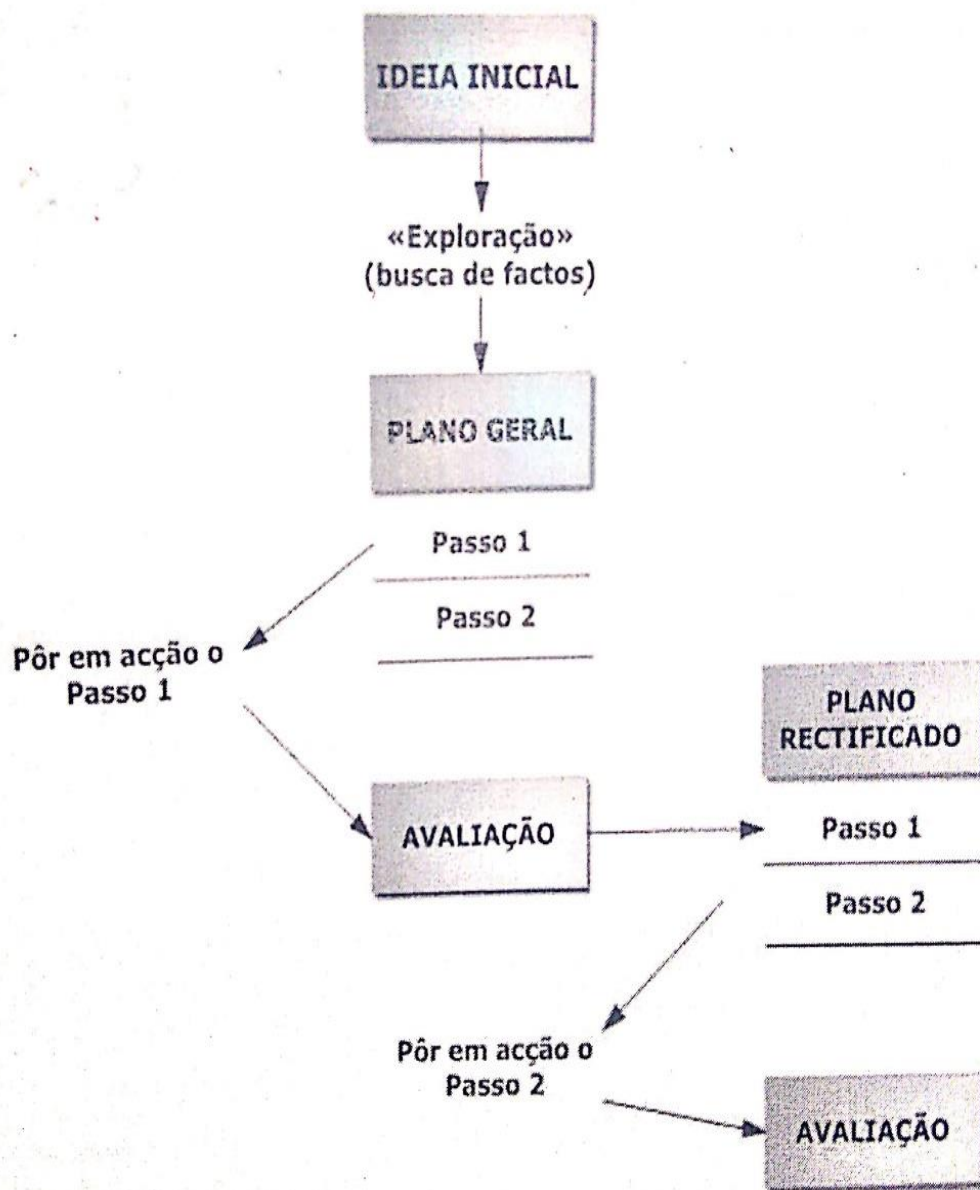


Figura 8: Modelo de Investigação-Ação de Lewin (1946, apud Coutinho, 2009, p. 368).

- Modelo de Kemmis

Nesse modelo o processo passa por duas vertentes: estratégica e organizativa. Na primeira, a ação e a reflexão são pontos chave enquanto a segunda reflete a planificação e a observação. Esses fatores interagem de forma constante contribuindo para a resolução de problemas e para a melhor compreensão das práticas educativas.

Neste modelo percebemos quatro momentos: planificação, ação, observação e reflexão. Ainda podemos encontrar um movimento espiralado nele. Castro (2012, p.14) detalha e explica as quatro fases do processo desse modelo:

- Desenvolvimento de um plano de ação com base numa informação crítica com intenção de alterar determinada situação;
- O estabelecimento de um consenso para colocar o plano em ação;
- A observação dos efeitos de uma ação revestidos da necessária contextualização;
- A reflexão sobre os resultados, servindo como ponto de partida para uma nova planificação, dando início a nova sequência de espirais.

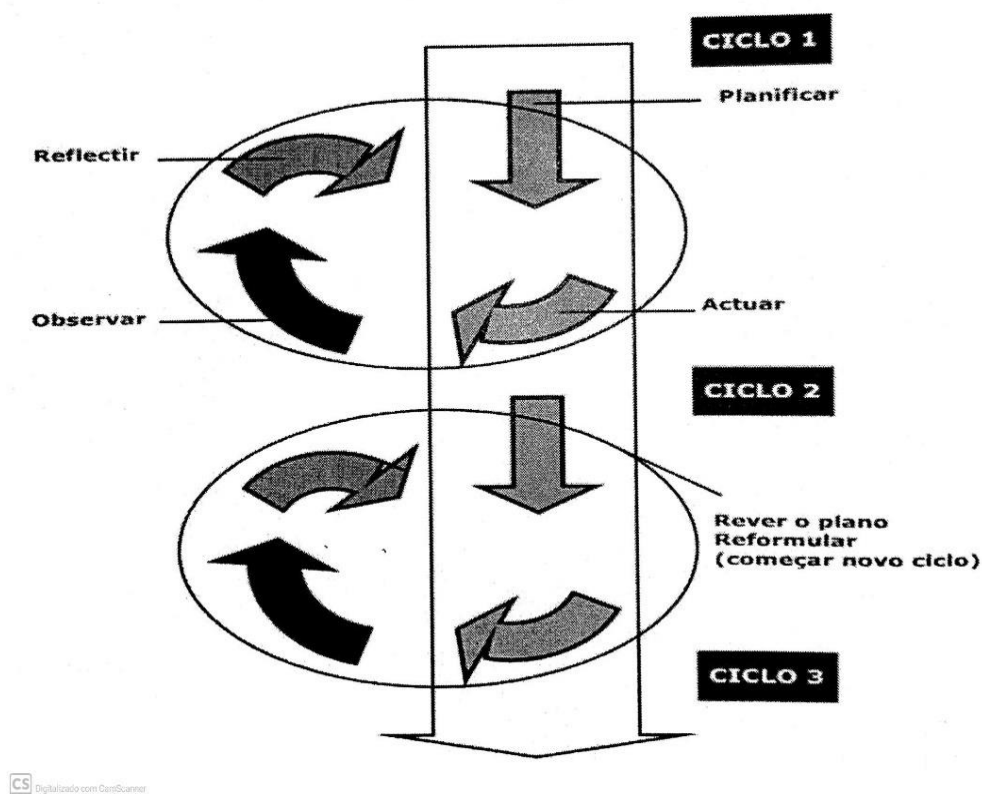


Figura 9: Os movimentos da IA (KEMMIS, 1989, apud Coutinho, 2009, p. 369).

- Modelo de Elliott

Elliott introduz algumas alterações ao modelo Lewin. Ele dá ênfase principalmente ao processo de revisão dos fatos e o reconhecimento das falhas antes de cada sequência de passo dentro do espiral. Nesse modelo encontramos as seguintes fases:

- Identificação de uma ideia geral e a consequente descrição e interpretação do problema a investigar;
- Apresentação das hipóteses de ação, como sendo os atos a realizar para potencializar as mudanças das práticas;
- Elaboração do plano de ação em que o primeiro passo envolve a revisão do problema, análise dos meios a fim de começar a ação seguinte e a planificação dos instrumentos para se ter acesso à informação.

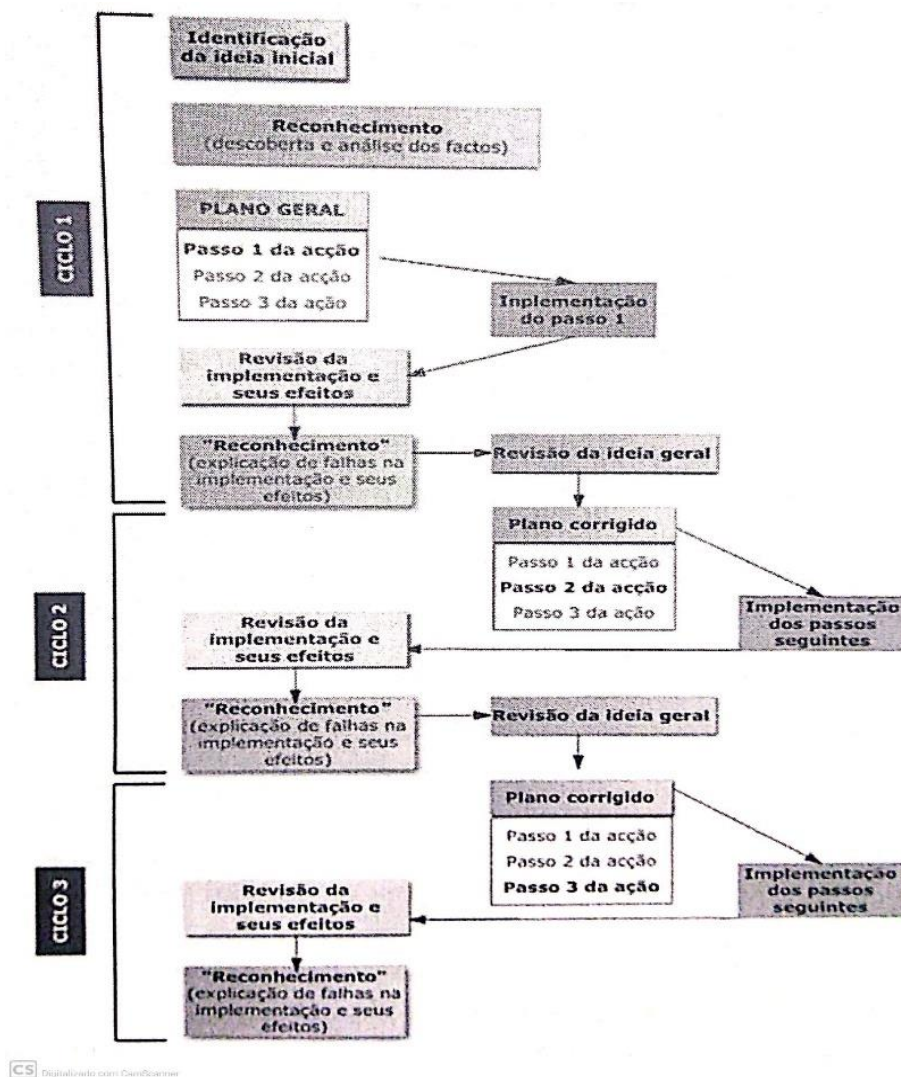
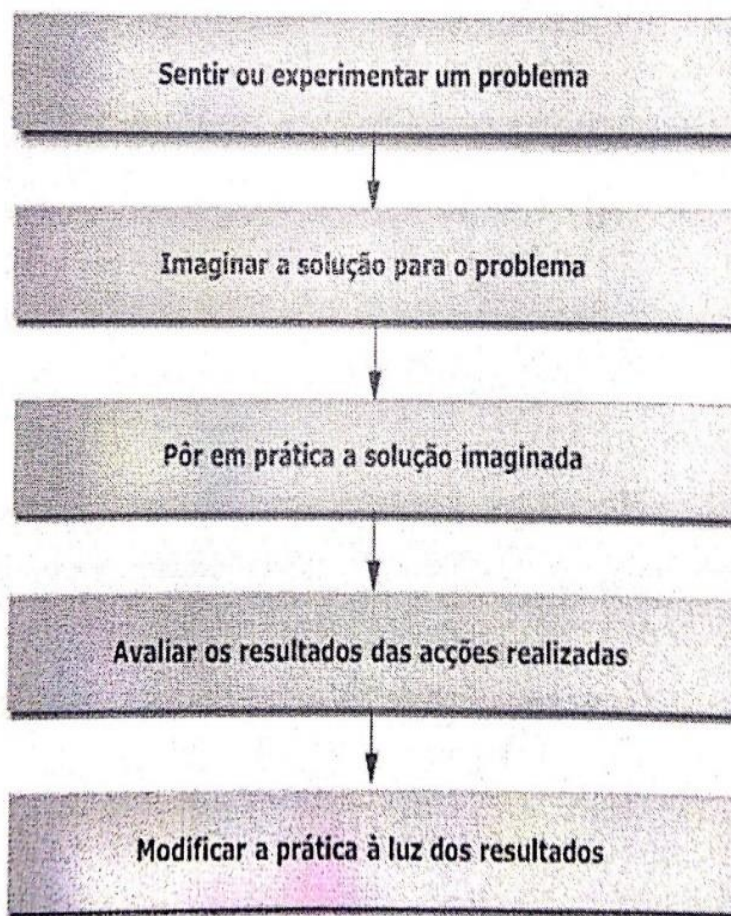


Figura 10: Ciclo da investigação-ação (Elliott, 1993, apud Coutinho, 2009, p. 370).

- Modelo de Whitehead

Propõe o esquema que se situa entre a teoria educativa e o desenvolvimento profissional. Em todas as circunstâncias a investigação e avaliação do trabalho traz à tona questões básicas nas quais o pesquisador precisa se embasar para desenvolver melhor sua pesquisa. Sendo assim, traz uma abordagem mais completa e mais próxima das situações que ocorrem no ambiente pesquisado colocando o enfoque na necessidade e no desejo de mudança.



CS digitalizado com CamScanner

Figura 11: Ciclo de Investigação- Ação, segundo Whitehead (Coutinho, 2009, p. 371).

McNiff (2003) apresentou uma versão mais modificada e recente do esquema da espiral, chamando-lhe “ação-reflexão”.

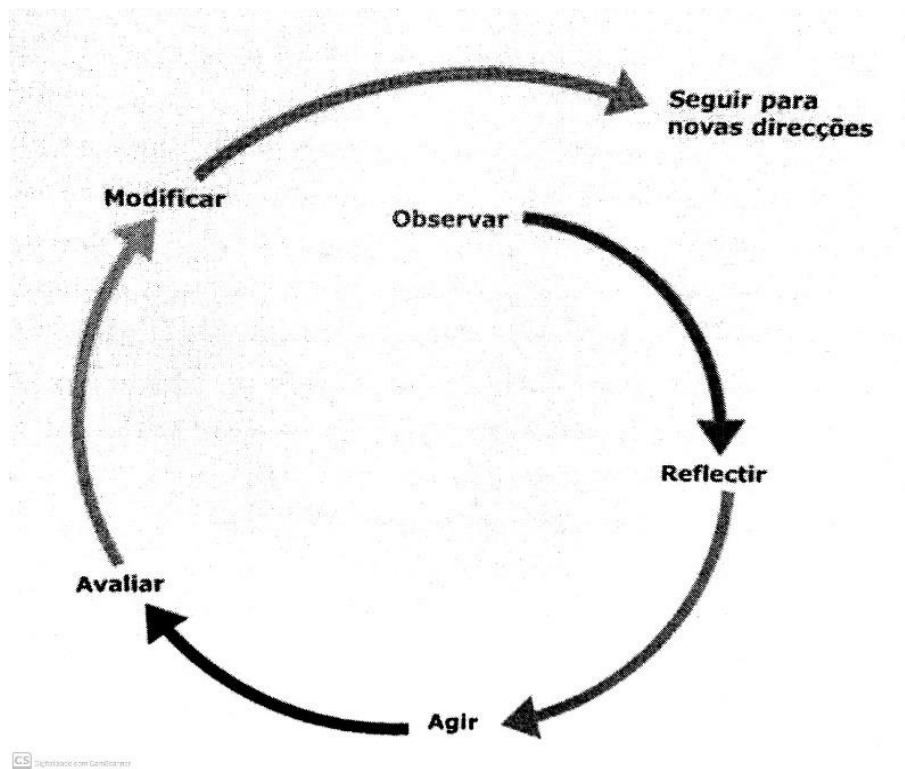


Figura 12: Um ciclo de Ação-Reflexão (Adaptado de McNiff, apud Coutinho, 2009, p. 372).

Coutinho (2009, p. 372) organiza de modo simples e esclarecedor o processo de IA, através de um exemplo de colaboração ação.

- 1) O pesquisador identifica ou é confrontado com o problema e escolhe uma coleta de trabalho para o ajudar a encontrar uma solução.
- 2) O pesquisador trabalha em conjunto com o colega, com o objetivo de elaborar uma abordagem para melhoria da qualidade da educação.
- 3) A pesquisa realizada e as informações são colhidas durante o percurso permitindo determinar se a abordagem é ou não um sucesso.
- 4) Terminada a pesquisa, ela é avaliada pelos dois avaliadores.
- 5) A próxima etapa requer uma nova abordagem melhorando a concepção do que será utilizado.

Costa (2012, p. 18) apresenta as fases do processo da investigação-ação citando MacNaughton & Hughes (2009) “onde se configura um processo cíclico, de pensar-fazer-pensar para investigar e criar a mudança. Esses ciclos envolvem diferentes fases que destacam esse tríplice dimensionalidade: pensar-agir-criar a mudança.”

Esse processo se apresenta dinâmico, aberto a reajuste e conta com a interatividade. Ele inclui as seguintes fases:

- i) Planear com flexibilidade;
- ii) Agir;
- iii) Refletir;
- iv) Avaliar/validar, descrevendo e analisando os dados que conduzem a avaliação das decisões tomadas e dos efeitos observados;
- v) Dialogar, de forma a compartilhar o ponto de vista.

Para validar a investigação, a interação entre os pares é de suma importância, quer dizer, que seja desenvolvida na prática. As fases podem ser retomadas para que sirvam na realização e na validação de um próximo projeto.

Costa (2012, p. 18), citando Gouyette (1984), traz algumas propostas da aplicação do processo, compreendido num ciclo espiral de seis grandes fases:

- 1 - Exploração e análise de experiências;
- 2 - Enunciado de um problema de investigação;
- 3 - Planificação de um projeto;
- 4 - Realização do projeto;
- 5 - Apresentação e análise dos resultados;
- 6 - Interpretação-conclusão-tomada de decisão.

As fases acima englobam três níveis de operações distintas:

- As operações de pré intervenção compreendem a pré observação, a escolha do problema, a planificação do projeto e a delineação de um calendário de operações.

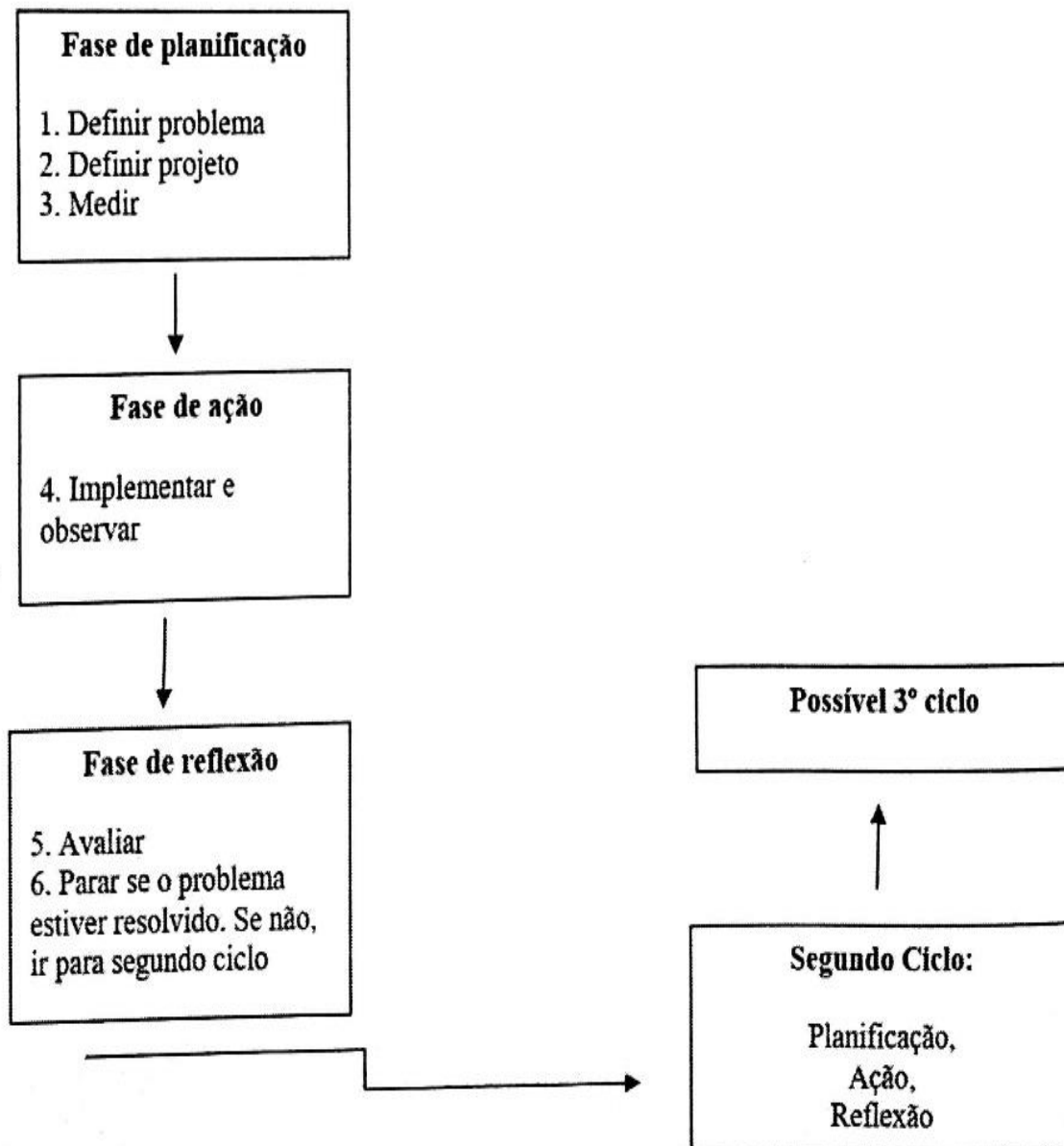
- As operações de intervenções compreendem a intervenção do terreno, o ensaiar do projeto, observação e o registro da intervenção.

- As operações de avaliação compreendem a avaliação dos resultados da intervenção, a apresentação dos resultados, as limitações do projeto, as conclusões e as hipóteses que potenciem novas atuações.

Outros autores que corroboram com a pesquisa de Costa (2012, p.19) são Kuhne e Quigley (1997), que veem a IA como um processo cíclico que envolve três fases: fase de planificação, fase de ação e fase de reflexão.

- 1) Fase de planificação – envolve a definição do problema, a definição do projeto e o processo de medição;
- 2) Fase de ação – envolve a implementação do projeto e o processo de observação;
- 3) Fase de reflexão – envolve o processo de avaliação. Caso não se encontre a solução do

problema, parte-se para o início do segundo ciclo. A fase de reflexão precisa ser sistematizada para ser considerada uma investigação.



CS Digitalizado com CamScanner

Figura 13: Fases da investigação-ação apresentada por Kuhne & Quigley (1997, apud Costa, 2012, p. 20).

4.3. Instrumentos e técnicas de Avaliação

Coutinho (2004, p. 436) se refere a Shaw (1999), que distingue a avaliação de outras formas de investigação educativa, destacando o que é uma questão de finalidade, objetivo ou critério mais do que de metodologias e métodos propriamente ditos. A avaliação orienta-se para a ação, ou seja:

- É uma modalidade de investigação aplicada, que se destina ao uso por oposição à investigação fundamental ou básica preocupada com fundamentação de teorias ou consolidação de conhecimentos já existentes;

- Compara o que é com o que deveria ser, os resultados obtidos com os objetivos/metapas/critérios precisamente definidos;

- Visa fundamentar uma tomada de decisões acerca do que se avalia: aprovar, rejeitar, modificar, implementar.

Podemos analisar que, independente do seu formato, a avaliação é sempre um processo de recolha e processamento de dados que pode apresentar os resultados a partir das mais diferenciadas técnicas e métodos. Ao se falar em avaliação todos os métodos são lícitos desde que tragam informações válidas e capazes de fundamentar as decisões que serão tomadas. Porém, devemos lembrar que o uso dos métodos não adequados pode induzir resultados diferentes e tomadas de decisões erradamente.

Para Patton (1988), citado por Coutinho (2004, p. 437),

é fundamental que o avaliador tome decisões metodológicas fundamentadas o que só será possível se este estiver informado sobre as condicionantes humanas e culturais que condicionam as “escolhas” do investigador e fazem com que a investigação se desenvolva sempre num “aqui” e “agora” ou seja, dentro de um referencial teórico a que se costuma chamar “paradigma”.

Já para Hussén (1988), que cita Coutinho (2004, p. 437), “o paradigma adotado pelo investigador determina o modo como o problema da investigação é formulado, como a forma é abordada do ponto de vista metodológico”. O investigador precisa durante o projeto identificar os interesses humanos que estão por de trás das formas de investigação, pois as metodologias carregam por si só interesses que podem vir a modificar os resultados.

Para Denzin (1989), como nos conta Coutinho (2004, p. 442), “a visão do avaliador é apenas uma de muitas outras possíveis e daí a importância que assume a visão de quem está do outro lado para tomar decisão acertada”.

Deste modo, entendemos que é necessário que antes da tomada de decisão possamos reconhecer os dados, problemas e o currículo para que assim haja o foco na “atenção na relação entre os saberes dos jovens e sua utilização em situações complexas” (Coutinho, 2004, p. 444), que poderia vir a ser uma mudança nas práticas pedagógicas e nos andamentos da avaliação.

Assim sendo, é fundamental que seja analisado e problematizado os paradigmas efetuando uma inspiração para os procedimentos de avaliação, “enquanto metodologia de pesquisa e recolha de

informação em educação no sentido de melhor se perspectivarem modelos inovadores para a avaliação” (Coutinho, 2004, p. 444).

Porém, Alves (2003, p. 210) citado por Coutinho (2004, p. 445), defende a avaliação formadora, “porque integrada na aprendizagem e favorecedora do diálogo crítico entre os diversos autores, servirá o desenvolvimento da autonomia e da autoavaliação, indispensáveis, quer ao desenvolvimento das competências, quer ao auto e hetero reconhecimento desse mesmo desenvolvimento”.

Técnicas de investigação

Castro em seu livro “Características e finalidades da investigação ação (2012, p. 22) cita Latorre (2003) que divide as técnicas e instrumentos de recolha de dados em três categorias:

- a) Técnicas baseadas na observação: centradas na perspectiva do investigador, ele observa indireta e presencialmente o fenómeno em estudo;
- b) Técnicas baseadas na conversação: centradas na perspectiva dos participantes e enquadra-se os ambiente e diálogos e de interação;
- c) Análise de documentos: Centra-se também na perspectiva do investigador e implica uma pesquisa e leitura de documentos escritos que se constituem como uma boa fonte de informação.

Estas técnicas e instrumentos podem ainda classificar-se no seguinte modo:

INSTRUMENTOS (lápiz e papel)	ESTRATÉGIAS (interactivas)	MEIOS AUDIO-VISUAIS
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Testes ✓ Escalas ✓ Questionários ✓ Observação sistemática 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Entrevista ✓ Observação participante ✓ Análise documental 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Vídeo ✓ Fotografia ✓ Gravação áudio ✓ Diapositivos

Figura 14: Técnicas e instrumentos de Investigação-Ação (Coutinho, 2009, p. 373).

- a) Técnicas baseadas na observação (Coutinho, 2009)

- A observação participante: consiste na técnica da observação direta e que se aplica nos casos em que o investigador está implicado na participação e pretende compreender determinado fenómeno em profundidade.

- As notas de campo: que são muito utilizadas na metodologia qualitativas, aplicam-se nos casos em que o investigador pretende estudar as práticas no seu contexto sociocultural e caracterizam-se pela sua flexibilidade e abertura a um imprevisto.

- Diário do investigador: técnica narrativa muito popular que serve para recolher observações, reflexões, interpretações, hipóteses e explicações de ocorrências. Nela o investigador desenvolve o seu pensamento crítico muda os seus valores e melhora a sua prática.

- Memorandos analíticos: notas pessoais que analisam a informação obtida fazendo com que o investigador leia e reflita em pequenos intervalos ao longo do projeto de investigação.

- Escala de medida: permitem determinar as diferenças de grau ou intensidade perante uma situação e aplicam-se em áreas não cognitivas. Usadas quando o investigador pretende medir o grau ou a intensidade de certos valores e atitudes como a: cooperação, a tolerância e a destreza.

b) Técnicas baseadas na conversação (Coutinho, 2009)

- Questionário: instrumento mais universal na área das ciências sociais. É constituído de um conjunto de perguntas sobre algum assunto ou problema que será investigado, as respostas são apresentadas por escrito e permite que o investigador tenha acesso a mais informações. Também é útil para avaliar se a intervenção foi realizada de forma positiva.

- Entrevista: essa técnica também é bastante comum, muito usada para complementar as observações realizadas, permitindo recolher dados sobre acontecimentos e aspectos subjetivos das pessoas, como: atitudes, opiniões, valores e conhecimentos. Ajuda na interpretação dos significados do que está sendo avaliado.

- Grupos de discussão: Propiciam uma interatividade, fornecendo para o investigador informações que ele poderá utilizar comparando as experiências e o ponto de vista dos entrevistados.

c) Análise de documentos (Coutinho, 2009)

- Documentos oficiais: constituem-se em boas fontes de informação. Entende-se por documentos oficiais artigos de jornais e revistas, registros de organismos públicos, legislação, horários, atas de reuniões, planificações, registros de avaliação, ofícios, manuais, fichas de trabalho, enunciados de exames, entre outros.

- Documentos pessoais: Por vezes muito utilizados principalmente se os investigadores derem

importância ao método biográfico narrativo e as histórias de vida. Podem ser divididos em: documentos naturais, quando são de iniciativa da própria pessoa e em que o propósito ao seu autor não coincide com o objetivo do investigador, e em documentos sugeridos pelo investigador, que solicitado ao investigado escreve sobre suas experiências pessoais. Nesse tipo de registro, ganha a importância o diário, porque destina-se a recolher observações e reflexões sobre os acontecimentos da vida daquela pessoa de uma forma regular e continuada.

Os meios audiovisuais são técnicas usadas nas práticas da investigação que visam registrar as informações selecionadas previamente (Coutinho, 2009).

- Fotografia: Considerada uma técnica de excelência, na medida que converte esse documento em prova da conduta humana com características retrospectivas e viáveis do ponto de vista da credibilidade.

- Vídeo: Ferramenta indispensável quando o pesquisador quer realizar estudos da observação em contextos naturais. É um instrumento que associa a imagem em movimento ao som, fazendo com que o investigador possa observar fatos ou por menores que lhe tem escapado durante a observação.

- Gravação áudio: Permite captar interações verbais e explorar os aspectos das narrativas dos envolvidos. Possibilita analisar com um maior distanciamento os padrões que são apresentados.

Assim sendo, percebemos que a investigação-ação, a partir dos seus instrumentos avaliativos, trazem grandes contribuições ao novo contexto educacional. Através desses instrumentos os pesquisadores obtêm dados de fundamental importância para as suas análises e podem vir a sugerir ou mesmo aplicar ações que vão modificar comportamentos e paradigmas que naturalmente, sem essa análise não se modificariam.

4.4 Condicionantes e limitações do Projeto

Inicialmente, não havia desejo de realizar o projeto por problemas pessoais e familiares, porém ao conversar com algumas pessoas, sendo uma delas a coordenadora do mestrado, voltei a acreditar que seria possível reviver o projeto e a vontade de fazer mudanças no contexto escolar.

Criei objetivos, desejos e surgiu com uma vontade de fazer dar certo o projeto e que pudesse ser levado adiante após o estágio. Acreditei, estudei, conversei com os envolvidos para a realização do projeto, assim iniciamos a fazer o projeto sair do papel e ir para a prática.

Portanto, não houve facilidades em realizar esse projeto, pois tive limitações como:

- aceitação dos professores ao me verem na instituição;

- falta de compreensão do tema na instituição, dificultando a aplicabilidade do plano de atividades;
- a falta de liberdade para vivenciar de fato o contexto educativo, em reuniões pedagógicas e com pais de alunos;
- falta de disponibilização de horários para as sessões de atividades, por causa dos professores que não firmavam os seus horários das atividades extracurriculares;
- ocorreu limitação em relação à paralisação mundial por conta da pandemia de coronavírus, impossibilitando a apreciação *online* das atividades já planejadas;
- não ocorreu apoio da instituição para que eu pudesse acompanhar as atividades remotas através da plataforma, podendo dar sequência as observações;
- limitação de natureza pessoal, a depressão e o transtorno de ansiedade para concluir o referido projeto.

Perante as limitações, consegui de certa forma fazer com que o projeto e as atividades tivessem uma importância social, pedagógica e emocional para que um futuro próximo possa ser aplicado.

No que se refere aos recursos materiais, não ocorreu limitação, já que a instituição disponibilizava o que eu solicitava, como livros, impressões de questionários, massinha e entre outros, que também estavam previstos para serem utilizados encontravam-se à disposição. Quando apliquei o questionário, eu estava junto na reunião pedagógica, sendo assim a sala já estava sendo utilizada com outros objetivos. Tive o recurso de mídia, retroprojetor e computadores para apresentar o questionário de reflexão final e desenvolver de forma rápida algumas anotações necessárias para os questionários.

No período em que estive presente, algumas vezes me sentia desconfortável em estar na sala da coordenação e dividir uma mesa pequena com a Orientação Educacional, não me foi disponibilizado uma sala para ser o gabinete de Mediação e sim apenas uma cadeira. Me sentia desconfortável por às vezes algum professor entrar e não querer falar na minha frente e solicitar que a coordenadora e/ou orientadora educacional saíssem da sala.

Para a colaboração desse projeto, contei com a ajuda da orientadora educacional e dos poucos funcionários que se colocaram à disposição, caso eu quisesse entrar na sala para observação e desfrutar dos conhecimentos deles. Eles cooperaram e ajudaram em todo o processo, desde o questionário introdutório, como no questionário de reflexão. Tive a colaboração de uma professora, que diariamente contava com minha ajuda e troca de conhecimentos para o melhor desenvolvimento do trabalho dela em sala de aula.

Foram poucos aqueles que me indagaram e me permitiram aproximar inicialmente para falar

sobre a Mediação, dentre esses poucos, houve uma parceria e confiabilidade para conversas mais minuciosas sobre a instituição. Eu estava ali como ouvinte para mediá-los para não criar conflitos.

Em um todo, a experiência foi gratificante para o meu estágio, pois tive que aprender a lidar com as limitações e repensar em como agir e pôr em prática os meus desejos já programados.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO/PESQUISA

Neste capítulo serão apresentados as atividades, os objetivos estabelecidos, os dados que foram coletados, a análise crítica e serão discutidos os resultados que esperávamos alcançar ao término dessa pesquisa.

A finalidade do projeto visava mediar as práticas pedagógicas no intuito de prevenir os conflitos nos contextos educativos tendo como público-alvo crianças de dois a cinco anos. Ao pensar no diagnóstico de necessidades, percebe-se a importância da mediação nas escolas, principalmente em face desse novo contexto social, onde notamos o aumento da violência e a escassez da presença dos responsáveis, terceirizando a educação e o cuidado dos seus filhos para o ambiente educativo.

Em consonância com os movimentos internacionais onde surgiu a preocupação com as questões de cidadania e paz, foi refletido que seria necessário trabalhar através das novas gerações habilidades e competências que os tornariam capazes de serem cidadãos de bem, responsáveis e autônomos. Assim, o trabalho realizado tinha como principal foco os alunos participantes do projeto e seus comportamentos.

Entendemos que o desenvolvimento de uma boa convivência e a capacidade de participação se dão por via de uma comunicação clara e aberta que seria recurso indispensável no desenvolvimento deste projeto. Através da instauração de uma boa comunicação, promoveríamos o desenvolvimento intrapessoal e interpessoal, capacitando os envolvidos no ambiente educativo.

Para tal intento, utilizei questionários, diários de bordo, observação, conversas formais e informais e análise de documentos, a fim de buscar dados e tomar conhecimento da dinâmica escolar e de como poderia otimizar as informações obtidas para o melhor desenvolvimento e para aplicabilidade da pesquisa.

5.1 Apresentação das propostas no ambiente do estágio

Pretendia-se proporcionar a todos os envolvidos da instituição o conhecimento da mediação e da resolução de conflitos no contexto escolar. Para isso, proporcionaríamos atividades lúdicas, que envolveriam música e dança, histórias, dinâmicas, materiais estruturados como bloco lógico, conversas informais e desenhos.

Pensando na organização e otimização de tempo para a aplicação das atividades, foi feita uma calendarização das atividades do projeto de intervenção/ investigação-ação. Abaixo poderemos observar como as atividades seriam desenvolvidas ao longo dos meses, iniciando em setembro 2019 e finalizando o estágio e as atividades em junho de 2020.

Meses	Trabalhos a desenvolver
<p align="center">SETEMBRO/ OUTUBRO/ NOVEMBRO</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Visita ao contexto educativo; - Observação/ Reconhecimento do Espaço; - Aplicação de Questionário Introdutório; - Recolha de dados e análise documental; - Reunião com Orientadora Educacional e com Coordenadora Pedagógica; - Observação de público-alvo; - Presença em sala de aula e conversas informais com docentes e auxiliares de turma; - Pesquisa Bibliográfica para fundamentar entrevista estruturada e plano de atividades; - Observação Participante em sala de aula e colaboração na realização de atividades curriculares com os alunos; - Finalização do plano de atividades;
<p align="center">DEZEMBRO</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Participação em Reunião Pedagógica e semana de planeamento para o próximo ano letivo; - Explicação sobre a Temática Mediação e como é feita em contexto educacional; - Aplicação de questionário de metas e expectativas para o próximo ano letivo 2020 e refletir como foi o trabalho pedagógico no ano de 2019 e sobre a mediação educacional, aos docentes; - Aplicação de questionário específico para os docentes dos segmentos do público-alvo do plano de atividades; - Desenvolvimento de dinâmicas de grupo como o “O jogo da ilha” e/ou “Encontrei uma nova profissão.”
<p align="center">FEVEREIRO/ ABRIL</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Realização de Contos Infantis que visam a prevenção de conflitos e o conhecimento da identidade: 1- “Por que quem espera sempre alcança?”; 2- “Deixa que eu faço! Aprendendo sobre a responsabilidade”; 3- “Não fui eu! Aprendendo sobre honestidade”; 4- “Por que sou uma menina xadrez.”; 5- “Bullying na Escola: Forte para vencer na vida”; 6- “Quando um não quer dois não brigam.” 7- “CAOS!”;

	<ul style="list-style-type: none"> - Preparação de um Portfólio das atividades desenvolvidas dentro de sala de aula e sala de psicomotricidade; - Atividades com massinhas modeladoras, compreender a dividir e respeitar o espaço do outro; - Desenvolver a capacidade de participação; - Desenvolver a capacidade de empatia entre as crianças; - Desenvolver a capacidade de ajudar ao próximo mesmo sem ser solicitado; - Avaliação através de desenhos com as crianças e atividades que possam expressar seus sentimentos, como por exemplo, os cartões sentimentais.
MAIO/ JUNHO	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação de questionário aos docentes, orientadora educacional e coordenadora educacional para refletirem sobre o trabalho da mediação junto ao pedagógico na prevenção dos conflitos; - Período final do projeto para análise e balanço geral das atividades desenvolvidas durante o período de estágio; - Aplicação de reflexão à estagiária sobre o seu projeto e sua prática de mediação em contexto educacional.

Quadro 2: Descrição e calendarização das atividades de investigação-ação.

Todas as atividades seriam realizadas em horários disponibilizados pela coordenação, que até então não tinham sido definidos, pois estavam aguardando os horários dos professores de atividades extracurriculares e o término da adaptação de retorno das aulas.

Inicialmente após a aplicação do primeiro questionário (anexo I), obtive apenas retorno da metade da equipe. Nessa primeira análise de dados, foi verificado que os funcionários não tinham a ideia exata do tema a ser tratado, confundindo a temática com a Mediação Inclusiva.

A temática no Brasil, ainda é vista na área judicial, e no ambiente educacional, o trabalho de mediação de conflitos, é feito através da psicóloga da escola, ou da orientadora Educacional, junto coma coordenação, que não se encontra presente todos os dias da semana, não havendo muitas vezes uma sequência de trabalho. Para chegar ao objetivo final, as atividades foram planejadas separadamente por segmento. Podemos analisar abaixo a grelha orientadora para o desenvolvimento das sessões de prevenção de conflitos na Educação Infantil.

Segmento:Maternal I e II (manhã e tarde) – 2 / 3 anos

Número de sessões:10 sessões. (30 minutos cada sessão)

Nº da Sessão Duração	Objetivos	Conteúdos	Atividades/Estratégias
1	Conhecer os alunos e pré reconhecer os alunos mediadores informais; Permitir o conhecimento entre os diferentes elementos do grupo; Desenvolver o conceito do eu e seus sentimentos.	Identidade	Análise de conversa e apresentação à turma. Dinâmica do espelho. (Ver sessão 1)
2	Estimular o conhecimento do eu e dos próprios sentimentos.	O eu e meus sentimentos	O conhecer o eu e o que sinto. Dinâmica do Desafio. (Ver sessão 2)
3	Promover a escuta ativa e noção espacial.	O eu e o outro; Noção espacial.	Reconhecendo o momento do eu falar e o outro. Dinâmica da estátua. (Ver sessão 3)
4	Estimular a comunicação verbal.	Funções dos alunos mediadores	O ouvir e a observação. Dinâmica de comunicação: Campo Minado. (Ver sessão 4)
5	Desenvolver a concentração.	Competências e desafios dos alunos mediadores.	Blocos lógicos (Ver sessão 5)
6	Trabalhar as capacidades comunicativas; Estimular a relação interpessoal.	Linguagem verbal e não verbal.	Brincadeira descubra o que imito. (Ver sessão 6)
7	Promover o respeito e o olhar ao próximo.	Comunicação e a facilitação no diálogo.	Brincadeira gato mia. (Ver sessão 7)

8	Estimular a habilidade de gerar ideias originais e solução para o dia a dia.	Criatividade e imaginação.	Dinâmica do objeto. (Ver sessão 8)
9	Promover a relação interpessoal.	Noção corporal e espacial.	Dinâmica do toque. (Ver sessão 9)
10	Desenvolver a curiosidade; Avaliar o processo da prevenção de mediação.	<i>Feedback</i> dos alunos sobre as sessões e autoavaliação	Dinâmica do Caça ao tesouro psicomotor. (Ver sessão 10)

Grelha 1 - Orientação para o desenvolvimento das sessões de prevenção de conflitos na Educação Infantil

De seguida, descrevemos as sessões com mais detalhes.

Sessão 1

Dinâmica do espelho

Objetivo: Desenvolver o conceito do eu e sentimentos.

Material necessário: Caixa de sapato e espelho.

Procedimento: A formanda iria colocar as crianças em uma roda e iria chamar uma criança por vez, para abrir a caixa, perguntaria o que ele estava vendo, como ele se sente, se gosta de ver o que está vendo e observaria as reações do aluno no decorrer da dinâmica.

Sessão 2

Dinâmica do Desafio

Objetivo: Estimular o conhecimento do eu e dos próprios sentimentos, analisando o medo que as crianças têm do desconhecido e demonstrar que não há o que temer ao encarar novos desafios. É normal as crianças se sentirem inseguras ao receberem uma caixa em que não se sabe o que tem dentro. Porém, ao verem que não existia tarefa alguma, e sim pirulitos, elas vão entender que encarar o desconhecido nem sempre é algo ruim.

Material necessário: Caixa de sapato, pirulitos e papel opaco

Procedimento: Sem que as crianças vejam, a formanda deve cobrir a caixa de sapato com um papel opaco, para que não seja possível reconhecer seu conteúdo. Em seguida, as crianças devem sentar-se em um círculo no centro da sala. Ela deve dar a caixa fechada para uma delas e pedir que a passem de mão em mão até que seja dado o sinal para parar. A caixa contém bombons, porém o professor deve explicar às crianças que dentro dela há uma série de tarefas a serem cumpridas e que, ao final, quem estiver com a caixa em mãos deverá realizar uma dessas tarefas, mas na verdade dentro da caixa haverá pirulitos.

Comentários: O novo deve ser tratado como algo bom, e treinar as crianças desde pequeno com esse pensamento é essencial para as frustrações da vida e para que não tenham medo de se arriscar atrás de seus sonhos e desejos, e que muitos podem ser levados para o sucesso.

Sessão 3

Dinâmica da estátua

Objetivo: Promover a escuta ativa e noção espacial.

Material necessário: música e espaço aberto

Procedimento: As crianças ficariam espalhadas pelo espaço e a formanda iria colocar a música, eles vão dançar e quando a formanda pausar a música deveriam ficar em estátua.

Comentários: Entender que precisamos prestar atenção no ambiente é um ponto positivo para não desenvolver conflitos em nossas vidas e na dos outros.

Sessão 4

Dinâmica de Comunicação: Campo Minado

Objetivo: Promover a escuta ativa. / Desenvolver a compreensão. / Trabalhar as capacidades comunicativas. / Desenvolver a capacidade da comunicação.

Material necessário: Sala, cadeira, caixas, livros e venda de olhos.

Procedimento: Em uma sala vazia ou em outro espaço mais amplo, espalhe alguns obstáculos no caminho – cadeiras, caixas, barbantes, corda, bambolês e entre outros, formando um “campo minado”. Dividindo o grupo em duplas, um dos integrantes da dupla vai estar no campo minado, com os olhos vendados e não poderá falar, apenas ouvir. O outro da dupla ficará de fora, dando as instruções ao seu parceiro sobre como desviar dos obstáculos, indicando se deve ir para frente, para esquerda ou para direita, pular ou agachar. Antes de iniciar, é necessário que dê um tempo para a dupla planejar como eles irão se comunicar. Por exemplo, criando palavras-chave para ajudar no entendimento. Durante a atividade, caso o participante que esteja no campo minado esbarre em algum obstáculo, eles devem receber alguma consequência – Voltar cinco passos ou ficar sem jogar uma rodada, por exemplo. Para motivá-los, diga que a dupla que completar o trajeto mais rapidamente ganhará um prêmio, podendo ser bala ou algum brinquedo simples.

Comentários: Além de trabalhar conforme os objetivos de preparar a criança para ser mediadora e evitar os conflitos, trabalhará as questões pedagógicas, como noção corporal, lateralidade e entre outros.

Sessão 5

Blocos lógicos

Objetivo: Desenvolver a concentração.

Material necessário: Blocos lógicos.

Procedimento: Ao expor a formanda solicitará que as crianças realizem algumas atividades, como:

- Separar os blocos por cor;
- Imitar 1 sequência montada pela formanda;
- Ordenar as peças utilizando critério próprio, determinado pela criança;
- Montar os blocos lógicos como achar necessário.

Comentários: Através de um olhar pedagógico, podemos observar que as tais atividades além de trabalhar a concentração, como um ponto importante para um mediador, a formanda trabalharia a coordenação motora fina e raciocínio.

Sessão 6

Brincadeira descubra o que imito.

Objetivos: Trabalhar as capacidades comunicativas. / Estimular a relação interpessoal.

Material necessário: nenhum.

Procedimento: As crianças ficariam em roda para adivinhar o que o amigo está imitando, dando oportunidade de todos brincarem e adivinharem. A formanda ajudaria a escolher o que a criança imitará.

Comentários: Nessa sessão podia ser adaptada para o tema que cada turma se encontra trabalhando em sala de aula, como por exemplo: animais, meios de transporte, profissões e entre outras.

Sessão 7

Brincadeira gato mia.

Objetivos: Promover a escuta ativa o respeito e o olhar ao próximo.

Material necessário: nenhum.

Procedimento: A formanda colocaria as crianças em roda e chamaria uma criança de cada vez para que adivinhasse quem imitou o gato. Enquanto a criança se encontra com a formanda, ela vendaria os olhos da criança que iria adivinhar e apontaria para a criança que imitaria o gato.

Sessão 8

Dinâmica do Objeto

Objetivo: Estimular a habilidade de gerar ideias originais e solução para o dia a dia.

Material necessário: Uma caixa, com vários objetos, panelinha, bonecas, bolas e carrinhos.

Procedimento: Dentro da caixa, a formanda colocaria os objetos dentro da caixa sem que as crianças vejam. Colocaria as crianças sentadas a sua frente e a brincadeira inicia quando a formanda retira o objeto da caixa. A cada objeto uma criança escolhida pela formanda iria contar uma história junto com a formanda sobre aquele objeto, se a criança tem um objeto parecido e como podem brincar com

ele.

Comentários: Pedagogicamente, a atividade proposta teria o objetivo de impulsionar a criatividade, memorização e desenvolvimento de percepção de tempo.

Sessão 9

Dinâmica do toque

Objetivo: Promover a relação interpessoal.

Material necessário: nenhum.

Procedimento: As crianças ficariam em duplas e iriam brincar de tocar na parte do corpo do amigo que a formanda falar.

Sessão 10

Dinâmica caça ao tesouro psicomotor

Objetivo: Desenvolver a curiosidade.

Material necessário: Sala de psicomotricidade e materiais psicomotores.

Procedimento: A formanda iria fazer um circuito psicomotor e contar uma história, para estimular a curiosidade das crianças em querer ver o que têm no final do percurso.

Comentários: Ao trabalharmos a curiosidade, a imaginação é desenvolvida e para a mediação é importante que a imaginação esteja ativa e desenvolvida para prever conflitos e evitá-los, e caso ocorra conflito para solucioná-los.

Segmento:Pré I e II (manhã e tarde) – 4 / 5 anos

Número de sessões:10 sessões. (30 minutos cada sessão)

Nº da Sessão Duração	Objetivos	Conteúdos	Atividades/Estratégias
1	Conhecer os alunos e pré reconhecer os alunos mediadores; Permitir o conhecimento entre os diferentes elementos do grupo.	Identidade.	Análise de conversa e apresentação à turma. Dinâmica do Autorretrato. (Anexo I)
2	Desenvolver a compreensão; Trabalhar as capacidades comunicativas.	Linguagem verbal e não verbal.	Análise de conflitos no contexto escolar existente. Dinâmica de Comunicação. (Anexo II)
3	Promover a escuta ativa; Desenvolver a capacidade da comunicação.	Intervenientes na mediação; Perfil do aluno mediador; Funções dos alunos mediadores.	Análise de quem tem a escuta ativa. Atividades: Telefone sem fio/ Bola e Nome (Anexo III)
4	Desenvolver a confiança no próximo.	Competências e desafios dos alunos mediadores.	Dinâmica do tecido. (Anexo IV)
5	Identificar os possíveis conflitos.	Métodos colaborativos de prevenção de conflitos; Expressão corporal.	Dinâmica do jornal (dança da cadeira no jornal) (Anexo V)
6	Promover o respeito e o olhar ao próximo.	Respeitar e olhar ao próximo.	Dinâmica do sorriso. (Anexo VI)

7	Promover a liderança colaborativa.	Competências de liderança.	Dinâmica Os Hábitos e os conflitos. (Anexo VII)
8	Desenvolver capacidade de trabalho em equipa; Desenvolver a capacidade de liderar.	Liderança e trabalho em equipe.	Dinâmica dos juntos somos mais. (Anexo VIII)
9	Avaliar e reconhecer os conteúdos trabalhados. Aprofundar a percepção de si mesmo, perceber as motivações que interferem nos pensamentos, sentimentos e emoções.	Feedback dos alunos sobre as sessões e autoavaliação.	Conversa informal; Desenho de autorretrato. (Anexo IX)
10	Avaliar processo das sessões e recolher os alunos mediadores. Finalizar sessões.	Avaliação do autorretrato. Encerramento.	Conversa informal; Brincadeira “Caça as batatas”. (Anexo X)

Grelha 2: Orientação para o desenvolvimento das sessões de prevenção de conflitos na Educação Infantil

Sessões

Sessão 1

Dinâmica do autorretrato

Objetivos: Permitir o conhecimento entre os diferentes elementos do grupo. /Conhecer os alunos e pré reconhecer os alunos mediadores.

Material necessário: Sala, cadeiras, lápis e folhas de papel.

Procedimento: A formanda distribuiria a cada participante uma folha de papel e um lápis. Pediria que cada aluno fizesse um desenho que o representasse como pessoa, que identificasse a sua maneira de ser ou de sentir. Após a conclusão e de forma anónima, a formanda receberia os trabalhos e devolvê-los-ia ao grupo para os observarem e identificar o desenho do colega. No final a formanda convidaria o autor do trabalho a explicar o desenho escolhido. A formanda deveria estar atenta a quem participou mais ou participou menos, assim como a capacidade de cada participante em receber as considerações feitas aos seus trabalhos.

Comentários: Com o olhar pedagógico podemos observar que esta atividade trabalharia outras questões como, a percepção visual, a comunicação e interação grupal.

Sessão 2

Dinâmica de Comunicação: Campo Minado

Objetivos: Promover a escuta ativa. /Desenvolver a compreensão. /Trabalhar as capacidades comunicativas. /Desenvolver a capacidade da comunicação.

Material necessário: Sala, cadeira, caixas, livros e venda de olhos.

Procedimento: Em uma sala vazia ou em outro espaço mais amplo, espalhe alguns obstáculos no caminho – cadeiras, caixas e entre outros, formando um “campo minado”. Dividindo o grupo em duplas, um dos integrantes da dupla iria estar no campo minado, com os olhos vendados e não poderia falar, apenas ouvir. O outro da dupla ficaria de fora, dando as instruções ao seu parceiro sobre como desviar dos obstáculos, como por exemplo: dizer “ir para a esquerda, “ir para a direita” “pular o obstáculo”, “abaixa a cabeça”, “engatinha” e entre outros. Antes de iniciar, é necessário que dê um tempo para a dupla planejar como eles irão se comunicar, por exemplo, criando palavras-chave para ajudar no entendimento. Durante a atividade, caso o participante que esteja no campo minado esbarra-se em algum obstáculo, eles deveriam receber alguma consequência – Voltar cinco passos, por exemplo ou – Ficar sem jogar em uma rodada. Para motivá-los, diga que a dupla que completar o trajeto mais

rapidamente ganhará um prêmio ou fará algo que eles gostem.

Comentários: Trabalharia a parte pedagógica, como noção de espaço, lateralidade e discriminação auditiva.

Sessão 3

Dinâmica: Telefone sem fio

Objetivos: Promover a escuta ativa. /Desenvolver a capacidade da comunicação.

Material necessário: nenhum.

Procedimento: Faça um círculo de pessoas. pode ser sentado ou em pé mesmo. Depois você conta uma breve história para a pessoa que está do seu lado. Pediria para que seja repassada para a pessoa seguinte e assim sucessivamente, lembrando que ninguém poderá ouvir a história, somente aquela pessoa que você está contando, no final da roda o último participante deveria contar a história que foi passada e veríamos se foi aquela história ou não.

Comentários: A discriminação auditiva e a concentração são pontos importantes para o desenvolvimento do cidadão e como um mediador, evitando assim situações conflituosas.

Sessão 4

Dinâmica do tecido

Objetivos: Desenvolver a confiança no próximo. /Identificar dificuldades.

Material necessário: Sala de Psicomotricidade, tecido grande (lençol).

Procedimento: Deixar as crianças explorarem o material livremente. Colocar as crianças deitadas em decúbito ventral sobre o tecido e arrastá-las pelo espaço e estimular as crianças a fazerem entre si.

Comentários: As atividades que trabalham a confiança são variadas, como o “carrinho de mão”, e nessas brincadeiras os adultos devem ficar de olhos para que ninguém se machuque. São atividades que além de trabalhar a confiança no outro, trabalhamos a parte psicomotora.

Sessão 5

Dinâmica – Dança no Jornal

Objetivo: Identificar os possíveis conflitos/ dificuldade.

Material necessário: Jornal, música, pátio.

Procedimento: No centro ficariam os jornais, tendo a princípio espaço para todos os participantes. Aos poucos os jornais seriam retirados e cada vez ter menos espaço para os participantes,

tendo eles que arrumar um jeito de caber todos, aqueles que ficassem para fora do jornal, sairiam da brincadeira e ajudariam o júri verificar quem não conseguiu ficar no jornal.

Comentários: Essa atividade vai de encontro a Dança das cadeiras, que trabalha a discriminação auditiva, onde temos que nos concentrar para ouvir a música parar e procurar uma cadeira ou um jornal onde não há ninguém, para que não sejamos eliminados da atividade. Além de trabalhar também o respeito ao próximo.

Sessão 6

Dinâmica do sorriso

Objetivo: Promover o respeito e o olhar ao próximo.

Material necessário: Desenho de bonecos, boca triste e boca feliz.

Procedimento: Em uma roda, um por um iria montar seu boneco sorriso, iriam demonstrar seus sentimentos e contar o motivo daquele sentimento.

Comentários: A troca do sorriso com o outro promove o bem-estar e desenvolve a capacidade de compreender o sentimento do outro.

Sessão 7

Dinâmica - Os hábitos e os conflitos.

Objetivo: Promover a liderança colaborativa.

Material necessário: Sala ou espaço ao ar livre.

Procedimento: Constituir dois grupos e incentivá-los a conversar sobre situações que os deixam tristes entre eles. Por fim, definir comportamentos que são simultaneamente criadores de um bom clima relacional e promotores de envolvimento e motivação.

Sessão 8

Dinâmica dos juntos somos mais

Objetivos: Desenvolver capacidade de trabalho em equipa. / Desenvolver a capacidade de liderar.

Material necessário: Sala e esteiras.

Procedimento: A formanda deveria solicitar que todos fizessem uma roda e gravar quem está ao seu lado direito e no seu lado esquerdo. Pediria que as crianças andassem pela sala e quando a formanda falasse “já”, todos deveriam ir até o centro da sala e formar a roda. Deveriam dar as mãos exatamente para as pessoas que estavam ao seu lado direito e esquerdo, sem sair do lugar. Por fim, deveriam voltar para ordem, sem que soltassem as mãos e conversar sobre os acertos e erros na dinâmica.

Comentários: Além de promover a liderança e o trabalho em equipe, seria trabalhar a noção espaço-temporal, lateralidade e companheirismo.

Sessão 9

Dinâmica - Autorretrato desenhado – Encerramento

Objetivo: Aprofundar a percepção de si mesmo, percebendo as motivações que interferem nos pensamentos, sentimentos e emoções.

Material necessário: Papel ofício, lápis, borracha e lápis de cor ou de cera.

Procedimento: Solicitar que desenhassem uma figura humana, da cabeça aos pés. Olhar a figura, entrar em contato com ela, dar-lhe uma identidade. Pensar em palavras referentes a boca – alguma frase que foi dita que você se arrependeu ou frase que ainda precisa ser dita e ainda não foi, a mão direita – um sentimento para oferecer e a mão esquerda – algo que tem necessidade de receber.

Comentários: Atividades reflexivas, fazem com que os envolvidos trabalhem a criatividade, imaginação e tenham criatividade para refletir e resolver, caso seja necessário.

Sessão 10

Caça às batatas

Objetivo: Desenvolver o trabalho em equipe;

Material necessário: Jornais e revistas, dois cestos de boca larga.

Procedimento: As crianças deveriam amassar várias folhas de jornal e revistas (serão as “batatas”). Essas “batatas” deveriam ser espalhadas e escondidas em vários lugares da sala. Depois, os participantes, divididos em duas equipes, deveriam apanhar as “batatas” e colocá-las no cesto destinado ao seu grupo. A equipe que tivesse o maior número de “batatas”, teria sido a mais rápida para encontrar as “batatas”. E todos ganhariam doces.

Comentários: A união faz a força, sendo assim todos juntos pegando cada vez mais batatas, conseguiriam chegar ao objetivo, ganhar. Além de trabalhar a colaboração em equipe, no início da atividade nota-se que trabalharia também a coordenação motora fina, ao amassar os jornais e revistas, além de rasgá-los.

As atividades não foram possíveis de serem aplicadas devido ao ensino ter sido remoto durante a pandemia, sendo inviável por conta da pouca idade do público-alvo e a escola não disponibilizou acesso a plataforma onde poderiam vir a ser efetuadas as atividades.

Não houve o acompanhamento das atividades online realizadas pela escola, para que pudesse

ter uma observação continuada do desenvolvimento de ensino-aprendizagem. Podendo-se aplicar uma mediação para que as atividades que não estava sendo atingida ao seu objetivo ser resolvida, e por muitas vezes os responsáveis terem que procurar uma solução por fora da escola para o melhor desenvolvimento de suas crianças.

Sendo remotas as aulas, não seria possível as anotações de novas análises como vinha sendo feito antes da pandemia, porém seria vivável apenas a observação e a colaboração entre estagiária e colégio. Nos anexos II, III, IV e V, podemos conferir um resumo das observações e atividades que foram possíveis realizar antes da paralisação.

Apresentamos em seguida observações apresentadas e o modo como foram resolvidos:

- Caso criança M: Criança com má formação das mãos e dos pés, pais que mudaram profissionais porque querem apenas ouvir o que lhe interessam, a professora de turma é impedida de falar o que realmente deve, porque não permitem que fale a verdade.

A escola entra como informadora das dificuldades que geram entorno da criança e sua socialização, solucionando através da inclusão na sociedade.

- Caso X: Nesse período de observação tive a oportunidade de vivenciar com a criança X tendo crise de transtorno comportamental, como não é nosso objetivo diagnosticar uma criança, chegamos à conclusão informalmente, através de conversas e observações feitas pela professora, Orientadora Educacional e a mediadora de inclusão da criança X, que é provável que ele venha sofrendo de transtornos comportamentais, excesso de ansiedade e já diagnosticado pelos médicos uma criança com TDAH (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade).

A criança X fica extremamente agressiva e pega a cadeira para jogar em quem tiver a frente, agride um amigo específico e agride quem tiver por perto tentando o acalmar, ou apenas observando o comportamento, também teve situação dele cuspir em quem passasse por perto. Nesse dia do ocorrido a mãe foi imediatamente chamada para tentar acalmá-lo, mas também não conseguiu de imediato, acalmando apenas quando a mãe ameaçou a bater. A mãe foi chamada no dia seguinte para reunião com a Orientadora Educacional e a Vice-Diretora da instituição, e tiveram uma longa conversa sobre o comportamento da criança X, e deixaram claro que o comportamento dele vem atrapalhando o desempenho da turma. A mãe disse que foi ao neurologista, mas que não concorda em dar os medicamentos e que hoje, têm medo de como será o futuro dele.

A escola já vinha sinalizando os comportamentos desta criança X desde o Maternal e nunca foi

ouvida, hoje a situação chegou ao extremo e observamos que a mãe também não há mais o controle. Observando as crianças que se encontram na sala de aula, sentimos que elas se encontram assustadas e evitando a convivência com ele, as crianças saem de perto e não querem brincar com ele. O irmão da criança X, que também se encontra na mesma turma, se sente assustado e fica retraído quando a criança X está por perto, não tendo a liberdade de ser quem ele é, por ter sempre seu irmão no meio, chamando a atenção de todos.

Ao longo da observação, a criança X volta a ter conflitos na escola, sendo que o caso seria do irmão. A criança com transtorno comportamental que influenciava na personalidade do irmão. Sendo assim, eles foram separados no Pré II, para que ambos pudessem se desenvolver pedagogicamente e psicologicamente. A mãe, como não aceitou essa separação pediu para conversar com a coordenadora que permaneceu com sua atitude de não os juntar. Não satisfeita, solicitou uma reunião com a diretora e vice-diretora, para expor a situação, onde foi cedido que a criança X iria para a turma do irmão. O irmão por, todavia, que estava se desenvolvendo positivamente a relação intrapessoal, retornou em seguida ter comportamentos retraídos.

O caso foi resolvido pela mãe retirando a criança da escola, pois não concordou com os métodos da instituição, e condições da equipe pedagógica.

- Caso W: A criança que não aceitou a história contada pela auxiliar de turma, por ser história de menininha e de princesa. Cuspiu na auxiliar e bateu nela, a coordenação foi chamada para intervir, a criança foi levada para a sala de coordenação e foi conversado sobre essa questão de menino/menina, e que ambos podem ouvir histórias de princesas e príncipes, monstros e fadas, tendo todos o momento de escolha e de ouvir o outro. Não houve ocorrência de novas atitudes até o fechamento desse resumo.

Presenciei situações de parceria escola-família que muito me agradaram em ver a empatia e colaboração de ambos. Ocorreu de ter uma mãe internada durante 8 dias no CTI e a criança não estava indo para a escola, perdendo as atividades e dinâmicas desenvolvidas pela professora. Após o retorno da criança na escola, foi enviado para casa atividades para serem desenvolvidas de acordo com a disponibilidade da mãe e/ou responsável da criança. Essa parceria como já foi citada é de extrema importância

5.2 Análise crítica e discussão dos resultados esperados

Ao longo do processo, após reuniões e conversas informais com a coordenação pedagógica e

outros membros do colegiado, teve-se a oportunidade de elucidar sobre as questões que envolvem a mediação na prática.

Percebi que no decorrer do processo houve resistência em relação ao desenvolvimento do estágio, porém com o passar do tempo consegui chamar a atenção para o estudo e foi possível uma reunião, sendo aberta uma oportunidade de a pesquisadora conversar sobre a temática. Nessa reunião a estratégia utilizada foi uma dinâmica que trouxe uma reflexão através de um questionário reflexivo (anexo VI) para a temática através da escrita e interação entre os profissionais presentes.

Infelizmente não houve tempo hábil para o desenvolvimento apropriado das atividades que foram planejadas, para serem executadas com o público-alvo. Houve momentos de interação pesquisadora/alunos, porém a pesquisadora compreende que necessitaria de mais tempo para a aplicação do projeto e para coleta de dados mais substanciais para colaborar de uma forma melhor na análise do tema abordado na pesquisa.

No que diz respeito, aos principais objetivos do estágio, foram os seguintes:

- Desenvolver capacidades de evitar um conflito;
- Desenvolver a autonomia, participação e escuta-ativa;
- Desenvolver sentimentos e expressões para a gestão de conflitos;
- Promover a comunicação aberta e melhorar relacionamento;
- Desenvolver boa convivência;
- Desenvolver a capacidade de participação;
- Desenvolver a capacidade de empatia entre as crianças;
- Desenvolver a capacidade de ajudar ao próximo mesmo sem ser solicitado;
- Promover o desenvolvimento intrapessoal e interpessoal;
- Desenvolver o reconhecimento de sua identidade dentro da sociedade.

A intenção era de alcançá-los de forma produtiva e eficaz colaborando desta forma com um ambiente escolar mais acolhedor e democrático, onde todos os desenvolvidos no contexto conseguissem interagir com empatia e tivessem em condições de solucionar os conflitos que pudessem aparecer.

O impacto do estágio na minha vida pessoal foi transformador como um desafio, que me fez perceber o quanto eu teria que aprimorar os meus estudos sendo eles contínuos. Me fez refletir como a mediação de conflitos é de extrema importância no contexto escolar e que muitas vezes quem faz essa função é a Orientação Educacional.

Mesmo compreendendo que a mediação utiliza a comunicação como o ponto chave é grandioso perceber que vai além de resolver conflitos; o ato de mediar atinge objetivos relacionais, modificando

comportamentos, mudando mentalidades e fomentando as relações interpessoais.

A convivência com situações difíceis durante o processo do estágio me fez observar as atitudes e posturas perante as ocorrências, me fazendo refletir e me colocar no lugar do outro para assimilar o que estava se passando. Por mais que tenhamos a empatia é bom frisar que na mediação temos que ser neutros e éticos. Torremorell (2021, p. 70) chama atenção para

a aprendizagem adquirida leva as novas gerações a considerar natural o conflito, o que, com a devida orientação, pode ajudá-las a crescer e se fortalecer. Também se costuma enfatizar os desafios que os conflitos acarretam para os indivíduos, ao mesmo tempo que se esquece do custo dos confrontos para o grupo, o que deve ser levado em conta quando se busca uma solução. Por sua vez, uma compreensão melhor do conflito permite sua melhor expressão e percepção, de modo que as escolas percebam o que não funciona bem, detectem as áreas por aprimorar e identifiquem as oportunidades de mudança.

Pensando que podemos usar essa reflexão para que possamos enfrentar o conflito como forma de mudança e melhoria com o outro, e para superá-los é no dia a dia, na prática, quebrando cabeça, porém sempre com respeito, empatia, humildade e diálogo.

Nos meses em que aconteceu a presença na escola, não criei tantos vínculos com as crianças envolvidas, mas foi criado um vínculo de parceria e troca de conhecimentos com uma professora específica e com a Orientadora Educacional, facilitando o processo de desenvolvimento do estágio.

Em suma, o percurso traçado durante os meses de estágio trouxe à escola e à pesquisadora novas perspectivas de ensino e soluções de conflitos. O fato de redigir um relatório nessa grandeza contribuiu para a minha formação como profissional na área da educação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto escolar, o ambiente deve ser de tranquilidade e bem-estar, para que o processo de aprendizagem seja realizado de forma tranquila e produtiva. Conseguimos desenvolver-nos melhor quando nos sentimos bem e recordamos melhor sobre o conteúdo aquilo que tem um significado para nós positivo e forte.

O espaço escolar confortável, onde sejam oferecidas as devidas condições para os alunos, responsáveis e funcionários, pode ajudar a desenvolver parcerias família-escola, professor-aluno. Dentro desse panorama é possível realizar as atividades com mais atenção e compromisso, dentro e fora de sala de aula. Criar um vínculo com aluno, nem sempre traz problemas, pode trazer cumplicidade, confiança e troca de aprendizagem. Quando se há conflitos entre educandos no ambiente escolar, podemos garantir que os mesmos entraram em contato com seu professor, para conversar e pedir ajuda para solucionar o conflito, caso ele não tenha sido capaz de solucionar sozinho.

Falando ainda sobre o ambiente escolar, quando há conflitos, percebemos que o desempenho dos envolvidos retrocede, sendo necessário uma intervenção. Os motivos desses conflitos são os mais variados tais como *bullying*, “roubo” de objetos e pontualmente as “agressões” como a mordida, no caso da educação infantil, que é o momento que as crianças não conseguem se expressar e usam variadas formas para se expressar.

Em relação ao relacionamento intrapessoal, com olhar pedagógico, o bem-estar escolar visa uma melhoria de comportamento para a construção de aprendizagem com atividades lúdicas e concretas, em espaços apropriados e disponibilizados pela instituição, tendo em mente que o profissional de educação, dentro do ambiente escolar é a chave mestre para o melhor desenvolvimento das relações.

Ao observar situações intrapessoais dentro da instituição, pude perceber que há uma necessidade de humanizar a escola para que possam habitar sentindo-se bem, para fazer um ambiente de produção de aprendizagem e saúde. Quando observei, percebi que as professoras e funcionárias da instituição precisavam de um apoio, que alguém estivesse a disposição para conversar com elas e que pudesse ajudá-las para desenvolver o melhor trabalho.

Assim, é importante salientar a importância da resolução de conflitos no contexto escolar. Tem sido um tema recém-chegado, porém ao desenvolver esse trabalho, pude perceber o quanto tem sido bastante discutido, fazendo refletir sobre como agir frente às situações de conflito no espaço escolar, que passam pela falta de comunicação entre os pares, pela indisciplina, pela autoridade e hierarquia, pela violência e a intolerância entre as diferenças. Faltando a disponibilidade de setores de recursos humanos

para lidar com situações delicadas que geram conflitos.

Ao desenvolver o projeto, com a observação frequente, sendo ela diurna e vespertina, foi proposto a prevenção dos conflitos, por via da mediação, como uma forma preventiva no contexto escolar, partindo da hipótese de que o processo de mediação de conflitos passa pela voluntariedade e a confidencialidade.

Outros aspectos que são indispensáveis na mediação é a neutralidade e a imparcialidade do mediador, não impondo soluções e sim colaborando na reflexão para que os pares consigam solucionar os conflitos. O mediador não pode interferir nas decisões de seus mediados, e sim, abrir horizontes para que encontrem sua melhor opção e que todos saiam ganhando de forma justa e honesta.

Neste sentido, ao iniciar o percurso muitas dúvidas surgiram, como: – será que dará certo?, – será que vou conseguir superar as minhas expectativas e daqueles com quem vou colaborar?, – será que vão me receber e aceitar minha presença bem?, – será que irão me aceitar depois de eu ter sido auxiliar na escola?, – será que o trabalho será bom o suficiente para chegar até o meu objetivo?, – será que ao desenvolver o projeto os objetivos traçados estarão de acordo com os objetivos da escola e pedagogicamente?.

Perguntas assim rondavam o início dessa jornada e do desenvolvimento do projeto. Mas ao entrar na instituição e ao longo do período fui me tranquilizando e as questões sendo respondidas. A minha maior preocupação era em criar um projeto de sucesso, que alcançasse os objetivos traçados e que acreditassem que o projeto poderia ser contínuo e implementado na instituição, após a minha saída.

Portanto, percebi que eu tinha uma rede de apoio que contava com a Orientadora da Universidade de Portugal, com a Orientadora da Universidade do Brasil e a Orientadora da Instituição. Com elas pude aprender e ampliar o meu conhecimento teórico e prático, me passando confiança para a realização do projeto e fechamento desse respectivo trabalho.

Um primeiro contato com a instituição e funcionários foi de insegurança, medo se me aceitariam e se estariam dispostos a conhecer e inovar sobre o tema de Mediação, já que o tema “Mediação” é tratado como inclusão de crianças com deficiência, porém esse medo e insegurança foi se desfazendo aos poucos, foi sendo apresentada a temática de mediação de resolução de conflitos aos professores e funcionários.

E logo no primeiro questionário introdutório, pude constatar o que eu já tinha em mente sobre o que eles conheciam de Mediação. E através de conversas informais pude ir inserindo uma nova consciência, novo conhecimento, uma nova visão sobre a temática, e que a partir daquele momento os professores poderiam refletir sobre como solucionar os conflitos de uma forma mais produtiva e positiva, sem que alguém saísse ganhando ou perdendo, que fosse justo ao solucionar os conflitos criados entre

os envolvidos.

O impacto da realização do projeto no estágio teria sido como esperado, porém, com a paralisação, por questões mundiais do Coronavírus, não foi possível finalizar a prática do estágio, mesmo tentando achar soluções para o desenvolvimento do estágio à distância, não foi possível porque o objetivo principal, que era a convivência e a troca de experiências não seria alcançado.

Mas o tempo em que estive presente consegui dividir meus conhecimentos e aplicar, de alguma forma, as ideias de comunicação clara, escuta ativa e parceria com a instituição, de uma forma neutra e amigável, deixando assim um novo tema a se pensar e aplicar ao decorrer dos próximos anos.

Concluimos que não é fácil aprender e aplicar de como gerir os conflitos através da mediação, precisa-se de muito estudo, compreensão, neutralidade, criatividade, inovação e responsabilidade. Através desse projeto aprendi que sou capaz de tomar decisões em curto e longo prazo, comunicar de forma positiva, clara e eficaz, de gerar empatia, estabelecer vínculos em contextos socioeducativos, aprimorando as relações intrapessoais, utilizando as emoções, o diálogo e o pensamento crítico e inovador nas resoluções de problemas.

Acredito que esse projeto possibilitou o plantio de uma sementinha na instituição em que foi desenvolvido o estágio, a cada vez que pude ajudar a resolver uma questão ou até mesmo nos encontros mais informais. Foram momentos especiais que guardarei no fundo do coração e levarei essa troca de experiências para a vida afora. Sei que essa sementinha irá germinar e tem tudo para se desenvolver dando frutos que serão capazes de semear mais sementinhas por aí.

REFERÊNCIAS

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta de Coimbra.
- Almeida, H. (2018). *Dimensões de análise da mediação. Contribuições reflexivas sobre mediação escolar em Portugal*. Universidade Aberta de Coimbra.
- Antunes, C. (2012). *Educação infantil: prioridade imprescindível*. Vozes.
- Baruel, E. O. S., & Machado, S. C. D. A. E. S. *Como entender a mudança para 9 anos do Ensino Fundamental?* <https://acervo.plannetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=815>.
- Brandão, I. C. (2012). *Mediação de Conflitos em Contexto Escolar*. Universidade do Minho.
- Brandoni, F. (2017) *Conflictos en la escuela*. EDUNTREF.
- Brasil (1996). *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Presidência da República. Casa Civil.
- Brasil (2019). *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidente da República. Casa Civil.
- Cambraia, A. & Pedrosa, J. (2018). *Mediação Escolar: do conflito ao diálogo*. Faculdade Metodista Centenário de Santa Maria, Rio Grande do Sul.
- Candau, V. M. F. (2012). *Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Castro, A. C. (2012). *Características e finalidades da Investigação-Ação*. Coordenação do Ensino do Português na Alemanha.
- Chripino, A. (2007). *Gestão de conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação*. Educ.
- Costa, E.P. (2018). *Propuesta de Modelos de Proyecto de Mediación de Conflictos*. Universidade Lusófona do Porto.
- Coutinho, C. (2004). *Quantitativo versus Qualitativo: questões paradigmáticas na pesquisa em avaliação*. Universidade do Minho.
- Coutinho, C. (2011). *Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação*. In: Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Almedina.
- Coutinho, C. P. (2009). *Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Revista Psicologia, Educação e Cultura, 12(2), 355-379.
- Covey, S. R. (2021). *Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes*. Franklin Covey.
- Dias, B. S. & Oliveira, G. F. & Sirino, M. S. & Ferraz, R. C. S. (2018). *Adaptação na Educação Infantil: Reações das crianças durante o processo de adaptação escolar na educação infantil*. Universidade

Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB): Bahia

Educação, M. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, Brasil.

Fernández, I. (2014). *Prevención de la Violencia y Resolución de Conflictos: El Clima Escolar Como Factor de Calidad*. Narcea.

Flores, M. A., Costa e Silva, A. M., & Fernandes, S. (2018). *Contextos de Mediação e de desenvolvimento profissional*. Defacto.

Jares, X. R. (2002) *Educação e Conflito: Guia de educação para a convivência*. Asa.

Jesus, C. (2012). *Gestão de conflitos na escola*. Beja.

Lascoux, J. L. (2009). *A prática da mediação: um método alternativo de resolução de conflitos*. Rede Europeia Anti-Pobreza.

Latorre, A. (2003). *La Investigación- Acción: Conocer y cambiar la práctica educativa*. Barcelona: Graó.

Lima (2011). *Escola não é circo e professor não é palhaço*. Wak.

Martins, H. H. (2004). *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Universidade de São Paulo.

Morgado, C. & Oliveira, I. (2009). *Mediação em contexto escolar: transformar o conflito em oportunidade*. Exedra.

Pease, B., Pease, A. (2005). *Desvendando os segredos da linguagem corporal*. Sextante.

Pinto Da Costa, E. (2017). *A Mediação de Conflitos em Portugal. Sistemas públicos de mediação (familiar, penal, laboral e nos Julgados de Paz)*. Edições Universitárias Lusófonas.

Rosenberg, M. B. (2021). *Comunicação Não Violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. Ágora.

Silva, A. M. C. (2016). *Mediação Formadora e Sujeito Aprendente ao longo da vida*. Universidade do Minho.

Silva, E. P. (2014). *Mediação Escolar: uma ponte para a resolução de conflitos*. Universidade do Minho.

Oliveira, T., & Cruz, A. (2018). *Mediação de Conflitos Escolares: Educação para a cidadania e direitos humanos*. JusBrasil.

Simões, A. M. V., Caetano, A. P., & Freire, I. (2009). *Tutoria e Mediação em Educação*. Educa.

Torremorell. M. C. B (2021). *Mediação de Conflitos na escola*. Summus.

Torremorell. M. C. B. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto.

Anexo I - Questionário Introdutório



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sou aluna do 2º ano do Mestrado em Educação da Universidade do Minho e encontro-me a realizar o estágio curricular nesta instituição, junto com a Coordenadora da Educação Infantil e Orientadora Educacional. O objetivo deste questionário é compreender o que as profissionais de ensino conhecem sobre Mediação Educacional.

Garanto o anonimato e a confidencialidade dos dados. A finalidade deste inquérito é meramente académica. Agradeço a atenção e a colaboração.

Assinale com um **X** a opção que corresponder ao seu caso.

1. Idade: _____

2. Sexo: Masculino. Feminino.

3. Qual a função exercida? _____

4. Já ouviu falar sobre Mediação Educacional? Sim. Não. Se sim, qual o contexto?

5. Já teve formação em relação a Mediação Educacional? Sim. Não. Se sim, qual o contexto?

6. O que é que a Mediação Educacional lhe sugere?

7. Ficou mais clara a ideia sobre o que é a Mediação Educacional após a apresentação?

Sim. Não. Talvez. Por favor, justifique.

8. Faria uma formação breve em Mediação Educacional?

Sim. Não. Talvez. Por quê?

Obrigada pela atenção disponibilizada,
Mariana Silva.

Anexo II - Resumo de observação de Estágio: Período do dia 26 de agosto a 12 de setembro de 2019



Nome da aluna: Mariana Gonçalves Fonseca Silva
Número da aluna: PG35869

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Estágio desenvolvido em uma Instituição particular de ensino no Rio de Janeiro,

Observações feitas na escola:

- Falta de reuniões semanais com as professoras para conversar sobre o desenvolvimento das crianças, tendo apenas o contato rápido do dia a dia para passar as informações de dentro de sala de aula para coordenação;
- Em torno de 185 alunos na Educação Infantil, os dois turnos (manhã e tarde);
- Crianças no integral não chegam a 10 alunos;
- A Orientadora Educacional critica a Coordenadora, porque perdeu a autonomia de trabalho, relatou que ela tem atitudes desagradáveis com as crianças e família;
- Pais questionaram e cobraram a falta de aula extra no período que teve a Olimpíadas escolar e a responsável pela Educação Infantil, acabou sob pressão e se enrolou ao conversar com pais;
- Pais vaiando em momento de apresentação na Olimpíadas e a professora Y, deu um “esporro”, nos pais pela atitude incorreta deles.

Observações feitas nos professores:

- Falta de organização nas apresentações de slide para reunião de pais;
- Professores com faixa etária de 40-50 anos;
- Professores ficaram preocupados com minha presença, até o dia da reunião pedagógica, onde foi conversado sobre o meu objetivo de estar presente no colégio;
- Professores com postura de insatisfeitos e que inclusive, já foi observado pela Orientadora Educacional;
- Professoras que perdem a paciência e já logo mandam a criança para a sala da coordenação;
- Preferências em crianças desenvolvidas ou crianças que são filhos de professoras do colégio;
- Ao decorrer das olimpíadas, verifiquei que as professoras só comemoravam com quem ganhava, não havia interação com quem perdia, um abraço ou uma palavra de força para que a criança não ficasse sentida, observei também que os professores eram competitivos entre si e por isso acabava refletindo nas crianças.

Observações feitas nas crianças:

- Crianças com dificuldades e transtornos dentro de sala de aula, sem mediação de inclusão;
- Crianças com famílias ausentes e outras com famílias autoritárias;
- Crianças com mau comportamento durante as aulas, visto algumas ser reflexo de dentro de casa;
- Durante as olimpíadas, as crianças apresentaram comportamentos de competição e de tristeza quando se perdia.

- Casos específicos de crianças:

- *Caso criança M:* Criança com má formação das mãos e dos pés, pais que mudaram profissionais porque querem apenas ouvir o que lhe interessam, a professora de turma é impedida de falar o que realmente deve, porque não permitem que fale a verdade.
- *Caso criança X:* Novamente a criança X volta a ter conflitos na escola, sendo que o caso seria do irmão. A criança com transtorno comportamental que influenciava na personalidade do irmão. Sendo assim eles foram separados no Pré II, para que ambos pudessem se desenvolver pedagogicamente e

psicologicamente. A mãe, como não aceitou essa separação pediu para conversar com a coordenadora que permaneceu com sua atitude de não os juntar. Não satisfeita, solicitou uma reunião com a diretora e vice-diretora, para expor a situação, onde foi cedido que a criança X iria para a turma do irmão. O irmão por, todavia, que estava se desenvolvendo positivamente a relação intrapessoal, retornou em seguida ter comportamentos retraídos.

Visão da Orientadora Educacional:

- Professoras autoritárias;
- Falta de sensibilidade das professoras com as crianças, não observando o histórico emocional;
- A Irmã Patrícia tem o seu grupo de preferência, na visão da Orientação pedagógica, essa situação atrapalha na aplicação do trabalho Coordenadora Pedagógica;

Visão da Coordenadora Pedagógica:

- De primeiro momento não compreendeu a minha presença na escola, ainda se encontra confusa e solicitou o meu livro de Contextos, para que pudesse se aprofundar no assunto e aprimorar a visão de que a Mediação Educacional não é em torno da Inclusão e sim de Resoluções de dificuldades de relações;
- Afirma que os pais estão cobrando a escola para educar e não por ensinar os alunos;
- Afirmou que não há troca com os professores semanais, apenas quando se passa pelas salas de aula, não tendo o ambiente tranquilo para uma troca de ideias e conversa sobre cada criança especificamente;

Sugestões de temas para desenvolvimento na escola:

- A adaptação das relações afetivas nos anos iniciais;
Desenvolver a questão socioafetiva, onde a mãe tem o primeiro contato com a escola e deixa o seu filho pela primeira vez na escola, qual a reação da mãe, qual a reação da criança, como as professoras lidam com as atitudes dos pequenos ao se desgrudar da mãe pela primeira vez, como podemos colaborar para que a mãe tenha confiança e segurança em deixar o seu filho no colégio; trabalhar em uma turma no turno da manhã e outra no turno da tarde.
- Como o professor soluciona o conflito dentro de sala de aula;
Desenvolver de forma que o professor entenda que a criança tem outras relações e vivências fora da escola e que podemos trabalhar em conjunto com a vivência. O professor está satisfeito com o seu emprego profissional e o pessoal; ele mistura os seus problemas no ambiente de trabalho e reflete nas atitudes dos seus alunos, criando conflitos com o mesmo; O professor encontra preparado para prevenir ou solucionar os conflitos que surgem através da criança, sendo ela familiar ou aluno-aluno;
- Sugestão da Coordenadora é trabalhar com os alunos com transtornos comportamentais e família, porém não entrou em detalhe de como podemos fazer isso.

Observação do questionário de introdução:

- Fui vetada pela coordenadora pedagógica de apresentar sobre a Mediação Educacional na reunião pedagógica como combinado, porém a Orientadora Educacional fez uma breve apresentação, mas as professoras não compreenderam o objetivo da Mediação na escola.
- A maioria colocou que pensa que a Mediação Educacional é a inclusão de crianças com necessidades especiais no ambiente escolar.
- E que aceitariam fazer uma breve formação para conhecer e compreender o lado da Mediação Educacional.

Anexo III - Resumo de observação de Estágio: Período do dia 26 de setembro a 11 de outubro de 2019



Nome da aluna: Mariana Gonçalves Fonseca Silva
Número da aluna: PG35869

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Estágio desenvolvido Instituição de Ensino no Rio de Janeiro, orientado pela Orientadora Educacional.

Observações feitas na escola:

Escola estimulando os profissionais da educação através de uma palestra sobre “Comprometimento e persistência: Não desista do seu troféu”, onde tratava da valorização do profissional e o quanto é importante estar disposto a aprender e se renovar, que nós crescemos junto com o colégio e que antes de liderar o próximo precisamos nos autoconhecer. O trabalho deve ser apenas para o sucesso pessoal, para que a empresa valorize e que tenha uma base sólida, com profissionais competentes.

Outra observação persistente e que ouço bastante da Orientadora Educacional, é a diferença de gestões. Onde uma gestão a orientação tinha total liberdade para entrar em ação quanto educacional quanto pedagógica, sendo agora limitada apenas na Orientação Educacional, sem qualquer troca de ideias dentro da equipe.

Inclusive já observei e já chegou até a mim, que há grupinhos preferidos pela coordenadora, e que dificulta no desenvolvimento do trabalho da coordenação e troca de ideias entre as responsáveis.

Observações feitas nos professores:

Observei que teve problemas entre professores e funcionários. Dois casos específicos e que fiquei a par, através de professores e consegui averiguar os fatos com a Orientadora Educacional, que também sabia somente algumas partes da situação.

- Caso 1: A funcionária 1 toma medicamentos que alteram o humor, dias sorrindo e outros sem ao menos falar “boa tarde”. Houve um dia que a funcionária 1 não estava bem com seu humor e tratou a Professora 1 de forma inadequada e ainda se retirou do ambiente de trabalho e só apareceu no dia seguinte. A Coordenadora ficou sabendo da situação por outra funcionária, e logo interveio conversando com a funcionária 1. Não fiquei mais sabendo de outras conversas e situações em relação a ela.

- Caso Professora: A professora do Maternal II da manhã, ficou substituindo a auxiliar da tarde na turma do Berçário II, na manhã seguinte comentou com sua auxiliar do Maternal II, que uma criança (aluno e filho da Professora) era muito simpática e diferente da mãe. A auxiliar comentou em casa, onde se encontrava mais uma auxiliar do colégio, que a professora X tinha falado sobre, e essa auxiliar, chegou no dia seguinte contando o que tinha ouvido. Logo, começou a confusão e a professora foi tirar satisfação. A Coordenação interveio colocando todos um de frente para o outro, sem ao menos conversar separadamente para saber os motivos exatos da confusão, inclusive me contaram que a Diretora pedagógica, esteve presente para conversar também com elas.

Observações feitas nas crianças:

- Casos específicos de criança:
 - *Caso x*: Nesse período de observação tive a oportunidade de vivenciar com a criança X tendo crise de transtorno comportamental, como não é nosso objetivo diagnosticar uma criança, chegamos à conclusão informalmente, através de conversas e observações feitas pela professora, Orientadora Educacional e a mediadora de inclusão da criança x, que é provável que ele venha sofrendo de transtornos comportamentais, excesso de ansiedade e já diagnosticado pelos médicos uma criança com TDAH

(Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade).

A criança X fica extremamente agressiva e pega a cadeira para jogar em quem tiver a frente, agride um amigo específico e agride quem tiver por perto tentando o acalmar, ou apenas observando o comportamento, também teve situação dele cuspir em quem passasse por perto. Nesse dia do ocorrido a mãe foi imediatamente chamada para tentar acalmá-lo, mas também não conseguiu de imediato, acalmando apenas quando a mãe ameaçou a bater. A mãe foi chamada no dia seguinte para reunião com a Orientadora Educacional e a Vice-Diretora da instituição, e tiveram uma longa conversa sobre o comportamento da criança X, e deixaram claro que o comportamento dele vem atrapalhando o desempenho da turma. A mãe disse que foi ao neurologista, mas que não concorda em dar os medicamentos e que hoje, têm medo de como será o futuro dele.

A escola já vem sinalizando os comportamentos desta criança X desde o Maternal e nunca foi ouvida, hoje a situação chegou ao extremo e observamos que a mãe também não há mais o controle.

Observando as crianças que se encontram na sala de aula, sentimos que elas se encontram assustadas e evitando a convivência com ele, as crianças saem de perto e não querem brincar com ele. O irmão da criança X, que também se encontra na mesma turma, se sente assustado e fica retraído quando a criança X está por perto, não tendo a liberdade de ser quem ele é, por ter sempre seu irmão no meio, chamando a atenção de todos.

Sugestões de temas para desenvolvimento na escola:

- A adaptação das relações afetivas nos anos iniciais;

Desenvolver a questão socioafetiva, onde a mãe tem o primeiro contato com a escola e deixa o seu filho pela primeira vez na escola, qual a reação da mãe, qual a reação da criança, como as professoras lidam com as atitudes dos pequenos ao se desgrudar da mãe pela primeira vez, como podemos colaborar para que a mãe tenha confiança e segurança em deixar o seu filho no colégio; trabalhar em uma turma no turno da manhã e outra no turno da tarde.

- Como o professor soluciona o conflito dentro de sala de aula;

Desenvolver de forma que o professor entenda que a criança tem outras relações e vivências fora da escola e que podemos trabalhar em conjunto com a vivência. O professor está satisfeito com o seu emprego profissional e o pessoal; ele mistura os seus problemas no ambiente de trabalho e reflete nas atitudes dos seus alunos, criando conflitos com o mesmo; O professor encontra preparado para prevenir ou solucionar os conflitos que surgem através da criança, sendo ela familiar ou aluno-aluno;

- A gestão na estimulação do profissional da Educação; (NOVA SUGESTÃO)

Como a gestão escolar estimula o profissional de educação, fazendo um trabalho de prevenção de conflitos no ambiente profissional;

Como o professor lida com essa estimulação e o que acha que deve ser estimulado;

Desenvolver noção de liderança, espaço que cada profissional atua e estimular novos conhecimentos;

Trabalhar com casos de mediação para que professores e gestores solucionem e que possam trazer para o seu contexto atual.

Como deve ser feita essa mediação, de que forma conseguimos trabalhar a prevenção de conflitos no ambiente profissional.

- Como os professores lidam e mediam as relações interpessoais com criança especiais; (NOVA SUGESTÃO)

Os professores estão dispostos a aprender e executar os conhecimentos adquiridos para o melhor desempenho da criança?

Como é feita a mediação preventiva das crianças de inclusão.

-A relação socioafetiva no ambiente educacional (NOVA SUGESTÃO)

Trabalho integrado com os alunos e professores, tratando sobre a relação com o outro e com o professor, de forma preventiva e resolutive;

Desenvolver um momento de interação descontraído com as turmas a partir de atividades psicomotoras, trabalhando o respeito as diferenças, não necessariamente que tenha uma patologia e a ajuda ao próximo;
Desenvolver o autoconhecimento dos sentimentos.

Observação do questionário de introdução:

Obtive retorno do questionário, que se interessam em uma conversa para compreender a fundo sobre Mediação Educacional e as respostas do 1º questionário de introdução.

Anexo IV - Resumo de observação de Estágio: Período do dia 16 de outubro a 16 de dezembro de 2019



Nome da aluna: Mariana Gonçalves Fonseca Silva
Número da aluna: PG35869

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Estágio desenvolvido na Instituição de Ensino no Rio de Janeiro, orientado pela Orientadora Educacional.

Observações feitas na escola:

Pude observar a parceria família-escola quando uma mãe solicitou uma conversa com a coordenação para comunicar que a situação familiar andava em crise e que aconteceria a separação dos responsáveis da criança. Sendo assim, a escola ficaria atenta nas atitudes da criança, podendo trabalhar preventivamente caso observasse alterações de comportamento. Essa parceria família-escola é fundamental para o desenvolvimento social e cognitivo da criança no meio escolar e social.

Já uma outra situação que ocorreu, foi de uma mãe chegar na escola cobrando que desse uma solução de como faria com o filho, já que ele não iria participar do passeio escolar, a coordenação sugeriu que ele ficasse no período integral, já que a professora de turma também estaria no passeio. A mãe aceitou e levou a criança no dia seguinte para o integral, enquanto seus colegas de classe estavam no passeio.

O caso de um aluno X retornou a ocorrer. Sendo necessário de uma intervenção de duas professoras para acalmá-lo. Essa criança já foi citada em outros resumos de observação, porém como não conseguiram uma parceria com a família e rede de apoio extraescolar, não está sendo possível solucionar a questão.

Tive relatos que uma determinada professora se sente incomodada com a presença de outros profissionais na sala, pois só aparecem em festas para comer e nem sequer dá bom dia/boa tarde e parabeniza a criança aniversariante. Trazendo constrangimento no momento da festa.

Também foi observado em uma criança específica que chamaremos de W, que não aceitou a história contada pela auxiliar de turma, por ser história de menininha e de princesa. Cuspiu na auxiliar e bateu nela, a coordenação foi chamada para intervir, a criança foi levada para a sala de coordenação e foi conversado sobre essa questão de menino/menina, e que ambos podem ouvir histórias de princesas e príncipes, monstros e fadas, tendo todos o momento de escolha e de ouvir o outro. Não houve ocorrência de novas atitudes até o fechamento desse resumo.

Presenciei situações de parceria escola-família que muito me agradaram em ver a empatia e colaboração de ambos. Ocorreu de ter uma mãe internada durante 8 dias no CTI e a criança não estava indo para a escola, perdendo as atividades e dinâmicas desenvolvidas pela professora. Após o retorno da criança na escola, foi enviado para casa atividades para serem desenvolvidas de acordo com a disponibilidade da mãe e/ou responsável da criança. Essa parceria como já foi citada é de extrema importância.

Nesse período de observação consegui uma reunião mais estruturada com a coordenação onde pude fazer com que ela refletisse sobre suas ações e propostas de ensino. Também consegui nessa reunião saber sobre o que ela pensava sobre o estágio que estava sendo ali efetuado. (anexo)

Consegui informações fundamentais para a elaboração do projeto de estágio e fundamentar o meu plano de atividades e escolher meu público-alvo, mesmo que meu interesse fosse trabalhar com os professores e funcionários. Percebi que não seria possível, já que eu tocava em situações delicadas e apontaria ocorrências que a escola não me permitiria ir a frente com o trabalho. Por isso, o público-alvo foi escolhido ser as crianças.

Pensando no público-alvo, optei por observar mais de perto os trabalhos que eram desenvolvidos com as crianças e família. E enquanto estive presente nesses meses de outubro, novembro

e dezembro, observei que é feito um trabalho preventivo de mordidas, piolho, bullying e entre outros. Porém alguns trabalhos não têm o objetivo alcançado e acaba ocorrendo o conflito.

A situação que mais ocorre é a mordida, por ser um processo normal no início da vida e ocorre principalmente com a criança que não consegue verbalizar o que ela está sentindo. Por exemplo, a criança ao brincar, não tem condições psicológicas, neurológicas e de vocabulário para solicitar emprestado, sendo assim por querer satisfazer a sua necessidade, acaba mordendo e não é querendo ser agressiva e sim tendo a falta de maturidade de expressar os seus sentimentos, por ser um extinto da criança.

Esse tipo de trabalho é difícil tanto para a mãe que tem o filho mordido, quanto para a mãe da criança que mordeu. Pois, é difícil a compreensão de que a criança que mordeu não é agressiva e que na realidade está se expressando. O trabalho é feito tanto com as crianças quanto com as mães, preventivamente e quando ocorre o conflito.

Casos assim, é feito reunião com a coordenação, orientação educacional e com o professor de turma, para que os pais se sintam acolhidos e tranquilizados. Já no trabalho preventivo, é entregue aos pais no primeiro dia de reunião, antes das aulas se iniciarem, um texto explicativo sobre esse processo de mordida que ocorre no início do meu público-alvo. O trabalho com as crianças é desenvolvido através de contação de histórias e desenvolvimento de atividades que expressem o que sentem.

No ambiente escolar não há apenas conflitos a serem resolvidos, presenciei muitas vezes no final do ano, situações de sucesso de trabalho, como era o caso da criança P, que aos poucos estava desenvolvendo a fala, interagindo com professora e socializando com as crianças de sua turma. Esse sucesso só foi possível porque houve uma rede de apoio para estimular e orientar os pais para que o desenvolvimento fosse efetivo.

Nesse período também tivemos novamente relatos de uma criança específica, que chegou em casa falando que uma funcionária teria o trancado no banheiro e que todos a volta dele estariam batendo nele, eu estava presente na maioria das crises que ele teve e posso afirmar que quem batia era ele nos funcionários ao redor, cuspiam em quem tivesse por perto e ainda quebrava os objetos que estavam por perto. A resolução em que a mãe chegou era retirar as crianças da escola, pois era ele e o irmão que estudavam na escola e na mesma sala. O caso foi repassado para a Assistente Social da instituição e o caso foi silenciado no prédio da Educação Infantil.

Os casos na escola são constantes de mães ter autoridade na escola e fazer o que bem entender, tirando a autoridade da direção, coordenação e professor. Nesses casos, eu não pude observar de perto, já que não era meu público-alvo, mesmo influenciando nas atitudes e emocionalmente nas crianças, mas a escola optou por me limitar em alguns quesitos. O que eu sabia a partir daqui, era apenas o que era me passado de forma informal pela orientadora educacional.

Com isso, observei mais a rotina das crianças junto aos professores e auxiliares de turma. A rotina escolar contava com rodinha inicial, atividades dirigidas, jogos e atividades soltas para que desenvolvessem a autonomia e parceria grupal. Todos tinham o seu momento com a professora para conversar e executar as atividades dirigidas. As aulas extras os professores também davam atenção e focava em prevenir os conflitos.

O último ponto referente aos alunos a ser tocado nesse resumo, são os ensaios para o auto de Natal, que acontece da mesma forma quando há as olimpíadas da escola. Os professores perdem o seu momento de atividades com os alunos dentro de aula e ficam à disposição do teatro para os ensaios diários para a realização do auto de Natal. O auto de Natal é dirigido pela Professora de religião, a coordenação e uma professora convidada.

Nesse período as atividades extras são suspensas, pois os professores se encontram organizando o teatro e o roteiro da apresentação. Ocorreu de muitos professores de turma reclamarem com a coordenação, pois utilizam esses horários vagos, para planejamento de aulas, correções de atividades e reunião com pais.

O fechamento do ano é de grande importância, para avaliarmos os nossos fracassos e sucessos e pensando nisso, eu propus a coordenação de fazer uma dinâmica junto a orientadora no dia da reunião pedagógica, e me permitiram fazer. Sendo assim foi feito um questionário de reflexão de ano. Foi pensado em qual palavra descrevia o ano letivo de 2019 e qual palavra descreveria o objetivo para o ano de 2020.

No dia da reunião os professores foram participativos, colaboraram com a dinâmica e aceitaram mais facilmente a ouvir sobre a mediação e como seria o meu trabalho no próximo ano e que as crianças teriam um horário fixo na semana comigo, inicialmente apenas no primeiro semestre, podendo alongar até o segundo semestre, caso fosse de desejo da instituição.

Anexo V - Questões a conversar e refletir com a Coordenadora

- 1) Está disposta a ouvir e melhorar?
- 2) O que percebe nas suas atitudes que influenciam no contexto escolar?
- 3) Como a senhora vê os professores na escola? Estão atingindo o esperado?
- 4) Acha que o trabalho será melhor desenvolvido individualmente do que em grupo?
- 5) Como consegue ver melhores mudanças? E quais são elas?
- 6) Como deveriam ser essas mudanças?
- 7) Como é visto as questões de conflito na escola? Como a senhora lida com eles?
- 8) Como resolve os conflitos já existentes?
- 9) E como é feito o preventivo de conflitos?
- 10) Sente que há uma liderança? Como descreveria essa liderança?
- 11) Os professores e funcionários respeitam essa liderança?

Anexo VI - Resumo de observação de Estágio: Período do dia 06 de fevereiro a 13 de março de 2020



Nome da aluna: Mariana Gonçalves Fonseca Silva
Número da aluna: PG35869

Estágio desenvolvido em uma Instituição de Ensino no Rio de Janeiro, orientado pela Orientadora Educacional.

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Observações feitas na escola:

Ao retornar à escola após as férias escolares, percebi a grande quantidade de alunos que tinham saído da escola. Percebemos o baixo nível de procura de responsáveis para matricular seus filhos na instituição e/ou até mesmo de procurar para uma conversa inicial.

Antes do início das aulas, houve a reunião pedagógica inicial onde pude junto a orientadora educacional aplicar uma dinâmica para que as professoras e funcionários se reaproximassem, afinal era um novo ano, novas possibilidades. Foi observado que as professoras de início estavam contentes e dispostas, acreditamos que seja por consequência do longo descanso das férias.

A escola encontrava-se em festa com o retorno das aulas, porém saíram muitas crianças e poucas entradas de novos alunos. Professoras foram apresentadas aos seus novos alunos e responsáveis, empolgadas para desenvolver um trabalho de sucesso. Sendo assim, iniciou-se o período de adaptação, os menores (turma do Berçário I, Maternal I e II) ficavam menos tempo na escola, apenas para conhecer o ambiente, a nova professora e reencontrar os novos amiguinhos. As outras turmas (Pré I e II e 1º ano), iniciaram logo as atividades.

A turma dos menores foi dividida em dois grupos, para que a professora pudesse conhecer e dar atenção individualmente. Algumas crianças estranharam e solicitaram os seus responsáveis, a escola tem como regra que os pais no período de adaptação estejam em ambiente próximo ao colégio para que a criança o solicite, chegue rápido para acalmar e mostrar o ambiente confiável que a instituição é.

Em relação ao quadro de horários de professores, ficou em aberto até o período de carnaval, não podendo sistematizar a aplicação das minhas atividades em sessões com o meu público-alvo, tendo que aguardar o retorno das aulas e nova adaptação em março.

Observações feitas nas crianças:

Com o objetivo do projeto já estabelecido, foquei em observar as crianças, sendo assim pude observar o caso da criança que chamaremos de J.

- Caso criança J – Ao observar as atitudes e a relação com professora e colegas de classe, notei que havia um trauma ao fazer os trabalhos solicitados. A criança J, não aceitava errar e por isso ao a professora solicitar que ela corrigisse a atividade errada, ela chorava. A partir dessas atitudes começamos a observar mais cautelosamente o motivo de fazer isso, e ao conversar com a mãe, a orientadora educacional soube que a professora anterior era grosseira e apagava as atividades da criança J, sem ao menos explicar o motivo do erro.

Foi passado para nova professora o ocorrido e ela se comprometeu que suas atitudes seriam diferentes, visando o individualismo de cada indivíduo.

- Caso criança H – No início das aulas foi observado que uma criança estava sendo excluída pela professora, por precisar de um apoio mais constante. Essa criança H estava com uma mediadora de inclusão (MI), e por isso a professora não se preocupava em realizar as atividades com a criança, dando a obrigação para a MI. A orientadora

educacional entrou em contato com a professora de turma e a mediadora de inclusão separadamente, para compreender o ocorrido e solucionar essa questão. Foi resolvido que a professora iria dar mais atenção e que a MI apoiaria em situações necessárias, como ir ao banheiro, ajudar nas tarefas que fossem solicitadas que as crianças fizessem sozinhas para trabalhar a autonomia e que no caso da criança H, era necessário da mediação inclusiva.

- Foi observado que crianças estavam faltosas devido ao carnaval se aproximando e como é de dever da escola entrar em contato com os responsáveis, foi informado que estavam em viagem com os pais de férias ainda, doentes e/ou problemas pessoais e familiares.

Observações feitas através do convívio diário na instituição:

Foi me solicitado para ficar em uma turma, junto a auxiliar de turma, para que a professora juntamente a orientadora educacional pudessem fazer uma reunião com a mãe. Em sala pude compreender a dinâmica da turma, me foi passado o que deveria ser feito pedagogicamente, como atividades dirigidas e atividade psicomotora. A professora antes de sair para reunião, perguntou a auxiliar o que ela achava que deveria se fazer no dia, sendo que essa missão e compromisso é do professor e não da auxiliar.

E ao observar a auxiliar na mesa com as crianças enquanto eu as chamava para fazer atividade, percebi que as crianças que estavam próximo a ela tinham mais atenção e estimulação da imaginação ao brincar de massinha de modelar, do que as que estavam distantes. Ao finalizar o trabalho dirigido, me posicionei na mesa onde eu pudesse brincar com todos e incentivar a imaginação do grupo ao invés do individual.

Outra questão que foi observada na instituição foi em relação ao Dia Internacional das Mulheres, onde não há uma sincronização de atividades em todas as turmas, uma turma faz atividade para entregar a mãe pelo dia e a outra não. A criança que não leva e a mãe que não recebe se sente incomodada ao ver a situação, dando a perceber que falta interação, parceria e coordenação pedagógica para guiar esses profissionais de educação.

Outro ocorrido que vale ressaltar é o posicionamento da escola perante a situações de riscos com as crianças, houve uma criança passando muito mal, vomitando e que chegou a desmaiar, imediatamente a escola ligou para os responsáveis, acionou o seguro escolar e levaram para o hospital que os pais indicaram para o atendimento. Felizmente, era apenas uma virose e a parceria escola-família foi de muito sucesso.

Foi observado que há situações em que as crianças ao se machucarem, vão até a enfermaria sem acompanhamento de auxiliar ou professora. Nesses casos a responsável da enfermaria necessita ir até a sala da criança para saber do ocorrido e para registrar e passar a coordenação.

Após a data de 16 de março de 2020, as aulas foram interrompidas por causa da pandemia do Corona vírus, e até então ficariam suspensas por 15 dias, mas o agravamento da situação ocorreu e não houve o retorno das aulas presenciais.

Tive informações que muitos pais retiraram as crianças durante o período de pandemia e que meu planejamento de atividades não seria viável fazer remotamente, encerrando assim meu estágio na instituição.

Anexo VII – Questionário Reflexivo



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sou aluna do 2º ano do Mestrado em Educação da Universidade do Minho e encontro-me a realizar o estágio curricular nesta instituição, junto com a Coordenadora da Educação Infantil e Orientadora Educacional. O objetivo desta reflexão é identificar as falhas e pensar em melhorias e reconhecer os sucessos durante o ano letivo de 2019.

Garanto anonimato e a confidencialidade dos dados. A finalidade deste inquérito é meramente académica. Agradeço à atenção e a colaboração.

“Porque as pessoas loucas o bastante para acreditar que podem mudar o mundo, são as que mudam” - **Jack Kerouac**

Assinale com um **X** à opção que corresponder ao seu caso.

1. Idade: _____

2. Sexo: _____

3. Qual a função exercida? _____

4. Defina em uma palavra seu ano de 2019: _____

5. Acredita que com essa palavra pode-se refletir e melhorar para o próximo ano? Sim.

Não.

6. O que espera para o ano de 2020 em seu ambiente de trabalho?

7. Qual palavra descreve seus objetivos para o ano de 2020? _____

Obrigada pela atenção disponibilizada,

Mariana Silva.